



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOAQUIM AVELINO CAFUNDA NANGA

**Igreja Católica em Angola entre a guerra
e a paz
Um olhar a partir da experiência Verbita
(1975-2002)**

Dissertação Final
Sob orientação
Prof. Doutor António Matos Ferreira

Lisboa, Janeiro de 2019

DEDICATÓRIA

Às vítimas da guerra cívil angolana

AGRADECIMENTOS

Se diz no contexto africano: *“quem muito agradece é mentiroso, mas também quem não agradece é feiticeiro”*, o comum de todos os Bantu é mesmo agradecer. Por isso, deforma perene gravo nestas páginas o meu reconhecimento a Deus Uno e Trino, autor da vida por excelência e de quem depende toda a minha existência.

Ao meu pai Avelino Canganjo de feliz memória (que Deus o tenha na sua morada eterna!) e a minha mãe Venância Samba (incansável camponesa!), por serem os protótipos da minha formação académica e religiosa e pelos indispensáveis valores da ética tradicional umbundu que me transmitiram. À minha família em geral (irmãos, tios, primos, sobrinhos e aos meus avós), pois nomeá-los correrei o risco de esquecer alguém.

Aos missionários do Verbo Divino aos quais pertenci desde a minha adolescência e juventude, especialmente àqueles que foram os meus formadores desde o propedêutico até ao 5º ano do curso de Mestrado Integrado em Teologia nomeadamente: Pe. Henrique Slusarczyk, Pe. José Villas, Ir. Júlio Ausin, Ir. Dorvalino Cantelli, Pe. José Eguisábal, Pe. Floriano Jaling e Pe. Devendra Bhuriya pelo amor que me concederam. Ao provincial de Angola Pe. João Ladeira, e ao provincial de Portugal Pe. António Leite, pela educação e estímulo.

Um singelo agradecimento vai para Reverendíssimo Senhor Dom Zeferino Zeca Martins SVD, Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese do Huambo que, como provincial dos Missionários do Verbo Divino em Angola me enviou a Portugal para dar continuidade aos estudos teológicos.

O meu agradecimento é extensivo a todos os meus professores da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa pelo saber que me transmitiram nas diversas áreas do curso. Com os professores, agradeço à instituição, na sua globalidade, espaço da minha formação académica e espiritual.

Ao meu tutor Prof. Dr. António Matos Ferreira pela disponibilidade, ajuda e incentivo ao presente trabalho. Agradeço sobretudo pela abertura de horizontes e pela possibilidade de aprender que me deu para reflectir a minha experiência missionária verbita em Angola.

O meu muito obrigado ao Pe. Tony Neves, antigo provincial dos Missionários do Espírito Santo em Portugal pela sua experiência de missão em Angola que me transmitiu, agradeço pela possibilidade que me deu de ter acesso a bibliografia necessária para a construção deste trabalho e que me pedia encarecidamente que no fim devolvesse os mesmos à Igreja de Angola.

Agradeço àqueles que tiveram a paciência de ler e fazer a correcção ortográfica do trabalho: Pe. José Augusto Duarte Leitão, SVD e Ir. José Amaro, SVD.

Desejo manifestar a minha gratidão ao Pe. Manuel Abreu, SVD e ao Pe. Carlos Alberto Aires de Matos, SVD missionários experimentados na missão verbita em Angola, pela entrevista concedida e pelo incentivo.

A seguir, o meu reconhecimento estende-se ao dr. Armino Cachada, ex-missionário verbita em Angola pela disponibilidade e permissão que me deu para consultar os seus arquivos, a quem talvez o silêncio seja a maior forma de gratidão.

O meu incalculável obrigado a paróquia de Sto. António de Kifangondo onde dei os primeiros passos da minha caminhada vocacional de modo especial ao Pe. Dominikus Karwayu, SVD, Pe. Nelson Hebo SVD e ao Pe. Hipolito Mavusi, SVD, pelo apoio espiritual e material que me têm dado.

Quero também agradecer à paróquia de S. Pedro do Prior Velho mais concretamente a comunidade africana dos Terraços da Ponte que acompanhei mais de perto nos fins-de-semana. Ela foi para mim um incentivo que evitou que me tivesse fechado no círculo teórico das ideias, e escola de vida onde aprendi a viver o jeito de ser Igreja em Portugal.

Aos meus colegas de caminhada vocacional no seminário propedêutico do Verbo Divino em Viana e ao seminário Maior de Filosofia Padre Jorge Poljak, sem esquecer a comunidade internacional do seminário SVD de Lisboa que ao longo destes anos de formação caminharam comigo e souberam suportar as minhas debilidades, de quem, só o Senhor vos dará recompensa.

A todos os citados, benfeitores e anónimos, queiram aceitar a minha pobre e profunda expressão de eterna gratidão, que a todos Deus saiba recompensar.

SIGLAS E ABREVIATURAS

5SEEC – Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas.

ACA – Associação Cívica Angolana.

AEA – Aliança Evangélica de Angola.

AFRAM – Zona África e Madagáscar

AG – Concílio Vaticano II, *decreto Ad gentes*

CAIE – Conselho Angolano das Igrejas Evangélicas.

CEAST – Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé e Príncipe.

CEJP – Comissão Episcopal Justiça e Paz da CEAST.

CF. – conferir

CICA – Conselho das Igrejas Cristãs de Angola. (Substituiu o CAIE).

CNE – Conselho Nacional de Eleições.

CNJP – Comissão Nacional Justiça e Paz.

COIEPA – Comité Inter-Eclesial para a Paz em Angola.

CONST. – Constituição/constituições SVD

CPJP – Conselho Pontifício Justiça e Paz.

CV – Encíclica *Caritas in Veritate* de Bento XVI.

DSI – Doutrina Social da Igreja.

EA – Encíclica *Ecclesia in Africa* de João Paulo II.

FAA – Forças Armadas de Angola.

FALA – Forças Armadas de Libertação de Angola

FAPLA - Forças Populares de Libertação de Angola.

FLEC – Frente de Libertação do Enclave de Cabinda.

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola.

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique.

GS – *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral da Igreja do Concílio Vaticano II.

GURN – Governo de Unidade e Reconciliação Nacional.

IMBISA – Conferência Inter-Regional dos Bispos da África Austral.

JA – Jornal de Angola.

JP – *Justitiam et Pacem*

LE – Encíclica *Laborem Exercens* de João Paulo II.

MM – Encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII.

MNIA - Movimento dos Novos Intelectuais de Angola.

MONS. – Monsenhor.

MONUA – Missão de Observação das Nações Unidas em Angola. Substituiu a UNAVEM III.

MPLA – PT – Movimento Popular de Libertação de Angola – Partido do Trabalho.

OMS – Organização Mundial de Saúde.

ONG/D – Organização Não Governamental / para o Desenvolvimento.

ONU – Organização das Nações Unidas.

OUA / UA – Organização de Unidade Africana / União Africana.

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

PAM – Programa Alimentar Mundial.

PCP – Partido Comunista Português.

PDA – Partido Democrático de Angola.

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado (no tempo colonial).

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (ONU).

PP – Encíclica *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI.

RH – Carta encíclica *Redemptor hominis*

RM – Carta encíclica *Redemptoris missio*

PROMAICA – Movimento de Promoção da Mulher Angolana na Igreja Católica.

PT – Encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII.

QA – Encíclica *Quadragesimo Anno* de Pio XI.

RN – *Rerum Novarum*, a primeira encíclica social da Igreja Católica, publicada por Leão XIII.

RNA – Rádio Nacional de Angola.

RTA – Religião Tradicional Africana.

SCEAM – Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar.

SRS – Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* de João Paulo II.

SVD – *Societas Verbi Divini* (Congregação do Verbo Divino)

TPA – Televisão Popular de Angola.

UCAN – Universidade Católica de Angola.

UCP – Universidade Católica Portuguesa.

UNAVEM – Missão de verificação das Nações Unidas em Angola. Teve a I, II e III.

UNICEF – Fundo Internacional das Nações Unidas de Emergência para a Infância.

UPA – União dos Povos de Angola.

UPNA – União dos Povos do Norte de Angola.

VAT.II – Concílio Ecuménico Vaticano II.

VORGAN – Voz da Resistência do Galo Negro, rádio oficial da UNITA.

RESUMO

Angola viveu entre 1975 e 2002, uma prolongada guerra civil. A guerra civil só terminou com a assinatura do memorando de entendimento do Lwena no dia 4 de Abril de 2002.

Durante todo o período da guerra civil, a Igreja Católica desempenhou um papel decisivo, através dos compromissos humanitários e sociais, nas áreas da ajuda alimentar às populações, da saúde, da educação, das denúncias das atrocidades cometidas e pelas propostas sucessivas de negociações e cessar-fogo, em ordem à pacificação do país, ao respeito pela liberdade e direitos humanos, à justiça social. A Igreja Católica deu ainda a sua colaboração para a paz, infundindo a fé e esperança nas populações martirizadas e espezinhadas pelos militares de ambos os lados da trincheira (MPLA e UNITA).

Percebendo tudo isto, avancei para este trabalho falando da Experiência dos missionários do Verbo Divino em Angola, onde pude perceber o contributo dos verbitas durante a guerra civil angolana a partir das quatro dimensões características da referida Congregação de um modo concreto da Justiça e Paz e Integridade da criação,

Palavras-chave: Igreja Católica, guerra civil, Justiça e paz, Verbitas.

ABSTRACT

Angola lived between 1975 and 2002, a prolonged civil war. The civil war ended only with the signing of the Lwena memorandum of understanding on 4th April 2002.

Throughout the period of the civil war, the Catholic Church played a decisive role, through humanitarian and social commitments, in the areas of food aid to the population, health, education, denunciation of atrocities committed and successive negotiations and cease of war in order to pacify the country, respect for freedom and human rights, and social justice. The Catholic Church also collaborated for peace, instilling faith and hope in the martyred and trampled populations of the military on both sides of the trench (MPLA and UNITA).

Understanding all these nuances, intend to, through this reseach work, thow light particularly on the experiences of the Divine Word Missionaries in Angola, with particula enfasis on their contributions as well as interventory measures taken during this period of war. This i intend to do from the persective of the four characteristic dimensions of the Congregation especialy that of Justice and Peace, Integrity of Creation.

Key-words: Catholic Church, civil war, Justice and Peace, Divine Word missionaries.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
SIGLAS E ABREVIATURAS	iv
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
O PAPEL PROFÉTICO DA IGREJA CATÓLICA NA GUERRA CIVIL ANGOLANA	13
Primeira Parte	
A luta pela independência Nacional.....	13
1. O Acordo de Alvor e o processo de descolonização de Angola.....	15
2. A independência de Angola.....	19
3. A tragédia da Guerra civil.....	20
Segunda Parte	
O papel profético da Igreja Católica no processo de paz.....	20
1. Mensagens pastorais da Igreja Católica.....	21
1.1 Firmes na Esperança.....	22
1.2 Evangelização e Baptismo.....	23
1.3 Baptismo e Consagração.....	23
1.4 Baptismo e Eucaristia.....	23
1.5 Congresso eucarístico em Benguela.....	24

1.6 Jubileu angolano.....	25
1.6.1 Felizes os obreiros da Paz.....	26
1.6.2 Às portas da Segunda República.....	26
1.6.3 Salvai-nos que perecemos.....	27
1.6.4 Pátria de luto.....	27
1.6.5 Irmãos, porque nos matamos?.....	29
Terceira Parte	
Depoimento de Justiça e Paz.....	31
1. Intervenções dos Bispos.....	32
1.1 Pronunciamentos dos Bispos da Arquidiocese de Luanda.....	32
1.1.2 Cardeal Alexandre do Nascimento.....	32
1.1.2 D. Eduardo André Muaca.....	34
1.1.3 D. Damião Franklin.....	35
1.2 Pronunciamentos dos Bispos da arquidiocese de Lubango.....	36
1.2.1 D. Manuel Franklin da Costa.....	36
1.2.2 D. Zacarias Kamwenho.....	37
1.3 Pronunciamento do Bispo da Diocese de Cabinda.....	37
1.3.1 D. Paulino Madeca.....	37
1.4 Pronunciamentos do Bispo da arquidiocese do Huambo.....	38
1.4.1 D. Francisco Viti.....	38
1.5 Pronunciamentos do Bispo da Diocese de Menongue.....	38
1.5.1 D. José Queirós Alves.....	38
1.6 Pronunciamentos dos Bispos da Dioceses de Benguela, Sumbe e Bié.....	39

1.6.1 D. Óscar Braga.....	39
1.6.2 D. Benedito Roberto.....	40
1.6.3 D. José Nambi.....	40
1.7 Pronunciamentos do Bispo da Diocese do Uíge e Ndalatando.....	41
1.7.1 D. Francisco da Mata Mourisca.....	41
1.7.2 D. Pedro Luís Scarpa.....	41
1.8 Pronunciamentos do Bispo de Malanje.....	42
1.8.1 D. Eugénio Salesu.....	42
1.8.2 D. Luís Maria Onraita.....	42
1.8 Pronunciamentos dos Bispos das Dioceses do Lwena e das Lundas.....	43
1.8.1 D. Gabriel Mbilingi.....	43
1.8.2 D. Eugénio dal Corso.....	43
1.9 Pronunciamentos do Bispo de S. Tomé e Príncipe.....	44
Quarta Parte	
Mensagens proféticas dos Pontífices que visitaram Angola.....	44
1. Mensagem profética do Papa João Paulo II à Angola.....	45
2. Visita do Papa Bento XVI à Luanda.....	48
3. Síntese conclusiva.....	49
SEGUNDO CAPÍTULO	
TEOLOGIA DA MISSÃO E DO DIÁLOGO.....	52
Parte Primeira	
Elementos para uma teologia da Missão e do diálogo.....	52
1. A missão em atitude de êxodo.....	53

2. Missão: profecia e libertação.....	54
3. O Deus Bíblico faz sua a causa dos pobres.....	55
4. A evangelização missionária e a causa dos pobres.....	57
5. A Missão como inculturação.....	61
5.1 Fundamentação bíblica da inculturação.....	62
5.2 Fundamentação teológica.....	64
5.3 O processo da inculturação.....	65

Segunda Parte

A Missão da Igreja em África.....	67
1. Os grandes desafios da África na visão da Ecclesia in África.....	68
2. Prioridades da Missão em África.....	71
2.1 Partir da realidade concreta.....	71
2.2 Primazia do homem, destinatário do Evangelho.....	72
2.3 Justiça e Paz.....	74
3. Síntese Conclusiva.....	78

TERCEIRO CAPÍTULO

ACTIVIDADE MISSIONÁRIA DOS VERBITAS EM ANGOLA.....	83
--	----

Primeira Parte

Pe. Arnaldo Janssen e o seu projecto missionário.....	83
1. Alguns dados Bibliográficos sobre o Pe. Arnaldo Janssen (1875-1909).....	83
2. O Perfil Geral da Congregação do Verbo Divino.....	86
3. A SVD e o seu apostolado.....	87

Segunda Parte

A missão do Verbo Divino em Angola.....	89
1. Precedentes Históricos.....	89
2. Contexto sociopolítico e religioso da chegada da SVD em Angola.....	90
3 Início da província SVD de Angola.....	93
4. Luanda: primeiro campo de trabalho.....	95
5. Missões SVD em Angola.....	96
5.1 Paróquia de Cristo Rei.....	96
5.2 Paróquia do Verbo Divino – Missão de Kaungula.....	97
5.3 Paróquia de Santo António – Kifangondo.....	98
5.4 Paróquia de S. Vicente – Missão do N’zeto.....	98
5.5 Paróquia de S. Teresa do Menino Jesus – Missão de Caculama.....	99
5.6 Paróquia de Nossa Senhora do Carmo – Missão de Kacolo.....	99
5.7 Paróquia de São João Baptista.....	99
5.8 Paróquia de Santa Madalena.....	99
5.9 Paróquia de São José Freinademetz do Panguila.....	100
6. A Missão SVD de Angola durante a independência até 1979.....	100

Terceira Parte

Experiência missionária dos Verbitas em Angola	100
1. Dimensões características da SVD.....	101
1.1 As quatro dimensões características.....	103
1.1.1 Apostolado bíblico.....	103
1.1.2 Animação missionária.....	104

1.1.3 Justiça e paz e Integridade da criação.....	106
1.1.3.1 Centro de Acolhimento Arnaldo Janssen em Luanda.....	108
1.1.3.2 Plano de oferta formativa do Centro de acolhimento Arnaldo Janssen.....	112
1.1.3.3 Formação Contínua dos Professores.....	113
1.1.4 Papel dos verbitas na construção de uma Angola democrática, justa e de paz...113	
1.1.4.1 Prisão e libertação do P. Konrad Liebscher SVD.....	114
1.1.4.2 Raptos dos missionários verbitas.....	118
1.1.4.3 Depoimento do irmão Dorvalino Cantelli SVD nas matas de Kacolo.....	119
2. Contributo da SVD na saúde.....	119
2.1 Centro médico de S. Lucas em Kifangondo.....	120
3. Padre António Francisco Jaca SVD e a Comunicação Social.....	121
4. Contributo dos verbitas na Educação.....	123
4.1 Padre António da Torre como Vice-Reitor da UCAN.....	123
5. Contributo dos verbitas a nível eclesial.....	125
5.1 Dom António Francisco Jaca SVD.....	125
5.2 Dom Zeferino Zeca Martins SVD.....	126
5.3 Dom Estanislau Marques Chindecasse SVD.....	127
6. Síntese Conclusiva.....	129
CONCLUSÃO.....	132
BIBLIOGRAFIA.....	136
ANEXOS.....	150
FOTOS COM MISSÃO.....	152

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica é uma instituição presente em Angola há mais de 500 anos, pois as celebrações do quinto centenário da chegada dos primeiros missionários foram em 1991, em plena guerra civil. Este jubileu marcou um momento de viragem nas relações entre o Estado angolano e a Igreja Católica, até então muito tensas e conflituosas.

O tema que me proponho estudar e escrever neste trabalho de investigação é: *Igreja Católica em Angola entre a guerra e a paz. Um olhar a partir da experiência verbita (1975-2002).*

1. Justificação do tema

Angola viveu entre 1975 e 2002, uma prolongada guerra civil. A guerra civil só terminou com a assinatura do memorando de entendimento do Lwena no dia 4 de Abril de 2002. Marco histórico que este trabalho de pesquisa abrange.

Durante todo o período da guerra civil, a Igreja Católica desempenhou um papel decisivo, através dos compromissos humanitários e sociais, nas áreas da ajuda alimentar às populações, da saúde, da educação, das denúncias das atrocidades cometidas e pelas propostas sucessivas de negociações e cessar-fogo, em ordem à pacificação do país, ao respeito pela liberdade e direitos humanos, à justiça social. A Igreja Católica deu ainda a sua colaboração para a paz, infundindo a fé e esperança nas populações martirizadas e espezinhadas pelos militares de ambos os lados da trincheira (MPLA e UNITA).

2. Objectivo Geral

O objectivo geral da minha dissertação é perceber e estudar o papel e o contributo dos verbitas em Angola nestes 27 anos de guerra civil. Verificarei aquilo que os missionários do Verbo Divino fizeram para a evangelização de Angola a partir do carisma do seu fundador, o padre alemão Arnaldo Janssen (1837-1909).

O meu percurso de investigação começa em 1975, ano em que foi proclamada a independência da República Popular de Angola em Luanda e o início da guerra civil, e terminará em 2002 com o fim da guerra civil.

3. Relevância do tema

A relevância da escolha do tema deve-se a duas grandes questões: primeira trata-se de explorar um determinado período da evangelização de Angola desde os primórdios até a guerra civil, do papel profético da Igreja Católica para partir para um entendimento daquilo que a Igreja é hoje em Angola. Ainda neste primeiro ponto pretendo saber o contributo dos verbitas o seu papel imprescindível na dimensão da Justiça e da Paz, da educação e da saúde.

Segunda: trata-se de uma motivação pessoal enquanto angolano e jovem missionário verbita que fui, servidor desta mesma Igreja e Congregação que se quer florescente e libertadora.

4. Apresentação do estudo

O corpo do trabalho de investigação será constituído por três capítulos.

O primeiro capítulo será uma introdução para o último capítulo, trataremos sobre *o papel profético da Igreja Católica na guerra civil angolana*. Descreveremos neste primeiro capítulo o papel que a Igreja Católica desempenhou na construção da identidade nacional e no processo de paz durante a guerra civil. Veremos a intervenção da Igreja Católica a partir da sua hierarquia em Angola (CEAST) isto é, dos pronunciamentos dos Bispos da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, dos seus pronunciamentos de Justiça e de Paz para a pacificação de Angola durante a guerra civil. Estudamos as mensagens pastorais dos Bispos da CEAST e outras intervenções da Igreja Católica inclusive de dois sumos pontífices que visitaram Angola, um em tempos de guerra civil o Papa João Paulo II em 1992 e o outro em tempos de paz Papa Bento XVI em 2009.

No segundo capítulo quis descrever acerca da *teologia da missão e do diálogo*, não de uma maneira muito extensa, mas somente colocar as bases sobre a missiologia ou teologia missionária que os verbitas ou missionários do Verbo Divino seguiram em Angola para além da espiritualidade missionária do padre Fundador Arnaldo Janssen em tempos de guerra civil angolana.

No terceiro e último capítulo entraremos no cerne da nossa pesquisa. Falaremos sobre: *a actividade missionária dos verbitas em Angola*. Será nossa missão descortinar neste capítulo, tudo quanto nos será possível saber sobre a praxis missionária dos verbitas em terras de Angola, desde a independência até à assinatura do memorando de entendimento do Lwena em 2002 . Teremos como subtemas: o contexto sociopolítico e religioso da chegada dos verbitas a Angola, dos primeiros verbitas recém-chegados, da primeira fase da missionação verbita, evangelização dos verbitas em Angola através das quatro dimensões características (Apostolado bíblico, Animação missionária, Justiça e paz, Comunicação social), O papel dos verbitas na construção de uma Angola democrática, justa e de paz, do Centro de acolhimento de crianças de rua construída pelos verbitas, das acções concretas dos missionários verbitas durante a guerra, das missões SVD em Angola, a formação dos futuros verbitas angolanos como objectivo primordial da presença verbita em Angola.

5. Fontes e metodologia

O percurso metodológico será bibliográfico-descritivo, isto é, fazendo uma articulação entre a história e a teologia. Portanto, para que o meu trabalho seja um facto, usarei os documentos do Magistério e outra bibliografia como: o Catecismo da Igreja Católica, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, os Direitos humanos, as encíclicas dos Sumos Pontífices sobre a actividade missionária da Igreja, as fontes da Congregação dos Missionários do Verbo Divino, as suas constituições, os manuais, os *catalogus* dos verbitas, os escritos do fundador e darei importância também às fontes orais fazendo algumas entrevistas sobre a temática estudada aos missionários verbitas que trabalharam durante este período da guerra civil em Angola e aos que trabalham até hoje, bem como os documentos e arquivos da província angolana da Congregação do Verbo Divino e da província portuguesa verbita.

Para além das fontes directas recorrei também a fontes indirectas, isto é, a testemunhas que viveram *in loco* a guerra civil em Angola durante o período estudado. Estas revestiram-se, na sua esmagadora maioria, pela informalidade. Contactou-se bispos, padres e leigos que durante a guerra civil tiveram cargos importantes na Igreja de Angola. O contributo destes homens foi valioso na análise das fontes escritas e na orientação para a interpretação de alguns acontecimentos. Não se reproduzem as suas

afirmações, mas elas serviram de inspiração na abordagem de alguns assuntos com mais profundidade.

6. Limitações

Nenhum trabalho de investigação é uma obra-prima completa, ou seja, sem imperfeições. Encontrei limitações ao longo da redacção do trabalho, da ortografia, dos manuais e não só. Mas contei sempre com ajuda do meu tutor e pessoas de boa vontade.

Percebendo que este é um tema actual e pertinente, e animado pelo jubileu da presença dos missionários do Verbo Divino em Angola e pelo estudo da intervenção da Igreja Católica que sempre acompanha a história política e social do país e que procurou dar respostas à situação da guerra civil e da miséria generalizada assim como da crise moral do país, espero que este trabalho nos ajude a pensar o já pensado e a pensar para além do pensado para se atingir uma formação teológica, antropológica e histórica integral do assunto em questão nesta pesquisa.

A lista bibliográfica acaba por ser muito extensa e diversa, resultante de uma investigação que foi sendo feita ao longo de todo o Mestrado Integrado em Teologia. Uma vez que, desde o princípio, tínhamos ideias claras sobre o trabalho a realizar.

PRIMEIRO CAPÍTULO

O PAPEL PROFÉTICO DA IGREJA CATÓLICA NA GUERRA CIVIL ANGOLANA

Trataremos neste primeiro capítulo sobre o papel profético da Igreja Católica na guerra civil angolana. Veremos o testemunho humano, cristão e religioso que a Igreja na pessoa das entidades eclesiais nomeadamente os Bispos da CEAST, e os missionários que durante a guerra sofreram com o povo, com os sem voz nem vez para depois vermos no último capítulo desta tese, como é que os missionários verbitas evangelizaram e ajudaram a promover a cultura do povo angolano e os defenderam em tempos de crise e de guerra civil no território angolano a partir do carisma do seu pai, guia e fundador Arnaldo Janssen.

Primeira Parte

A luta pela independência nacional

Na década de cinquenta e sessenta, os nativos de Angola iniciaram mais uma luta armada contra os colonizadores portugueses e seus aliados, desta vez para a independência política de Angola, ocorrida em 11 de Novembro de 1975. Esta foi uma guerra entre oprimidos e opressores, entre escravizados e escravagistas que os nativos empreenderam contra o colonizador português em seu território, com os objectivos políticos, económicos, sociais e culturais para a autodeterminação, para a garantia do direito à existência como Estado livre e soberano, para total liquidação das estruturas políticas, sociais e coloniais.

Angola era a colónia de Portugal com a guerra mais longa pela independência nacional. Como dependia economicamente da colónia, o sistema colonial português nunca permitiu o desenvolvimento da luta política nacionalista em Angola. Assim, todas as tentativas de organização e de diálogo sempre foram severa e violentamente reprimida, impedindo que a luta armada de libertação, pudessem ser transformadas em negociações políticas pacífica pela independência política de Angola.

No ano de 1954 em Leopoldville (Kinshasa), Holden Roberto funda a UPNA (União dos Povos do Norte de Angola), que depois passou a chamar-se UPA (União dos Povos de Angola). Posteriormente, em 1956, a fundação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) dá início à luta armada que conduzirá o País à

Independência em 1975. Mas a vontade nacionalista assumira uma dinâmica irreversível, a repressão política se arrastou sem consternação e atingiu o patamar da luta armada que evoluiu para uma guerra prolongada de libertação nacional.

A ditadura portuguesa e seu sistema colonial foram os maiores representantes da natureza violenta e do radicalismo que caracterizaram esse período de descolonização de Angola, e que tão negativamente viria influenciar posteriormente no processo de transferência do poder em Angola, para os nativos, e o período pós-independência.

Juntamente com a luta anticolonial desenvolvida pelo MPLA, havia um outro movimento nacional, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). Era um movimento identificado etnicamente com a população bacongo, do norte de Angola e a sua diáspora na República do Zaire.

Durante os anos seguintes de guerra contra o colonialismo, tais movimentos, além de lutarem contra o colonialismo (objectivo primeiro de todos os movimentos políticos) também entravam algumas vezes em conflitos entre si. Apesar dos esforços da OUA (organização da união africana) apelarem pela unidade dos movimentos nacionalistas e de luta pela independência, os conflitos entre os movimentos, internamente, continuaram não dando prioridade à unidade.

Da FNLA, surgiu em 1966, um outro movimento formado por dissidentes destes, encabeçado por Jonas Savimbi, originário do sul de Angola e outrora encarregado das funções de relações exteriores da FNLA. O movimento formado por Jonas Savimbi foi chamado UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) e se constituiu como uma grande força contra o colonialismo na parte sul e Leste de Angola. Também era combatida pelo MPLA, e assim como a FNLA.

Os conflitos armados entre estes movimentos, subia de patamar à medida que se aproximava a independência. O MPLA liderado por Agostinho Neto, tinha menor base nas tribos, comparado aos outros dois movimentos (UNITA e FNLA), no entanto, era mais forte na cidade capital, Luanda, e na área do encontro.

Segundo Alberto Nguluve Kapitango, «durante os catorze anos de luta contra o colonialismo (1961-1975), os movimentos, além de lutarem contra o colonialismo, inimigo comum, também procuraram separar-se, passando a ver no outro um segundo

inimigo em potencial e que portanto, deveria ser combatido e posto fora do poder».¹ Durante a luta, cada movimento procurou recrutar seus combatentes nos diversos espaços em que a luta era conduzida, assim como mobilizar indivíduos combatentes dentro e fora do território nacional. Estas lutas e organizações constituíram mais tarde, o pano de fundo das lutas políticas depois de 1975.

1. O Acordo de Alvor e o processo de descolonização de Angola

A proclamação unilateral da independência da Guiné, em 24 de Setembro de 1973, deu maior impulso aos independentistas de Angola e de Moçambique. Eram duas das principais colónias que representavam maior atenção para o poder colonial, sendo-lhes colocada uma defesa maior. O reforço do poder administrativo do Estado português evidenciava a prioridade que se deu quer a Angola, quer a Moçambique. Definiu-se «em especial Angola, a jóia da Coroa portuguesa»², pelo que o seu controlo administrativo era o que mais politicamente se priorizava.

Além de toda importância dada pelo poder colonial ao território angolano, um factor decisivo no processo conducente à respectiva descolonização veio ser a influência negativa que os governos da região, nomeadamente, do antigo Zaire, da África do Sul e outros exerceram sobre os três movimentos independentistas e a sua acelerada expansão pelo território angolano, ocupando a partir das suas zonas de influência posições reforçadas por uma acção psicológica e subversiva.

Sem informações imparciais e a falta de instrução e esclarecimento das populações rurais, a explicação dada sobre as razões da guerra pelos grupos revolucionários às populações das suas áreas de influência passava a ideia de que cada grupo lutava sozinho pela libertação do país contra os colonizadores e que o seu povo deveria contribuir nessa luta, combatendo também outros que, sendo angolanos, seriam traidores por se aliarem aos imperialismos externos. Neste sentido, o caminho para as negociações de Alvor e o acordo que dali resultou foram considerados pelo povo angolano, em cada zona de influência de cada movimento nacionalista, como esforço desse movimento e com envolvimento pessoal do líder oriundo dessa etnia.

¹ ALBERTO NGULUVE KAPITANGO. *Educação angolana: Políticas de Reforma do Sistema Educacional*, São Paulo, Biscalchin, 2010, p. 28.

² RODRIGO DE SOUZA PAIN. *Por onde vão os angolanos? Os desafios da democratização e a importância da participação da sociedade civil angolana*, Universidade Cândido Mendes (CEAA/UCAM – RJ), s/d, p. 3.

Em Janeiro de 1975, cerca de nove meses depois do golpe de 25 de Abril que derrubou o longo poder do Estado Novo, em Portugal, aconteciam as primeiras negociações entre os três movimentos nacionalistas e as autoridades portuguesas³. O encontro teve um carácter diplomático convencional para a assinatura do Acordo de Alvor⁴, a 15 de Janeiro de 1975. A natureza do acordo era formalizar um entendimento das partes que concordavam em pôr fim à guerra da independência que decorria durante 14 anos e, deste modo, instaurar o processo de descolonização que levou à instituição do Estado em Angola. Assim, eram também definidos os termos em que o processo deveria acontecer. Neste sentido, o acordo concebeu-se como instrumento jurídico que vinculava todas as partes às normas nele estabelecidas, que impunham uma observância das regras e procedimentos que deveriam ser seguidos na transição para a autodeterminação e independência nacional do novo país.

Quanto ao processo de transição para a transferência de poderes, como ponto de partida fundamental para conferir o direito de soberania aos angolanos, previsto no Acordo de Alvor, foi afirmado «solenemente, o reconhecimento do direito do povo angolano à independência»⁵. Nos mesmos termos, foram reconhecidos, por parte do Estado Português, os três movimentos angolanos, MPLA, FNLA e UNITA, «como os únicos e legítimos representantes do povo angolano». Para a condução da actividade política nacional, foi estabelecido um Alto-comissário e um governo de transição⁶ representativo dos três movimentos, sendo que as eleições gerais em Angola, foram marcadas para o mês de Outubro de 1975, e fixou-se a data da independência para 11 de Novembro desse ano.

Outro ponto importante do Acordo de Alvor definia o compromisso do cessar-fogo geral entre o governo português e os três movimentos de libertação⁷, observado em todo o território angolano, e determinou-se também a concentração das forças armadas⁸ dos respectivos movimentos bem como a sua dissolução e unificação, para constituir as

³Os movimentos MPLA, FNLA e UNITA foram, à luz dos Acordos de Alvor (Art. 1º.), reconhecidos pelo Estado Português como os únicos e legítimos representantes do Povo Angolano. Seriam, portanto, os principais intervenientes em todo o processo de descolonização e a quem caberia, com a representação portuguesa, de constituir o Governo de Transição, em vista às eleições gerais que deveriam ser realizadas antes da data da Independência. Foi com base neste reconhecimento e nos respectivos Acordos que se constituiu o Governo de Transição

⁴ Art. 1.º, Acordo de Alvor.

⁵ Cf. Art. 2.º, IDEM

⁶ Cf. Art. 5.º, IDEM

⁷ Cf. Art. 6.º, IDEM

⁸ Cf. Art. 7.º, IDEM

Forças Armadas Mistas⁹, a transferência gradual do poder, durante a transição para os órgãos de soberania angolanos¹⁰. Sobre a questão da descolonização, cabia ao governo de transição zelar e cooperar para boa condução do processo até à independência total¹¹. Assim coube ao mesmo governo organizar eleições gerais para uma Assembleia Constituinte, no prazo de nove meses, a partir de 31 de Janeiro de 1975, data da sua instalação e tomada de posse.

O alcance político atingido nos acordos de Alvor perspectivava um equilíbrio de poderes transitórios na arena política angolana que estava a emergir, e tudo apontava para uma correlação de forças políticas participativas dos três movimentos nacionalistas que, deste modo, se transformariam em partidos políticos. Seriam estes que, democraticamente, disputariam as eleições dentro dos parâmetros normativos que viessem a ser estabelecidos pela lei eleitoral, cujos princípios tinham sido lançados por aquele entendimento.

Porém, este Acordo foi, pouco depois, violado devido as intenções de má fé dos negociadores. Como se notou, no período negocial, de acordo com Georg Wright «ao mesmo tempo que os três movimentos nacionalistas se encontravam reunidos em Portugal, preparavam-se já os meios para sabotar a solução política que viesse a ser encontrada. Isto relacionava-se directamente com a decisão de certos patronos externos de continuar a fornecer ajuda militar à FNLA»¹². Na mesma linha, este ponto de vista é realçado por um dos intervenientes em Alvor, antigo dirigente da UNITA, o nacionalista Jorge Valentim, para quem «a FNLA, o MPLA e a UNITA falavam das eleições, mas todos tinham medo e não queriam estas eleições. As tácticas eram ganhar a legitimidade internacional nas negociações em Portugal e tomar o poder pela força»¹³.

Do lado oposto, também a leitura de Marcolino Moco vai no mesmo sentido. No seu depoimento, o antigo Primeiro-ministro de Angola e dirigente do MPLA referiu que

⁹ Cf. Art. 32.º, IDEM

¹⁰ Cf. Art. 8.º, IDEM

¹¹ Cf. Art. 24.º, Op. Cit.

¹² GEORGE WRIGHT. *A destruição de um país, a política dos Estados Unidos para Angola desde 1945*, p. 126.

¹³ JORGE VALENTIM. *1954/1975: esperança, época de ideias da independência e dignidade*, p. 234.

«os movimentos de libertação vieram com esta filosofia, pelo que os acordos foram apenas uma tática de esperar a tomada do poder pelo uso da força»¹⁴.

Desenhava-se assim o estado de crise em que viria mergulhar o processo de descolonização angolano e que se transformou em relações políticas de elevado conflito entre os movimentos nacionalistas, hostilizados e sozinhos. Jorge Valentim, mais uma vez, observa que «todo o armamento que os movimentos de libertação tinham e procuravam ter destinava-se não apenas à defesa mas, acima de tudo, à conquista do poder pela força»¹⁵. Os movimentos nacionalistas, motivados por este objectivo, tanto em Luanda e noutras partes de Angola, «a concorrerem sem regras para o poder, inevitavelmente, tinham que chocar»¹⁶, perante uma realidade que perseguiram de forma a satisfazer objectivos partidários. O clima que se criou introduziu irreversivelmente uma aguda fricção entre as três partes angolanas signatárias do processo o que gerou uma escalada de violência em disputa pelo domínio de Luanda, como centro urbano do poder. Estrategicamente, a ocupação da capital por qualquer das forças daria mais facilidades para dominar todas as partes do território angolano, numa clara generalização da guerra. Foi esta fricção que acabou numa ruptura que alterou definitivamente o desenrolar de acções político-militares que se tornaram inevitáveis após a assinatura do documento de Alvor, o que foi suficiente para o fim pacífico de todo o processo da descolonização de Angola. Chegando a este ponto, urge analisar as questões de fundo que minaram a solução política encontrada entre o Governo português e os movimentos nacionalistas angolanos. Fundamentalmente, porquê o Acordo de Alvor não teve força jurídica na sua aplicação, capaz de condicionar e conter o comportamento e a acção das partes signatárias? E ainda: quais foram as razões do reinício da guerra no período de transição para independência nacional de Angola, quando estava claro que se implementava o processo político com o qual se preparava a instituição do Estado e, por conseguinte, as eleições? A resposta a estas questões não é fácil, tendo em conta a complexidade interna, o impacto ideológico e o sistema internacional que orientaram a evolução do nacionalismo anticolonial angolano, bem como toda a problemática da guerra de libertação colonial. E nunca foram explicadas em profundidade. Entretanto, o fracasso do processo construído em Alvor deveu-se a várias questões de carácter político e diplomático que poderiam ser tidas em conta e,

¹⁴ IDEM p. 234.

¹⁵ IDEM p. 234.

¹⁶ Depoimento do Dr. Marcolino Moco em 21 de Setembro de 2011.

desta feita, mereceriam uma resolução prévia entre as três partes envolvidas no problema: o Governo português, os movimentos nacionalistas e a comunidade internacional envolvida. O jogo de oportunidades era evidente e influenciava a acção das partes, de acordo com o retrato do embaixador português António Monteiro:

«O reforço do poderio militar do MPLA, intensificado a partir dos Acordos do Alvor graças ao apoio soviético, traduzira-se na expulsão de Luanda da FNLA e da UNITA em Julho de 1975. O golpe foi sobretudo duro para Holden Roberto, que até aí confiara na superioridade militar do seu movimento, apoiado pelo Zaire e por forças dissidentes do MPLA. A UNITA jogara sempre numa outra perspectiva: a das eleições prometidas pelo Alvor, que esperava possibilitassem à sua base de apoio ovimbundu conceder-lhe uma significativa fatia do poder, que a sua componente militar estava longe de poder assegurar. O resultado da luta em Luanda, porém, liquidou na prática a esperança eleitoral e a execução do acordado no Algarve»¹⁷.

2. A independência de Angola

Depois de longos catorze anos de luta armada de libertação de Angola contra o regime colonial português, Angola ascendeu à independência em 11 de Novembro de 1975, constituindo-se em república popular de Angola.

Enquanto em Luanda era proclamada a República Popular de Angola, em Kifangondo, a cerca de 30 quilómetros da capital angolana, e noutros locais, violentos confrontos opunham militares das FAPLA, apoiadas por cubanos contra zairenses e outros mercenários que tentavam ajudar a FNLA e a UNITA impediram a proclamação pelo MPLA, da independência nacional.

Os confrontos remontavam ao período de transição, constituindo flagrante violação dos acordos de Alvor, assinados entre Portugal e os três movimentos (MPLA, FNLA e UNITA), assim como a frágil plataforma de entendimento concluída em Mombaça, Quénia, antes da reunião de Alvor.

¹⁷ANTÓNIO MONTEIRO. *Portugal, os Estados Unidos e a guerra angolana*, in *Negócios Estrangeiros*, nº6, Dezembro de 2003, p. 8.

3. A tragédia da Guerra civil

O povo angolano encara a independência com esperança e ansiedade. Havia razão para tal, mas o 11 de Novembro, trouxe-nos a guerra, a violência, mais fome, mais doenças e cada vez mais poder e influência das forças estrangeiras presentes no País.

Também a Igreja teve o seu calvário, foi obrigada a adaptar-se à «revolução marxista que ambigualmente prometia liberdade religiosa, mas considerava a religião e a Igreja como inimigas do progresso e dos verdadeiros interesses do povo» (Lawrence Henderson, *a Igreja em Angola*, Março 1990).

A guerra civil começou com crueldade, matou uma boa parte do futuro do povo angolano, semeou a morte, a destruição e fez Angola perder o comboio da paz e do desenvolvimento. O grande derrotado foi o povo.

O ano 1977 é marcado, em Angola, pelos acontecimentos sangrentos ligados à chamada “Revolta Activa” que teve como consequência a execução de Nito Alves e de muitos quadros superiores que, no entender do governo, estariam a programar um golpe de Estado que tentaram concretizar a 27 de Maio¹⁸. Os autores desta “intentona” ocuparam a Rádio Nacional e, como a Rádio Ecclesia lhe estava ligada, transmitiu algumas notícias que desagradaram ao MPLA que, no dia seguinte, invadiu e tomou conta das instalações da Emissora Católica.

Segunda Parte

O papel profético da Igreja Católica no processo de paz

A Igreja Católica interveio em Angola durante a guerra civil através dos media, por inúmeras mensagens da CEAST. A sua missão religiosa é completada por compromissos de cidadania nas áreas da justiça, Paz, Educação, Saúde, e Direitos Humanos.

Na sua tese de mestrado sobre as intervenções da Igreja Católica em Angola pelos media, Arminda Camati, defende que:

«Os bispos Católicos de Angola, utilizaram durante a guerra civil, bem como após o cessar-fogo de 2002, todos os meios de comunicação social disponíveis para divulgar os

¹⁸ TONY NEVES, *Justiça e Paz em Angola nas intervenções da Igreja Católica*, Lisboa, 2012, p.

seus sucessivos apelos à paz e ao respeito pelos direitos humanos no país. Numa primeira fase usou o jornal “apostolado” e Cartas pastorais que eram impressas e distribuídas pelas dioceses e paróquias logo após a sua publicação, regra geral, após a Assembleia Plenária da CEAST»¹⁹.

As intervenções desta instituição foram decisivas para a obtenção da paz, a sua cimentação com a justiça e para o desenvolvimento integral do país. A construção de uma Angola assente nos pilares da justiça e da paz foi sempre a grande luta da Igreja Católica em Angola, pelos media entre 1975 e 2002. Provam-no as muitas e corajosas mensagens dos Bispos angolanos durante o conflito armado. Demonstram-no também os eventos, movimentos e instituições com justiça e paz, que nos revelam o impacto positivo das intervenções da Igreja Católica no período em estudo.

Em Angola, a Igreja Católica interveio a favor da paz, reconciliação e desenvolvimento do país, através dos media e várias mensagens dos Bispos angolanos. A Igreja Católica denunciou a guerra, propôs caminhos de paz e apelou à solidariedade, praticando-a. Os académicos, jornalistas e políticos demonstram que a igreja católica é a instituição mais interveniente neste período em análise.

Com o reaparecimento da *Rádio Ecclesia*, em 1997, a Igreja Católica readquiriu uma voz independente das forças políticas e militares, embora o governo não tenha permitido a extensão do sinal para fora de Luanda. Também foram surgindo jornais e revistas e televisões independentes que deram lugar às intervenções da Igreja, a par de eventos de projecção mundial como as visitas dos Papas João Paulo II e Bento XVI a Angola, acontecimento de enorme significado para o país. A Igreja Católica em Angola usou com sucesso os media para intervir em favor das questões de justiça e de paz.

Era pela internet que circulavam as intervenções de quem denunciava situações negativas e propunha caminho de futuro para o povo.

1. Mensagens pastorais da Igreja Católica

A Igreja Católica em Angola durante a guerra civil foi temida e ouvida. A sua voz foi tida em linha de conta por ambos os beligerantes da Guerra (MPLA e UNITA).

¹⁹ ARMINDA CAMATI. *A Intervenção da Igreja Católica em Angola pelos Media (1975-2002)*, Lisboa, ISCTE, 2014, p. 47.

No esforço de amplificar os gritos das populações vítimas por uma guerra civil cruel, a Conferência episcopal tem publicado inúmeras mensagens pastorais onde aparecem apelos, denúncias e propostas em ordem a instauração da paz e de um estado de direito.

A CEAST publicou diversas mensagens para o cessar-fogo em Angola. A CEAST publicava no mínimo, duas mensagens pastorais por ano. A data da sua publicação coincide com as duas Assembleias plenária dos Bispos, em Fevereiro e Novembro, podendo haver reuniões extraordinárias de todos ou parte do episcopado. A título de exemplo. Em 1992, houve seis Cartas Pastorais da CEAST. Ao longo dos anos foram surgindo dinamismos e movimentos que denunciaram a guerra e promoveram a paz. Foram estas mensagens que lançaram as iniciativas e divulgaram os movimentos.

De 1975 (data da independência de Angola) até 2002 (data da assinatura do Memorando de Lwena que garantiu, até hoje, o calar definitivo das armas em Angola, mais de 48 mensagens foram publicadas pela CEAST. Apresento em síntese algumas mensagens pastorais da CEAST, que considero mais relevante para este trabalho de investigação, onde os Bispos angolanos denunciam as atrocidades da guerra e apelam aos governantes angolanos o cessar-fogo imediato.

1.1 Firmes na Esperança²⁰

A Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST) publicou esta mensagem pastoral a 27 de Fevereiro de 1986 para fazer uma reflexão pastoral após dez anos de independência.

Esta carta veio lembrar que a guerra põe em causa os valores culturais tradicionais de Angola: a hospitalidade, a solidariedade e a fraternidade.

Os temas mais abordados nesta carta são: a Igreja (1ª parte), a guerra e a paz (2ª parte), e a esperança (3ª parte).

Esta carta apresenta algumas práticas concretas em ordem à solução dos grandes problemas que Angola vivia. Assim, denuncia: as práticas marxistas-leninistas (incompatíveis com o cristianismo, chama indirectamente de pecadores as forças

²⁰CEAST. *Firmes na Esperança*. Luanda: CEAST, 1986.

beligerantes, quando diz que as mortes são um pecado contra Deus e contra o povo). Além do mais, anuncia: a Igreja como instrumento da salvação, voz dos sem voz, mobilizadora dos cristãos para tornar o mundo melhor e colaborar no desenvolvimento; a Igreja propõe-se como mediadora para o diálogo, reconciliação nacional e paz.

1.2 Evangelização e Baptismo²¹

Esta carta pastoral foi publicada pela CEAST no quinquénio de preparação dos 500 anos de Evangelização de Angola.

Nesta primeira Carta de 1987, há um apelo ao seguimento de Cristo que anunciou a Boa Nova aos pobres. Com Cristo, a Igreja tem de se abrir aos marginalizados e acolher os excluídos, partindo ao encontro de todos os homens os cristãos têm de estar atentos a todas as situações da humanidade.

1.3 Baptismo e Consagração²²

Na segunda Carta, publicada em 1988, há um convite que é também um compromisso “vamos acabar com a guerra!” o povo já não aguenta mais, estamos a ficar sem juventude. Temos de viver no amor e construir com os outros um mundo de paz e amor. Sem compromisso sério não há consagração.²³

1.4 Baptismo e Eucaristia²⁴

O ano de 1989 abre com a publicação da Carta Pastoral sobre o «Baptismo e a Eucaristia»²⁵, mas é marcado por três mensagens pastorais que proporcionaram reacções muito fortes da parte do governo de partido único. A primeira, datada de 15 de Fevereiro, é titulada Mensagem Pastoral sobre as exigências da Paz²⁶ e tem destinatários – alvos claros: Aos caríssimos diocesanos, aos que anseiam a Paz, a todos os que presidem aos destinos de Angola e a quantos, de qualquer modo, interferem na guerra

²¹CEAST. *Baptismo e Eucaristia*. Luanda: CEAST, 1987.

²²CEAST. *Baptismo e Eucaristia*. Luanda: CEAST, 1989.

²³ Cf. p. 13.

²⁴ CEAST, *Baptismo e eucaristia*, Ed. CEAST, Luanda, 1988.

²⁵ CEAST, 1989, pp.181- 207

²⁶ cf. CEAST, 1989.

civil em Angola. Os Bispos elogiam as negociações que permitiram chegar aos Acordos de Nova Iorque, (...) um grande passo no sentido da Paz²⁷.

Neste documento publicado em 1989, os Bispos angolanos referem que a Eucaristia está ligada à reconciliação. Por isso exige o perdão mútuo, o acolhimento fraterno e a paz. Os Bispos salientam ainda nesta Carta que o diálogo e a paz são possíveis e que Jesus é a única esperança de futuro.²⁸

Ao proclamar a verdade sobre o homem, a Igreja aponta para os valores mais altos do amor e do bem comum. Daí que todos os que procuram Cristo na comunhão devem também procurá-lo na pessoa do pobre, faminto, enfermo, nos que precisam do seu amor, serviço (lava-pés) e solidariedade. Partilhar o pão na Eucaristia, implica partilhar os bens.²⁹

Os Bispos da CEAST concluem que da Eucaristia nasce a paz e que a caridade e missão estão unidas: Ide, chegou a hora de sermos mensageiros da Paz (p. 25).

Mas, como a guerra continua forte, diz a mensagem: O céu de Angola continua sob as nuvens de apreensões graves e a reconciliação da grande família angolana, de que tanto temos falado, ainda não se fez³⁰. Citam os apoios prometidos da comunidade internacional e dizem que cabe aos angolanos traçar o seu próprio destino. Terminam com a afirmação de que o sentir mais comum e profundo do povo angolano é o anseio da reconciliação e da paz. Daí o apelo: «Demo-nos as mãos uns aos outros. Deixemos cair as armas. Abracemo-nos como irmãos, numa aurora de novos tempos para a grande família angolana»³¹.

1.5 Congresso eucarístico em Benguela³²

Este Congresso decorreu a 22 de Julho de 1989 na província de Benguela.

Tudo começou com um louvor: ao aperto de mão entre Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi em Gbadolite. Há inúmeros apelos, exigências e propostas: que o bem do povo seja a bússola norteadora das negociações; o diálogo da reconciliação, na linha

²⁷ CEAST, 1989b, nº1.

²⁸ IDEM, pp. 21-22.

²⁹ IDEM pp 22-23

³⁰ CEAST, 1989b, nº2.

³¹ CEAST, 1989b, nº5.

³² Cf. CEAST, *Congresso eucarístico de Benguela*, Ed. CEAST, Luanda, 1989.

democrática deve continuar a construção e a consolidação, a Paz; a coragem de superar sentimentos e agravos; estender os braços, apertar as mãos e fazer a Paz nacional; confiança mútua e respeito do cessar-fogo por parte dos homens armados; de soldados de guerra a soldados de paz.

Por fim, uma conclusão em forma de compromisso eclesial: vamos construir uma Pátria nova no diálogo, no amor, na fraternidade e na Paz, pois a Igreja Católica dá todo o seu apoio ao processo de paz.

A 11 de Novembro deste mesmo ano, em solidariedade com o povo sofredor, os bispos angolanos apresentam-se como intérpretes das suas aspirações e frustrações. Começaram com as denúncias: rompimento do cessar-fogo assinado; recrudescimento da guerra; caos do país a todos os níveis; diferença entre os interesses dos responsáveis e dos pobres; linguagem ofensiva de parte a parte.

Fazem-se bastantes propostas: fim do regime de partido único; busca de uma paz autêntica; cessar-fogo urgente; diálogo pessoal, directo, franco, abertura ao desenvolvimento e progresso; eleições livres.

O Congresso Eucarístico de Benguela foi o pretexto para a publicação, a 23 de Julho, de mais uma Mensagem Pastoral, sobre a “*Saúde Moral da Nação*”³³. Os Bispos afirmam que a sociedade angolana está moralmente enferma: quando o homem fica indiferente perante o sofrimento, a injustiça, a guerra e tantos outros males, é porque a sua saúde moral está em crise, a começar pela consciência, que precisa de urgente remédio³⁴.

1.6 Jubileu angolano³⁵

Ocorrido a 11 de Novembro de 1990. Chamado ano da libertação: recobrar a propriedade, voltar para a família, acabar com a guerra, dar liberdade de opinião, de falar, de vigiar, de viver como pessoas, de libertar da opressão e servidão do pecado e de ideologia monolíticas.

Ano de graça: de perdão, amor, reconciliação, encontro de todos os angolanos no abraço fraterno da Paz. Ao mesmo tempo é também ano da alegria: se regressarem ao

³³ cf. CEAST, 1995.

³⁴ CEAST, 1995, nº1

³⁵ CEAST, *Jubileu angolano*, Ed. CEAST, Luanda, 1990.

Pai muitos filhos dispersos por Angola; se muitos forem capazes de perdoar as ofensas dos inimigos; se todos puderem recuperar a sua propriedade, lavra, casa e voltar à aldeia, à família.

O Jubileu, os Mass Media e o fim da guerra: os bispos apelam que acabe-se com a linguagem ofensiva e difundam-se sentimentos de reconciliação nos Mass Media. Deixem a Igreja possuir os Meios Comunicação Social a que têm direito. Não há razões para prolongar a guerra. A luta armada é absurda e condenável. Felizes os construtores da Paz.

1.6.1 Felizes os obreiros da Paz³⁶

O Conselho Permanente da CEAST visando uma dupla acção de graças: pelos 500 anos de Evangelização e pelo acordo do cessar-fogo. Junta ao programa jubilar o acarinhar e fortalecer uma paz que garanta o regresso de uma vida humana digna. Há um apelo constante a um trabalho pela consolidação da Paz e Reconciliação. Nada melhor que começar por ela: a Igreja Católica que sofreu tantos agravos, esquece o triste passado e abraça fraternalmente todos os angolanos. Apela-se, finalmente neste Congresso ao respeito dos Direitos Humanos sem excepção, o que só acontecerá na verdadeira democracia onde o respeito tem de estar presente.

1.6.2. Às portas da Segunda República

As eleições legislativas e presidenciais, marcadas para 29 e 30 de Setembro de 1992, foram o pretexto para mais uma mensagem, com título sugestivo: “*Às portas da 2ª República*” (cf. CEAST, 1992d). Começa por colocar, frente a frente, a Igreja e as eleições, exigindo o compromisso político dos cristãos. Recorda o apelo lançado pelo Papa na sua visita, ao pedir aos Bispos que sejam servidores do povo, abrindo caminhos de maior justiça e de progresso social para todos, transmitindo aos cidadãos o espírito e a estrutura da liberdade, do serviço, da solidariedade e da justiça, pois tal constituirá o fermento da sociedade em construção e da sua cultura política.

Falando de eleições, a mensagem diz que elas só serão responsáveis se forem livres e conscientes. Para tal, o povo tem de ter critérios de escolha: o serviço do bem comum e o respeito pelos Direitos Humanos. E não vale só dizer: é preciso fazer!

³⁶ CEAST, *Políticos, Democracia e Justiça*, Ed. CEAST, Luanda, 1992.

A campanha eleitoral não pode ser de denegrimiento dos outros partidos e candidatos. Tem de ser positiva, sem violência física ou verbal. E depois das eleições? Quem ganha não pode esmagar quem perde; quem perde tem de respeitar quem ganha e fazer uma oposição construtiva. Só assim o povo pode ter a paz, a justiça e o progresso.

1.6.3 Salvai-nos que perecemos

Após as eleições, instalou-se uma crise político-militar e os Bispos pronunciaram-se duramente a 22 de Outubro, com a mensagem “*Salvai-nos que perecemos!*”³⁷. Entre 31 de Maio de 1991 e 30 de Setembro de 1992 foi o milagre da Paz. Depois, a felicidade transformou-se em pânico, quando os resultados eleitorais não foram aceites pela UNITA porque considerados fraudulentos. E, porque tudo se pode perder com a guerra, é urgente salvar a Paz, custe o que custar.

O Papa lançara o apelo repetido: “Angola, nunca mais a guerra!”. A reconciliação nacional teve um preço elevado. Deitar a perder a paz alcançada seria um acto irremediável de loucura nacional. Que as duas partes em conflito cedam o que for preciso para salvarem o milagre da paz, apelaram os Bispos. É necessário demonstrar maturidade política respeitando a vontade popular expressa nas eleições. Se houver ilegalidades ou fraudes, há instâncias para as detectar e mecanismos para resolver os problemas levantados. O retorno ao espírito e à letra de Bicesse é o caminho obrigatório para uma solução pacífica da crise angolana. Para que o povo acredite na democracia e na paz, urge substituir os dois exércitos beligerantes pelo exército nacional único e desarmar as forças partidárias. Se mais de 90% dos eleitores votaram – lembram os Bispos – é uma responsabilidade política e uma obrigação, por parte dos partidos e candidatos, respeitar a vontade deles. Convém não esquecer que, em democracia, há duas vitórias: a da governação e a da oposição e todos têm um papel insubstituível a desempenhar.

1.6.4 Pátria de luto

“*A Pátria de Luto*” é o título duríssimo da última mensagem dos Bispos em 1992³⁸. Os Bispos deploram a matança de milhares de pessoas, em todo o país, mas, sobretudo em Luanda. Condenam ainda as detenções e sequestros de pessoas por razões

³⁷ cf. CEAST, 1992.

³⁸ cf. CEAST, 1992.

partidárias ou tribais, o banditismo armado e a destruição de imóveis e outros bens. É gravíssima a eliminação de pessoas por pertencerem a um partido ou tribo. O ódio tribal e o desrespeito pelas livres opções partidárias destroem a nação e a democracia. Constituem ainda uma grande traição ao povo e aos próprios Bispos que se esforçaram na educação para a democracia multipartidária. A “caça ao homem” seja por que motivo for é criminosa.

Quanto ao futuro, os Bispos perguntam: «Vamos ter outra guerra para matar o povo? Um suicídio nacional – diz! E perguntam novamente: Uma nova guerra como iria acabar? Com negociações? Com o diálogo? Com algum mediador? Então aquilo que um dia iriam fazer para a guerra acabar, façam-no já agora para ela não começar!»³⁹.

A CEAAT congratula-se com os “Acordos do Namibe” e a possibilidade da UNITA e restante oposição integrarem o novo governo e parlamento. Mas é urgente formar o exército único e desarmar todos os militares partidários e civis armados. A Comunicação Social volta a ser convidada a colocar-se ao serviço da união e da reconciliação dos angolanos. Há um pedido final aos responsáveis do país para que ponham cobro à situação trágica que Angola está a viver. A ideia mais forte desta mensagem é a do “suicídio nacional” que representa uma nova guerra: «A luta duma nova guerra seria contra quem? Da UNITA contra o MPLA e do MPLA contra a UNITA? Nada disso. Seria de ambos contra o povo. Este é que ficaria sem casas, sem escolas, sem hospitais, sem estradas, sem roupas, sem comida, sem saúde, sem medicamentos, sem os filhos, sem alegria, sem a vida. Numa guerra civil são sempre dois exércitos a lutar contra o povo da sua própria nação. Um suicídio nacional».⁴⁰

Jerónimo Cahinga, teólogo, avalia as relações Estado-Igreja entre 1975 e 1992 como de muito tensas. Entre 1975 e 1980, a Igreja foi espoliada de boa parte dos seus bens, em tempo de marxização forçada das populações: “ A Igreja foi desdenhada, hostilizada, denegrida e a sua autoridade moral questionada, se não mesmo negada” (Cahinga, 2009b, p.8). Foi corajosa nas intervenções, o que levou a perseguições e humilhações.

Em 1992, após o Simpósio dos 500 anos da Evangelização de Angola, às portas da visita do Papa e das eleições, o Governo mudou o discurso e as posições em relação

³⁹ Cf. CEAAT, 1992.

⁴⁰ Cf. CEAAT, 1992.

à Igreja Católica, com discursos mais conciliadores e a devolução de edifícios confiscados.

1.6.5 Irmãos, porque nos matamos?

“Irmãos, porque nos matamos?” - É a pergunta incômoda escolhida para título de mais uma Mensagem Pastoral sobre o absurdo da guerra, publicada a 5 de Agosto (cf. CEAST, 1993c) pelo Conselho Permanente e Alargado. Há uma denúncia clara desta guerra absurda e desumana que já matou milhares de pessoas, desfez famílias, gerou prisioneiros de guerra, sujeitou cidades inteiras à insegurança e à fome. Os Bispos fazem dois apelos ao Governo e à UNITA: “Deixai-nos viver!” e “Restituí-nos a liberdade!”. Em jeito de conclusão, os Bispos angolanos dirigem-se aos responsáveis da guerra: «Quer acreditem ou não, não podemos deixar de recordar aqui as terríveis contas que hão-de prestar um dia a Deus os supremos autores de tantos e tão hediondos crimes que esta guerra está a perpetrar no meio do povo inocente. Senhores responsáveis da guerra, nós e os nossos fiéis continuamos a rezar por vós, para terdes a coragem da reconciliação, para serdes capazes de compreender que a vossa maior vitória é a paz, de vós ansiosamente, esperada pelo povo»⁴¹.

No fim do ano, a CEAST voltou a pronunciar-se, em tempo já de preparação para o Natal. No Advento, os Bispos inspiraram-se no profeta Isaías e fizeram propostas de pacificação, apostando em frases-chave: «preencher as ravinas da fome e da miséria»⁴², estas “ravinas” são consequências dos combates e só podem ser preenchidas com um cessar-fogo sério. Diante da situação político-militar, os Bispos dizem que persistir na guerra constitui uma atitude assassina que a consciência cristã não pode aceitar. Outras ravinas a preencher são as destruições sem conta, bem como a pilhagem de bens públicos e particulares. Pôr fim imediato a esta loucura é a melhor oportunidade que os políticos têm de mostrar amor à Pátria. «Abater os muros da ambição e do ódio»⁴³ as ambições do poder, do dinheiro e do lucro desmedidos estão a ser terríveis para o povo angolano.

Esta guerra não é feita por amor à Pátria que se arruína, mas por dividendos que se procuram: o poder, o petróleo, contas bancárias no estrangeiro, lucros desmedidos,

⁴¹ CEAST, 1993.

⁴² CEAST, 1993, nº2

⁴³ CEAST, 1993d, nº3

etc. Mas o maior obstáculo a derrubar é o morro do ódio. A moral cristã prega o amor fraterno e o perdão dos inimigos. Este é um dos actos mais nobres do coração humano e é o preço que os angolanos estão dispostos a pagar pela reconciliação e pela Paz em Angola defendem os Bispos. «Endireitar as curvas da injustiça»⁴⁴. A mais grave injustiça que esta guerra gerou foi a violação do direito sagrado à vida. Uma simples denúncia pode bastar para deter ou mesmo eliminar um irmão: quem assim procede é verdadeiro assassino dos seus irmãos! Será ainda mais rigoroso o juízo de Deus para os culpados de bombardeamentos indiscriminados e para quem sitia cidades durante largos meses, condenando-as à morte. Como uma vida sem liberdade não é humana, impõe-se a libertação dos detidos políticos de ambos os lados. Proporcione-se a liberdade de circulação e conceda-se ao povo o direito de viver em segurança e a responsabilidade dos pais zelar pela educação e integridade moral dos filhos.

Os Bispos atacam ainda a mentira orquestrada e, por vezes, veiculada na Comunicação Social, visando até atingir autoridades e instituições eclesiais. Ali se refere o caso das notícias que circularam sobre o Arcebispo do Huambo e sua alegada ligação à UNITA, o que serviu de justificação para a destruição parcial do Paço Episcopal pela artilharia e pela força aérea do governo. «Terraplanar os caminhos da Paz»⁴⁵. Os Bispos dizem que é urgente eliminar as armas que constituem o maior inimigo da Pátria: matam, mutilam as pessoas, destroem o património e esgotam os recursos.

A CEAAT pede que ninguém venda armas a Angola, mas antes enxadas e tractores: “Armas para nos matar, nunca mais!” (CEAST, 1993d, nº5). Por fim, a Mensagem defende a eliminação da desconfiança mútua, para que se enterre o passado e se olhe para o futuro de mãos dadas, sem alimentar qualquer espécie de tribalismo.

“*Em defesa da Esperança*” é o título da Mensagem da CEAAT sobre a gravidade da situação do país em 1996, com milhões de pessoas entre a vida e a morte, muitos deles só salvos pelas ajudas do PAM e da Caritas. Há que combater os efeitos da guerra, da injustiça, da corrupção que, « nos serviços públicos é um vírus que acaba por infectar toda a vida da nossa sociedade»⁴⁶. Os Bispos pedem que o passado constitua uma lição para o futuro: O que foi o nosso passado de guerra? Um cruel genocídio que

⁴⁴ CEAAT, 1993d, nº4.

⁴⁵ CEAAT, 1993d, nº5.

⁴⁶ CEAAT, 1996b, nº2.

imolou centenas de milhar de inocentes. Pois seja esta a grande lição do futuro. «Resolver os nossos problemas pelas armas do diálogo, e não pelo diálogo das armas»⁴⁷. Para tal, é urgente a criação de um governo de reconciliação nacional e um encontro de Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi⁴⁸.

Após a reunião de todos os Bispos da África Austral (IMBISA), a CEAST publicou uma Mensagem Pastoral que termina em forma de apelo: «Acabem com a guerra de uma vez para sempre, tenham pena do povo que é sempre a verdadeira vítima da guerra, e não os dirigentes que a decretam»⁴⁹.

“Angola, para onde vais?” - É o título da última Mensagem de 1998, perante a grave e preocupante situação político-militar que entrava o Processo de Paz em Angola: «vemos o povo a ser de novo esmagado pela crueldade das armas: milhares de homens, mulheres e crianças já desalojados, esfomeados, esfarrapados, adoentados, votados à mais indigna condição de um ser humano»⁵⁰. Há um pedido aos “senhores das armas” para que continuem o diálogo, façam justiça às vítimas assassinadas pelas forças policiais, reunifiquem os exércitos.

Os Bispos pedem à ONU que aumente o seu contingente em Angola.⁵¹ D. Viti, Arcebispo do Huambo, defende a conotação étnica da guerra civil e defende que, «na Mãe Angola todos somos irmãos e todos somos iguais»⁵². Diz que a Igreja condena a guerra sem rodeio, pois não é caminho para a paz: «a guerra é caminho de morte. Com a guerra negamos a angolidade, negamos a pessoa humana. A guerra civil nunca terá um vencedor. Só terá vencidos, porque a casa dividida contra si própria não subsiste. Angola assim não tem futuro»⁵³.

Terceira Parte

Depoimento de Justiça e Paz

Recolhi, no âmbito desta investigação, o depoimento de 17 Bispos, sobre o papel que a Igreja Católica era chamada a desempenhar em ordem à reconciliação, ao cessar-

⁴⁷Cf. CEAST, 1996b, nº3.

⁴⁸ cf. CEAST, 1996b, nº6.

⁴⁹ CEAST, 1998c, nº6.

⁵⁰ CEAST, 1998e, nº2.

⁵¹Cf. CEAST, 1998e, nº4.

⁵² SANTOS, 1999, p.12.

⁵³ IDEM, p.12.

fogo e à paz em Angola. Escolhi-os porque eles são os católicos que tiveram por missão ajudar a construir os Documentos Pastorais já estudados e, sobretudo, assumiram a responsabilidade de tentar implementar, no dia-a-dia de um país em guerra, as orientações lá gravadas. A amostragem incidiu apenas sobre pessoas que, durante a guerra, ficaram em Angola a partilhar a sorte e a má sorte das populações, tentando defendê-las das habituais arbitrariedades dos militares e dos chefes políticos, denunciando as violações dos direitos humanos e propondo soluções na linha da justiça, paz e direitos humanos.

Estes Missionários (no sentido mais amplo do termo) testemunham, através dos depoimentos fornecidos, a realização da sua missão seguindo os dados das teologias da Libertação, da Inculturação e da Reconstrução e mostram, nos textos recolhidos, que seguem os valores expressos no património da Doutrina Social da Igreja.

A Igreja Católica durante a guerra civil angolana, fez uma opção preferencial pelas vítimas da guerra, a começar pelos jovens e pelas crianças, uma vez que estes foram e continuam a ser os mais martirizados.

1. Intervenções dos Bispos

A voz dos Bispos ouviu-se de duas formas: na colegialidade da Conferência Episcopal, através dos pronunciamentos colectivos da CEAST, e pelo depoimento pessoal dos Prelados. Fui atrás de opiniões, desilusões, convicções, angústias e expectativas de 17 Bispos que, do Norte ao Sul de Angola, foram amplificando os gritos do povo, numa perspectiva de “justiça e paz”. Vou nestas páginas acompanhar a voz de alguns Bispos da CEAST ao longo dos seus pronunciamentos.

1.1 Pronunciamentos dos Bispos da Arquidiocese de Luanda

1.1.2 Cardeal Alexandre do Nascimento

O Cardeal Alexandre do Nascimento chamou à guerra uma «explosão do absurdo»⁵⁴, considerou terrível a violação dos direitos humanos que se pratica em Angola e manifestou-se contra os latifúndios que fazem com que haja terra sem homens e homens sem terra. Disse que a Igreja investiu na defesa das pessoas. Lamentou a

⁵⁴ ALEXANDRE DO NASCIMENTO. A guerra é uma explosão do absurdo. *Acção Missionária*, 1999, Nascimento, 1999, p.4.

dizimação de vidas humanas pela guerra e pelas doenças, sobretudo o paludismo, a doença do sono, a tuberculose e a sida. E denunciou: «Em Angola há violação dos direitos humanos, isso é terrível»⁵⁵. Alertou para o drama das crianças pois, segundo o Cardeal, «há pais que atiram crianças para a rua a fim de puderem subsistir»⁵⁶. Daí que tenha levado esta preocupação à Presidência da República.

Segundo Cardeal Alexandre do Nascimento, da parte dos bispos e da Igreja como um todo, houve um esforço no sentido de fidelidade ao mandato do Senhor: «o amor está acima de tudo. A paz condiciona a sociedade civil, como a própria sociedade eclesial. A nossa acção por causa da guerra foi sempre de emergência. Salvamos vidas. Os nossos missionários expuseram a vida muitas vezes, porque estivemos lá onde ou não estava o Estado, mas lá estava a Igreja»⁵⁷. A guerra é uma loucura e, sobretudo em Angola, um absurdo. A resolução dos problemas de Angola passa pela paz.⁵⁸

O Cardeal defende ainda a importância da Rádio Ecclesia (para a Igreja ter voz diante do governo e da sociedade) e da Universidade Católica, um sonho antigo, que viria a concretizar-se, para ajudar o homem angolano a ter uma formação sólida e completa, pois, «Angola, rica como é, tem de formar os seus próprios dirigentes, para não cairmos mais em dependências lamentáveis, para não dizer, vergonhosas!»⁵⁹.

Dom Alexandre do Nascimento é mentor da Universidade Católica de Angola, ideia que levou à CEAST e procurou institucionalizar com ajuda da Santa Sé. O Papa João Paulo II acarinhou pessoalmente o projecto.

Na visita que fez a Angola, em 1992, ao abordar o tema da formação e da juventude, João Paulo II declara: neste âmbito sabereis reservar particular dedicação ao sector da educação profissional, que permitira dotar o vosso País de uma elite dirigente e empreendedora. Sinal desse vosso cuidado prestigioso é a Universidade Católica de Angola, cuja abertura se anuncia para breve⁶⁰.

⁵⁵ IDEM, p.4.

⁵⁶ IDEM, p. 4.

⁵⁷ TONY NEVES., *Angola. A Igreja Católica pela Paz*. Lisboa: Rei dos Livros, 2001, p. 17.

⁵⁸ IDEM, p. 17

⁵⁹ ALEXANDRE DO NASCIMENTO. A guerra é uma explosão do absurdo. Acção Missionária, 1999, Nascimento, 1999, p.4.

⁶⁰ . APOLINÁRIO HILEMUSINDA., *História da Universidade Católica de Angola: da génese à fase actual (1999-2014)*, Luanda, Mayamba, II Volume, p. 259.

O Cardeal conseguiu ainda apoios valiosos do Episcopado português, do Cardeal-Patriarca de Lisboa, Dom António Ribeiro, e de Dom José da Cruz Policarpo, então reitor da Universidade Católica Portuguesa, que deu um grande impulso à criação da Universidade Católica de Angola.

A UCAN (Universidade Católica de Angola), nasceu assim, a 22 de Fevereiro de 1999, como primeira instituição de Ensino Superior ministrado por uma instituição privada de Angola, sendo Dom Damião António Franklin, então arcebispo metropolitano de Luanda, seu primeiro Reitor, e o Reverendo Padre Doutor Filomeno do Nascimento Vieira Dias. Vice-reitor. Quando a 11 de Fevereiro de 2005, Dom Filomeno do Nascimento Vieira Dias, primeiro Vice-reitor da UCAN, foi nomeado Bispo da Diocese de Cabinda, a sede de vice-reitoria da UCAN ficou vacante. Para preencher esta vaga foi nomeado, através do despacho nº 01/2006, o Reverendo Padre António Martins da Torre, da congregação dos Missionários do Verbo Divino.

1.1.2 D. Eduardo André Muaca

D. Eduardo André Muaca, primeiro Bispo negro de Angola no século XX, ordenado em 1970, Bispo de Malange e Arcebispo de Luanda, presidente da CEAST, historiador, tornou-se emérito em 1985, por motivos de saúde. Partilhava a convicção que a Igreja em Angola lucrou muito com o 25 de Abril em Portugal e, sobre a situação, em 1999, escreveu: «Angola está numa fase muito difícil, talvez a mais difícil da sua história. Esta fase da guerra é pior que a guerra colonial e que as duas primeiras fases da guerra civil. Mas nós acreditamos na misericórdia de Deus, na reflexão dos homens e que a actual situação há-de dar lugar a uma Angola de Paz, de prosperidade, de bem-estar para todos»⁶¹.

Quanto ao futuro próximo de Angola e ao papel que a Igreja deve desempenhar, D. Eduardo André Muaca sustentou que haverá mais espinho com a guerra em Angola mas abrir-se-ão os botões de rosas. Serão espinhos dolorosos, infelizmente os responsáveis têm corações de pedra e olham mais para os seus interesses que para os de Angola.

D. Eduardo André Muaca tinha a esperança de que o mal terá fim, a verdade e o bem acabarão por triunfar, mesmo que seja só a longo prazo. Depois da tormenta virá a

⁶¹ MUACA, 1999, p.8.

abonança, estou convencido de que o tempo em que vivemos é de advento que pré-anuncia a redenção. Já muitíssimo fez a Igreja e continua a fazer. Mas acredito que ela tem ainda muito que fazer.

1.1.3 D. Damião Franklin

D. Damião Franklin (1956- 2014) de feliz memória, que foi Arcebispo de Luanda (2000-2014) disse que a o trabalho da Igreja foi marcado por muitos actos heróicos que fizeram com que hoje a maioria da população angolana seja católica. «A cristianização do nosso País deveu-se a um trabalho intenso de evangelização que exigiu muito sacrifício, renúncia e desprendimento»⁶².

Para D. Damião Franklin, a Igreja tem investido muito para que o evangelho penetre na cultura do povo angolano para que os critérios de valor e a maneira de se comportar estejam de acordo com a Palavra de Deus e com a Doutrina Social da Igreja.⁶³Sobre os resultados do investimento da Igreja em favor do desenvolvimento do povo e da paz, o Arcebispo conclui «é difícil fazer balanços de actividade. O resultado do nosso trabalho não é calculável em números. A nós compete semear (...). Não nos devemos preocupar com a eficácia, mas com o cumprimento do nosso dever»⁶⁴.

Sobre o futuro de Angola, é optimista, mas há que investir em lideranças sérias e competentes: «acho fundamental que os líderes sirvam o povo, que existam por causa dele e que legitimem o seu poder, porque o povo existe e é graças ao povo que são líderes»⁶⁵. Sustentou ainda que da parte da Igreja é importante que haja pastores que se dediquem, de uma forma integral ao seu rebanho e que o povo se sinta igualmente responsável pelo seu futuro. Conclui o prelado dizendo que «é preciso sair da situação de guerra e de violência que vitima as populações. É urgente criar uma tolerância construtiva em que os angolanos vivam autenticamente como irmãos e não como lobos junto de outros lobos. O homem não pode ser lobo para outro homem. Cada angolano através do Movimento Pro-Pace, deve ser ajudado a fazer-se próximo do outro.

Quanto ao papel da Universidade Católica de Angola, o prelado sustenta que é um projecto antigo. As vicissitudes da história fizeram com que só agora viesse a luz do

⁶²TONY NEVES. *Angola. A Igreja Católica pela Paz*. Lisboa: Rei dos Livros, 2001, p. 25.

⁶³ IDEM p. 26.

⁶⁴ IDEM p. 26.

⁶⁵ Op.cit p. 27.

dia. O arcebispo Metropolitano de Luanda refere ainda que «a Universidade Católica de Angola é um sinal de esperança e faz parte da missão da Igreja. Formar quadros a nível superior é um serviço que presta à Igreja e à Nação»⁶⁶. D. Damião Franklin defendeu ainda que o movimento Pro-Pace deve educar para a tolerância e para a paz: «o movimento Pro-Pace deve educar o povo para uma cultura de paz. É urgente sair da situação de guerra e de violência que vitima as populações»⁶⁷.

1.2 Pronunciamentos dos Bispos da arquidiocese de Lubango

1.2.1 D. Manuel Franklin da Costa

D. Manuel Franklin da Costa, Arcebispo Emérito do Lubango, uma das maiores figuras de Angola, falou do seu exílio durante o tempo colonial, o doutoramento que fez na Faculdade de Filosofia de Braga, o seu regresso a Angola após o 25 de Abril de 74 e a nomeação para Bispo em 1975. Sobre a situação do país, declarou: «Os responsáveis têm corações de pedra e olham mais para os seus interesses que para os de Angola. Ainda há muito petróleo e muitos diamantes para a compra de armas letais modernas e sofisticadas. Mas o mal terá fim, a verdade e o bem acabarão por triunfar, mesmo que seja só a longo prazo»⁶⁸.

Este Arcebispo também acreditava no papel da Igreja como mediadora, mesmo sem vontade política dos beligerantes. Defende que a Igreja fez muitíssimo pela paz, através das intervenções no terreno e nas sucessivas chamadas de atenção para o diálogo e negociações⁶⁹.

D. Manuel Franklin da Costa Vai mais longe, ao atacar os beligerantes que não mostram vontade de se sentar à mesma mesa e conversar, para chegar a um acordo: «Sem estas disposições, de parte a parte, a Igreja não tem condições para ser mediadora»⁷⁰.

Por último, D. Manuel Franklin da Costa Defendeu o cessar-fogo, resultante de um diálogo directo MPLA-UNITA, mas o Governo só aceita o desarmamento da UNITA: «O Governo continua a dizer que “conversações com Savimbi, nunca”, porque

⁶⁶ IDEM p. 26.

⁶⁷ IDEM p. 27.

⁶⁸ TONY NEVES. *Igreja Católica pela paz*, 2000, p.12.

⁶⁹ IDEM, p. 12.

⁷⁰ COSTA, 2001, p.12.

ele fez mal ao povo, é um criminoso de guerra que deve ser julgado e preso por crimes contra a humanidade»⁷¹. Para o Arcebispo Emérito do Lubango, apesar dos espinhos dolorosos provocados pela guerra civil, abrir-se-ão os botões de rosa. Já muitíssimo fez a Igreja e continua a fazer.

1.2.2 D. Zacarias Kamwenho

D. Zacarias Kamwenho, Arcebispo do Lubango e Presidente da Conferência Episcopal, em 1999, vê o povo exigir à Igreja mais protagonismo na proposta de caminhos que conduzam a uma paz definitiva e está convencido de que a geminação de paróquias enriquece as Igrejas que se tornam mais irmãs⁷². O Arcebispo do Lubango mostra também uma grande preocupação pelas crianças:

«Há dias, fui ao Huambo e visitei um campo de deslocados do Bailundo. Disse, ao regressar, que há 25 anos os meninos do Huambo sonhavam que haviam de ter uma nova bandeira, haviam de soletrar a palavra “liberdade”. Mas o que sabemos é que, 25 anos depois, a bandeira que os meninos conquistaram é a da fome, da subnutrição, da inviabilidade das estradas, tantas sem escola»⁷³.

Sobre a Paz, D. Zacarias propõe um plano novo que não passe pelo esmagamento militar do inimigo mas sim pelo diálogo: «aos que pretendem acabar a guerra com a guerra, nós dissemos que o diálogo é ainda uma alternativa válida e a tempo»⁷⁴.

D. Zacarias recebeu, no Parlamento Europeu, a 12 de Dezembro, em Estrasburgo, o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento e dos Direitos Humanos. D. Zacarias pede aos beligerantes que olhem para esta distinção internacional como apelo ao calar das armas, para bem de um povo que deseja tranquilidade e segurança: «é tempo de se pôr ponto final a esta tragédia ao vivo. É tempo de dizermos todos: basta!»⁷⁵.

1.3 Pronunciamento do Bispo da Diocese de Cabinda

⁷¹ IDEM p. 12.

⁷² cf. ZACARIAS KAMWENHO. *Viver a Fé em Lusofonia. Acção Missionária*, 1999, p.4.

⁷³ TONY NEVES. *Justiça e Paz em Angola nas intervenções da Igreja Católica*, Lisboa, 2011, p. 221.

⁷⁴ TONY NEVES. *Angola. A Igreja Católica pela Paz*, 2001, p. 12.

⁷⁵ TONY NEVES. *Justiça e Paz nas intervenções da Igreja Católica*, p. 222.

1.3.1 D. Paulino Madeca

O Bispo de Cabinda, D. Paulino Madeca disse que a Igreja está a defender as populações, matando a sua fome, apoiando refugiados e deslocados, combatendo as doenças. O Bispo refere que Igreja Católica esteve ao lado dos pobres.

Afirma o Bispo de Cabinda que a Igreja que está em Angola, como não podia deixar de ser, levantou-se em defesa dos desprotegidos e não só e com ajuda das Cáritas Internacional, do PAM e entre nós em Cabinda, do “ Grupo dos Amigos de Cabinda, do Porto e da Cáritas e cruz Vermelha da Arquidiocese de Évora, «a Igreja tanto em Cabinda como em toda Angola mitigou muita fome, cobriu muita a nudez e curou muitas doenças dos refugiados, deslocados e dos despojados dos seus bens por sequestro e destruição»⁷⁶.

O prelado destaca ainda o papel que a Igreja Católica deu ao povo angolano no campo espiritual.

1.4 Pronunciamentos do Bispo da arquidiocese do Huambo

1.4.1 D. Francisco Viti

No planalto central, D. Francisco Viti, arcebispo do Huambo, diversas vezes ergueu a voz, juntamente com os seus missionários, para denunciar as atrocidades da guerra e propor caminhos de reconciliação. Insurgiu-se contra uma “Angola-cemitério”, uma “nação de cadáveres”, construída por quem aposta na guerra e, por isso, na miséria do povo que é vítima dos dois lados. D. Viti aponta a solução: «A Paz para Angola tem de passar pelo reencontro dos corações e aceitação mútua de todos os angolanos»⁷⁷.

1.5 Pronunciamentos do Bispo da Diocese de Menongue

1.5.1 D. José Queirós Alves

Nas terras do fim do mundo, Menongue, o Bispo era português: D. José Queirós Alves. Na sua Diocese está o território da Jamba, durante anos a fio o quartel-general da UNITA. Fala de terras que foram palco de combates fortes, como Jamba, Mavinga e Cuito Cuanavale, como (...) povoações que são um símbolo da guerra fratricida, este desastre humano que percorreu Angola inteira e, de modo muito peculiar, a Província

⁷⁶TONY NEVES. *Angola. A Igreja Católica pela Paz*, p. 60.

⁷⁷ FRANCISCO VITI. A Paz pelo reencontro dos corações. *Acção Missionária*, 1999, p.4.

do Kuando Kubango. Tanto a nível humano como económico-social, esta guerra foi tremendamente devastadora⁷⁸. A Jamba, capital e quartel-general da UNITA, teve duas visitas do Bispo que vive do lado do MPLA.

1.6 Pronunciamentos dos Bispos da Dioceses de Benguela, Sumbe e Bié

1.6.1 D. Óscar Braga

Benguela é o maior viveiro de vocações sacerdotais e religiosas em África. Basta saber que D. Óscar Braga ordenou, a 4 de Julho de 1999, vinte e três novos padres, na mesma celebração. Mas, o interior da diocese foi, durante a guerra, terra de mártires que, na opinião do seu bispo, são os pilares de uma Igreja comprometida com o povo espezinhado e de um futuro de paz para Angola.⁷⁹

Olhando para o período que se seguiu à independência, D. Óscar recorda a dureza com que o governo marxista atacou a Igreja: «atacavam-nos com alegações de que a Igreja era privilegiada. Aliás, o próprio Agostinho Neto, nos seus discursos, dizia que a Igreja tinha os dias contados, que não poderia haver religião em Angola, e estabelecia um prazo de sete ou oito anos durante os quais a Igreja deixaria de existir no país. Dentro desse prazo acabou ele e a Igreja continua»⁸⁰.

Segundo o Bispo de Benguela, desde a primeira hora, a Igreja Católica esteve disposta a ajudar na mediação. «Só que os beligerantes nunca solicitaram a nossa mediação, por mais situações que a favorecessem e nós tivéssemos oferecido os nossos préstimos. As partes em conflito sempre acharam que não era a mediação mais conveniente, até porque já havia um processo com as Nações Unidas e a Troika»⁸¹. D. Óscar não desistiu e, em 2001 voltou à carga, reafirmando a vontade mediadora da Igreja e denunciando a intensificação dos combates e ataques, situação grave para as populações e que só permitia chegar a duas das muitas paróquias e Missões do interior da Diocese, para apoio humanitário e religioso.⁸²

⁷⁸ JOSÉ QUEIRÓS ALVES. Jamba, Mavinga e Cuito Cuanavale são símbolos deste desastre humano. *Encontro* 1992, p.12.

⁷⁹ ÓSCAR BRAGA. A Igreja está disposta a mediar o conflito. *Acção Missionária*, 1999, p.8.

⁸⁰ CAPOCO, 2005, p. 58

⁸¹ ÓSCAR BRAGA. A Igreja está disposta a mediar o conflito. *Acção Missionária*, 1999, p.8.

⁸² ÓSCAR BRAGA, 1999, p.12.

1.6.2 D. Benedito Roberto

D. Benedito Roberto, Bispo do Sumbe, lembra a frustração que Angola viveu a seguir a uma independência muito festejada. É que «a Igreja foi acusada de obscurantista. Mas, mesmo com o marxismo mais radical, ela continuou a ser fiel a si própria e a viver com as populações. Por isso, ela foi e é respeitada em Angola»⁸³. Sobre as intervenções da Igreja a favor da “Justiça e Paz”, D. Benedito elogia o trabalho dos Dominicanos que lançaram o Centro Cultural Mosaiko.

No dizer deste prelado, que anteriormente foi Bispo de Novo Redondo, Diocese do Sumbe, o trabalho da Igreja em Angola sempre foi marcado pela preocupação com as pessoas, houve um empenho de fazer com que a formação do angolano fosse integral, sobretudo através do trabalho levado a cabo pelas Missões.

1.6.3 D. José Nambi

A Província do Bié foi uma das mais marcadas pelos efeitos da guerra civil. No ano 2000, o novo Bispo, D. José Nambi, diz que viveu a celebração da independência com muita expectativa, mas ficou triste pelo facto da Igreja ter passado por maus tempos. A opção de ficar sempre do lado do povo sofredor, deu créditos à Igreja que sempre apontou caminhos de “justiça e paz”. Esta opção foi muito importante e deu credibilidade à Igreja Católica.

Lamenta que o Governo e a UNITA pareçam não tomar muito a sério as palavras da Igreja, embora as reacções negativas aconteçam aquando da publicação das Mensagens mais incisivas. O balanço é positivo: «Estou convencido de que, apesar de tudo, valeu e vale a pena falar e dizer as coisas. Tudo somado, as mensagens dos bispos foram tomadas a sério»⁸⁴.

Em 2001, a situação agravou-se e aumentaram os deslocados de guerra (150 mil só à volta da cidade do Kuito). A Caritas chega com a ajuda humanitária onde mais ninguém consegue chegar. A desnutrição, a malária e a tuberculose estão a vitimar muita gente, sobretudo idosos e crianças. O Bispo recorda ainda a destruição absoluta de todos os arquivos diocesanos.

⁸³ BENEDITO ROBERTO. Sonho uma Angola reconciliada. *Acção Missionária*, 2000, p.37.

⁸⁴ JOSÉ NAMBI. A aposta no Congresso da Paz. *Acção Missionária*, 2000, p.12.

1.7 Pronunciamentos do Bispo da Diocese do Uíge e Ndalatando

1.7.1 D. Francisco da Mata Mourisca

No Uíge, D. Francisco da Mata Mourisca está convencido de que, após a tempestade da guerra virá a bonança da paz. Considera que Angola ainda só tem duas instituições a funcionar com eficácia: «a guerra e a Igreja. A primeira, causando desgraças ao povo; a segunda, procurando remediá-las»⁸⁵.

A Igreja é a única tábua de salvação do povo, pois, «até agora falhou a diplomacia, falhou a política, e até falharam cinco lustros de guerra! Por isso, só uma total amnésia pode levar os promotores desta guerra a pensar que vão resolver pelas armas os problemas de Angola»⁸⁶.

D. Mata Mourisca, em 2008, divulgou o conteúdo de cartas que enviou ao Governo, à UNITA, à ONU, sempre em defesa das populações e a favor da reconciliação num período muito conturbado, em termos político militares, no Uíge: «Estas cartas revelam um pouco do que se fez não só para alcançar a paz, senão também para defender pessoas das perseguições políticas e para superar enormes barreiras, quer militares quer políticas, que dificultavam a ajuda humanitária às vítimas da guerra»⁸⁷.

Para D. Mata Mourisca, na esfera social, a Igreja tem mostrado ao mundo, sobretudo através da Caritas, o rosto de Cristo misericordioso.

1.7.2 D. Pedro Luís Scarpa

D. Pedro Luís Scarpa, capuchinho italiano, Bispo de Ndalatando, está convencido de que «a Igreja foi sempre acolhida com respeito, mesmo quando a ideologia marxista dominava ou mesmo quando era preciso falar de reconciliação entre as partes apostadas na guerra»⁸⁸. Recorda as bombas lançadas sobre a Catedral, o

⁸⁵ FRANCISCO DA MATA MOURISCA. Contra a cultura da violência. *Acção Missionária*, 1999, p.12.

⁸⁶ IDEM p. 12.

⁸⁷ FRANCISCO DA MATA MOURISCA, *Cartas Políticas ou Cartas de Amor?*. Uíge: Sedipu, 2008, p.6.

⁸⁸ PEDRO LUÍS SCARPA. *A guerra não nos paralisou*. *Acção Missionária*, 1999, p.8.

Seminário e o Paço Episcopal, em 1994, «um golpe para os missionários, foi a experiência na carne de como a guerra só destrói»⁸⁹.

1.8 Pronunciamentos do Bispo de Malanje

1.8.1 D. Eugénio Salesu

D. Eugénio Salesu, então Bispo de Malanje, «chamando as coisas pelo seu nome, publicou uma Mensagem do mais duro e mais frontal que já se viu! E parece que resultou: o próprio Presidente Eduardo dos Santos foi a Malanje, a 28 de Agosto, encontrou-se com D. Salesu e prometeu ao povo que a instabilidade iria acabar. Ora, acabar não acabou, mas está tudo muito mais calmo»⁹⁰.

1.8.2 D. Luís Maria Onraita

D. Luís Maria Onraita, basco, sucessor de D. Salesu como Bispo de Malanje, recorda os bombardeamentos sistemáticos que a UNITA fez sobre a cidade de Malanje, de Janeiro a Agosto de 1999, onde morreram mais de mil pessoas. O próprio Paço Episcopal foi bombardeado, tendo o Bispo sentido a morte muito perto: «Vi o pânico do povo e considero uma vergonha contra todos os direitos humanos bombardear populações civis. Nestes bombardeamentos não morreu nenhum soldado. Morreram pessoas do povo, famintas, tristes e abandonadas. Isto é um crime!»⁹¹.

A guerra generalizou-se na província de Malanje, mas a cidade capital viveu momentos dramáticos com o cerco que lhe foi feito, impedindo a livre circulação de pessoas e bens. A Igreja, em 1999, foi uma das raras instituições que pôde combater a fome do povo: «Apareciam caídas na rua mais de dez pessoas por dia. Era doloroso ver uma população ambulante, cadavérica. Percorriam as ruas da cidade com uma única palavra na boca: fome!»⁹². A Caritas chegou a atender oitenta mil pessoas, com o apoio de 700 voluntários. A situação mais dramática era a das crianças.

Num dos seus testemunhos sobre o papel que a Igreja Católica desempenhou a favor da paz e do cessar-fogo, D. Luís Maria Onraita disse:

⁸⁹ IDEM p. 8.

⁹⁰ TONY NEVES. *Missão em Angola*, 2ª Ed, Porto: S. C.M. Gondomar, 1997, p.133.

⁹¹ ONRAITA. Bombas sobre civis e cultura do prato. *Acção Missionária*, 2000, p.8.

⁹² IDEM, p. 8.

«Sou testemunha do trabalho da Igreja Católica ainda no tempo Colonial. A Igreja fez um bom trabalho de evangelização e preparou quadro para a nova situação da independência. Neste momento são muitos que reconhecem que receberam muito da Igreja. Receberam uma formação, uma cultura e umas ideias muito úteis para o resto da sua vida. A Igreja deu um grande contributo a Angola»⁹³.

D. Luís Maria Onraita fala ainda sobre a fome e a cultura do pranto que se viveu na Diocese de Malanje: impressionou-me e marcou-me profundamente a situação de fome que vitimou o povo de Malanje durante o ano de 1999. Com as bombas, as Organizações Não Governamentais fugiram e ficamos nós, a Igreja, para assistir aos famintos, distribuindo comida ao povo».⁹⁴

1.8 Pronunciamentos dos Bispos das Dioceses do Lwena e das Lundas

1.8.1 D. Gabriel Mbilingi

O novo Bispo de Lwena, D. Gabriel Mbilingi, acredita, em fins de 2002, que a paz veio para ficar: «o facto de terem sido os militares a decidirem sobre o diálogo, já infunde muita esperança, porque são sempre os militares que estão no campo de batalha Mas, há que cimentá-la.»⁹⁵.

A situação humanitária é grave, há que apoiar porque a fome não sabe esperar. Há que investir na formação dos jovens, incluindo os militares: «É preciso dar a estes jovens a possibilidade de terem uma profissão para a integração sadia e digna na sociedade. É nestes projectos que a Igreja está a investir»⁹⁶.

1.8.2 D. Eugénio dal Corso

Nas Lundas, províncias dos diamantes, há a convicção de que estes pagam boa parte da guerra e a sua exploração dá razões para prolongar o conflito. Mas, segundo D. Eugénio dal Corso, a população é pobre: «há muita fome, gente sem roupa. A estatística do PNUD mostra que as Lundas são uma das regiões onde o índice de pobreza humana é mais alto»⁹⁷. Considera urgente o fim do conflito e apresenta a Igreja Católica como facilitadora do encontro entre os beligerantes: «A Igreja repete a sua disponibilidade

⁹³ IDEM p. 33.

⁹⁴ Op. Cit p. 34.

⁹⁵ GABRIEL MBILINGI. A fome não sabe esperar, *Encontro*, 2002, p.20.

⁹⁶ IDEM, 2002, p.22.

⁹⁷ EUGÉNIO DAL CORSO. Diamantes apoiam a guerra em Angola. *Acção Missionária*, 1998, p.8.

para fazer o que é possível para a Paz. Assumirá um papel de mediadora se os dois beligerantes o quiserem»⁹⁸.

E recorda o nº12 da Carta Pastoral, “*Firmes na Esperança*” já datada de 1986: «A Igreja, como é sua tradição e o tem feito em outras ocasiões, oferece os seus serviços para diligências necessárias na mediação da Paz» (CEAST, 1998a, p.131). O povo das Lundas, como o conjunto do povo angolano, está cansado da guerra, pois «só quer a guerra um grupo muito pequeno de pessoas que lucram com ela. Mais ninguém»⁹⁹.

O seu antecessor, D. Pedro Marcos, recorda a nacionalização, em 1978, dos bens imóveis da Igreja, o que dificultou muito o seu trabalho. Considera que «a guerra que assola todo o território nacional é o grande “inimigo” da Igreja e do povo angolano. «Precisamos, com urgência, de uma paz definitiva e verdadeira»¹⁰⁰.

1.9 Pronunciamentos do Bispo de S. Tomé e Príncipe

D. Abílio Ribas, Bispo de S. Tomé e Príncipe, após 27 anos de Angola, diz que «a Igreja nunca se calou ou cruzou os braços. A coragem e inabalável união dos Bispos de Angola produziram monumentos de doutrina e direitos humanos»¹⁰¹. Para o antigo Bispo de S. Tomé e Príncipe, a actividade da Igreja em Angola se repartiu por três grandes sectores: evangelização, ensino e saúde. Centros Catequéticos e pastorais existiam por toda a parte, visitadas com frequência possível pelos missionários da área.

Aos Bispos angolanos há que prestar-lhes homenagem. Em todos os anos de Guerra, coragem, isenção e perseverança souberam exercer a sua missão de pastores, apelando à paz, protestando contra violências, exigindo respeito pelos resultados eleitorais e regras democráticas. É de salientar o grande esforço feito logo a seguir à crise político-militar, após as eleições de 1992, no sentido de chamar à razão os responsáveis por esta guerra exterminadora e criminosa.

Quarta Parte

Mensagens proféticas dos Pontífices que visitaram Angola

⁹⁸ IDEM p. 8.

⁹⁹ IDEM p. 8.

¹⁰⁰ PEDRO MARCO. 1998, p.8.

¹⁰¹ ABÍLIO RIBAS. A Igreja nunca se calou. *Acção Missionária*, 2000, p.12.

1.Mensagem profética do Papa João Paulo II

O primeiro Papa a pisar território angolano foi João Paulo II, a 4 de Junho de 1992. Acompanhado de 300 jornalistas, esta visita tornou-se no evento mais mediático da História de Angola. Também a comunicação social estatal (TPA, RNA e Jornal de Angola) deu larguíssima divulgação ao acontecimento, que todos consideraram de capital importância para o presente e o futuro de Angola.

João Paulo II chegou a Luanda a 4 de Junho de 1992, em período de campanha eleitoral para as primeiras eleições a realizar em Angola. Veio concluir as celebrações dos 500 anos da chegada dos primeiros missionários ao território, em 1491. Um Papa ainda jovem e desportivo percorreu o país quase todo, com visitas e intervenções em Luanda, Cabinda, Mbanza Congo, Huambo, Lubango, Benguela, tendo pelo meio uma deslocação a S. Tomé. Em todas estas cidades o Papa pronunciou um discurso, diversificando os temas.

A viagem a Angola foi muito desejada pelo Santo Padre o Papa João Paulo II. O afecto do Papa por Angola é imenso. Desde as primeiras audiências gerais em Roma, João Paulo II manifestou sempre muito carinho por Angola. Pode-se apreciar com vivacidade as palavras do Papa ao chegar a Luanda:

«Com imensa alegria e profunda gratidão a Deus acabo de beijar o solo da vossa Nação, para a qual tantas vezes, nestes anos de pontificado voou o meu pensamento num misto de ansiedade e confiança. Com solidária amizade, acompanhei as várias etapas, que marcaram o calvário da construção da sua liberdade e identidade como povo de irmãos sobre esta terra. Agora Deus concedeu-me vir ter convosco, peregrino do amor e da paz para este povo. Estendo o meu abraço caloroso e pleno de esperança ao inteiro povo angolano: para todos vai a minha cordial saudação, numa homenagem de respeito e afecto, de admiração e apreço pelos vossos valores de história e de cultura. Angola, venho a ti com sentimentos de amizade, de reverência e de confiança: que tu possas realizar o teu destino de País livre e fraterno. O Deus dos céus pouse o seu olhar benigno sobre todos os seus filhos e consolide em ti a fraternidade e o bem-estar humano. Que Deus te abençoe Angola!»¹⁰².

Assim saudou o santo padre o povo angolano, logo à sua chegada. Assim se exprimiu o mensageiro da paz, o profeta que em 1992 nos visitou em nome do Senhor.

¹⁰² Visita de João Paulo II a Angola. Alocuções, p. 9.

A todos, sobretudo aos dirigentes, encorajou a tornar possível o sonho da liberdade e de paz de todo o povo angolano.

A mensagem do Papa João Paulo II foi pontual. Ele disse-nos na devida altura o que era preciso ter em conta e operar: nobreza de espírito, generosidade heróica, transparência de intenções, engajamento responsável e honesto em favor da paz como bem maior em relação ao povo e à Nação.

Dos discursos proferidos pelo Papa João Paulo II em Angola em 1992, o mais comentado pelos jornalistas nacionais e estrangeiros foi proferido no Huambo. D. Francisco Viti, disse-o ao Papa e a todos os presentes: «foi de lágrimas este lugar mas em Cristo e com a vossa presença, converteu-se em alegria»¹⁰³.

O Papa João Paulo II escolheu para o planalto central de Angola, palco de grandes combates, o tema “ Justiça, Paz e Direitos Humanos”. Pediu logo no início: «que tenha definitivamente terminado para ti, querida Angola, o tempo do desamparo! Fique para sempre no passado este período doloroso de destruição. Vence as tentações que induzem a prolongar o conflito armado, fome de ruínas e inúteis sofrimentos»¹⁰⁴.

Ao terminar a primeira parte de uma homilia, constantemente interrompida por palmas, João Paulo II disse: «dos quatro cantos da Nação ouvimos um grito, que é um apelo ao mesmo tempo de reconciliação e de esperança: nunca mais a guerra! Paz a Angola, paz a Angola para sempre!»¹⁰⁵.

Ao longo de toda a sua homilia, encontramos a riqueza de todos que o Papa recorda para uma paz duradoura: «que haja a coragem de pôr o bem do povo à frente de qualquer outra consideração»¹⁰⁶. O Papa referiu ainda que a Família angolana precisa da graça de Deus, para sarar as feridas provocadas pelo pecado da guerra e do ódio. Ela precisa de Deus para ter a necessária força de alma e superar as dificuldades que se levantam no seu caminho. E por isso, os nossos olhos estão postos no Senhor nosso Deus, até que tenha piedade de nós (SI 123/122, 2).

¹⁰³ Mensagem dirigida ao Papa João Paulo II por sua excelência reverendíssima D. Francisco Viti, Bispo do Huambo, a quando da visita do Sumo Pontífice a Huambo, em 1992.

¹⁰⁴ Mensagem dirigida pelo Papa João Paulo II, em 1992, aos fiéis da Província do Huambo e a todas as pessoas de boa vontade.

¹⁰⁵ IDEM p. 10.

¹⁰⁶ Visita de João Paulo II a Angola. *Alocuções*, p. 26.

O Sumo Pontífice João Paulo II declara que a “paz é fruto da justiça” (Is 32, 7). Para restaurar a paz a que repor a justiça da verdade. A justiça da igualdade e a justiça da solidariedade fraterna. A procura do bem comum deve nortear a dedicação dos responsáveis pela vida pública e social, tal como deve inspirar o contributo de todos para o progresso da Nação. O Papa recordou ainda que cabe à Igreja a missão de iluminar as situações. Denunciar as injustiças, apontar pistas de vida e comunhão, pois, ela está ao serviço da pessoa humana e da comunidade. A violação dos direitos humanos e da pessoa humana é uma das causas da guerra.

Nos seus discursos, há um apelo constante do Papa João Paulo II ao bem comum, reafirmando as posições da Doutrina Social da Igreja que fornece motivação e orientações de fundo para toda a organização social que queira ser justa. Numa defesa das intervenções dos Bispos, o Papa concluiu a sua homilia dizendo: Os vossos pastores, varias vezes, vos chamaram a reconciliação e à paz. O apelo tem sido e é ainda a voz de quem vos ama e sofre pelos sofrimentos da Pátria. Cabe à Igreja a missão de iluminar as situações, denunciar as injustiças, apontar pistas de vida e comunhão, pois, ela está sempre ao serviço da pessoa e da comunidade.

Foi na primeira Eucaristia que o Papa celebrou em Angola, no Huambo que proferiu uma mensagem profética, de paz e reconciliação a todo o povo angolano: «que tenha definitivamente terminado para ti, querida Angola, o tempo do teu desamparo! Fique para sempre no passado este período doloroso de destruição. Para tal, vence as tentações que induzem a prolongar o conflito armado, fonte de ruínas e de inúteis sofrimentos»¹⁰⁷

Tudo quanto foi dito em 1992 pelo Papa no Huambo continua a ter plena actualidade. É por aí que a Igreja vai, consciente de que, por terras de Angola, ela é uma instituição espiritual de vocação mundializada, que assumiu autoridade mesmo sem qualquer poder político para o bem de todas as pessoas.

João Paulo II apelou à unidade entre os angolanos: «sede um povo unido, edificai uma única Nação onde todos possam considerar-se irmãos». Terminava assim o primeiro ponto de reflexão do Santo Padre aos jovens. São palavras que fazem parte de um pedido explícito do Papa aos jovens e às jovens angolanas: «dedicai as vossas vidas

¹⁰⁷ Visita de João Paulo II a Angola. *Alocuções*, p. 10.

as causas dignas e justas, construí uma Pátria que se apoie nos autênticos valores humanos e cristãos, construí algo que valha a pena»¹⁰⁸.

2. Visita do Papa Bento XVI à Luanda

O papa Bento XVI, chefe de estado do Vaticano e líder máximo da Igreja católica, visitou Angola em 2009, sete anos depois do cessar-fogo que pôs fim a uma prolongada guerra civil neste país lusófono.

Há três discursos que são cruzados entre o Papa e o Presidente Eduardo dos Santos, sendo os mais significativos os que foram pronunciados no Palácio Presidencial para os políticos, governantes e diplomatas.

Bento XVI, representa a instituição Igreja Católica que, segundo Wheeler e Péllisser, foi e é a instituição mais influente de Angola, tanto antes como depois da independência. Este aspecto é relevante e dá a Bento XVI o direito de apontar a muitas situações e mexer em algumas feridas que ainda causam dor ao povo angolano e põem em causa os seus governantes. Eduardo dos Santos é o presidente de Angola desde a morte de Agostinho Neto. É dos líderes políticos que permaneceu mais tempo numa presidência, é o vencedor militar de uma guerra civil que durou vinte e sete anos. Tido como moderado, veio de uma linha marxista radical, foi formado politicamente na Rússia antes da queda do Muro de Berlim. As suas relações com a Igreja Católica foram conflituosas numa primeira fase, após a nacionalização de todas as estruturas da Igreja, com promessa de arrasar esta instituição em pouco tempo.

Bento XVI foi a África entregar o documento final do Sínodo africano que se realizou em Roma dois anos antes. Foi este o motivo da visita e aproximação das eleições foi mera coincidência. De qualquer forma, a coincidência não parece politicamente relevante, dadas as consequenciais óbvias de um aproveitamento político por parte do presidente candidato.

À chegada Luanda o Papa foi recebido por Eduardo dos Santos no aeroporto e as suas palavras são de saudação. Em termos desportivos podia dizer que o Papa estava a jogar fora de casa mas não teve receio de pôr o dedo em certas feridas.

¹⁰⁸ IDEM p. 102.

O Papa Bento XVI teceu elogios ao País que se levanta de uma guerra civil de 27 anos e que já consegue dar sinais de relativa estabilidade social. Também é óbvio o desenvolvimento que se percebe nas estradas, habitações, comunicações, educação e saúde. Bento XVI refere o problema dos baixos salários e da desigualdade social gritante, com ricos muito ricos e pobres muito pobres. Há pedidos claros: que se combatam a avidez, o Sumo Pontífice chega ao ponto de pedir um Governo transparente, uma magistratura independente, uma comunicação social livre, uma administração pública honesta, uma rede de escola e hospitais que funcionem bem e um combate sem tréguas à corrupção.

O Papa Bento XVI escolheu ainda a casa do Presidente para falar da ética nas relações internacionais no que diz respeito ao desenvolvimento dos povos, pedindo aos políticos, diplomatas e companhias multinacionais que garantam relações de justiça e solidariedade entre os povos, permitindo aos líderes africanos a possibilidade de serem eles os verdadeiros protagonistas deste desenvolvimento sustentável do continente africano.

Na despedida, no aeroporto internacional de Luanda, deixou novo apelo ao presidente e ao governo: «se me permitissem um apelo final, seria de pedir que a justa realização das populações mais necessitadas constitua a preocupação principal de quantos ocupam cargos públicos»¹⁰⁹.

3. Síntese conclusiva

A Igreja Católica em Angola, nos últimos vinte e sete anos de guerra civil em que nós os angolanos mergulhávamos, ganhou uma autonomia moral que seria difícil imaginar à data da independência.

O papel da Igreja Católica em Angola tem sido apreciado e louvado pela maioria dos quadrantes políticos nos anos de guerra e pós-guerra. A Igreja católica condenou sempre a violência, pôs-se ao lado dos mais pobres e abandonados, apelou constantemente a uma saída política para a guerra civil, exigindo uma democratização do regime e protestando contra aqueles que argumentam que os africanos não estão preparados para a democracia, reafirmando que esta não é um luxo reservado aos países ricos do primeiro mundo.

¹⁰⁹ Discurso de despedida dirigida pelo Papa Bento XVI, em Angola, em 2009, no aeroporto de Luanda.

A Igreja Católica optou por um serviço desinteressado e gratuito às populações flageladas por uma guerra civil e cruel. Esta opção clara pelos sem vez e sem voz atraiu sobre ela a confiança das pessoas e constituiu-a em razão quase única de esperança num futuro de justiça e de paz.

Nos momentos cruciais de Angola independente, marcados por uma grande repressão à liberdade de expressão e à religião, os Bispos pronunciaram-se sempre em bloco. O Governo e a UNITA, diante deste “um por todos e todos por um”, nunca conseguiram esmagar a influência da Igreja nem abafar a sua voz profética. Sem sombra de dúvida, pelas vantagens da neutralidade e coesão oficiais da Conferência Episcopal.

Hoje, tanto as populações como as autoridades de ambas as partes da trincheira (MPLA e a UNITA), como a comunidade internacional, estão convencidos de que a reconciliação, a paz e a construção nacional a todos os níveis passaram e continuam a passar pela Igreja Católica.

Os documentos da CEAST aqui sintetizados são apenas mais uma prova de que há poderes que fazem sombras ao Estado. E se a soberania reside no povo, o povo está hoje do lado da Igreja Católica e confia nela. Em Angola, a Igreja tem obrigado um lado e o outro a fazer as inversões de marcha frequentes nos seus propósitos e programas. Pelas suas posições clarividentes e firmes, a CEAST desmascarou o belicismo e a corrupção reinantes tomou o partido dos mais pobres e marginalizados.

Tudo tem o seu preço e a Igreja já o pagou bem caro: muitos padres e irmãos, catequistas e outros cristãos foram martirizados, perseguidos, caluniados, despojados de tudo, presos, raptados por causa da sua fé e dos seus compromissos cristãos. Mas, valeu a pena pagar tal preço. Estar ao serviço da comunidade humana vale sempre a pena. Sobretudo em contextos de guerra onde há almas que são mesmo muito pequenas mas poderosas.

Para Tony Neves, uma das raras vozes lúcidas durante a guerra civil foi a da Igreja Católica. As mensagens publicadas falam da urgência do cessar-fogo, do respeito pelos Direitos Humanos, do combate à fome e à corrupção, da reconciliação, do perdão, da justiça e da paz. Falam da liberdade de expressão e de circulação. Há uma condenação frequente da intolerância política, da imposição ideológica dos partidos beligerantes, das atrocidades cometidas pelos militares, dos bombardeamentos sobre os

civis. Nunca a guerra é considerada justa, porque os efeitos negativos que ela está a provocar junto das populações civis não é proporcional aos ganhos que os beligerantes dizem trazer ao povo.

Há uma condenação clara da guerra e propostas teóricas para que a situação se resolva pela negociação. Bispos, Padres e Irmãs são unânimes nesta convicção e no testemunho desse compromisso prático dos membros desta instituição: a Igreja denunciava a guerra e tentava, ao mesmo tempo, curar as feridas que ela provocava. A reparação dos efeitos dramáticos do conflito era feita pelo apoio espiritual, pela distribuição de ajuda humanitária, bem como pelas intervenções nas áreas da saúde, da educação e da promoção dos direitos humanos.

SEGUNDO CAPÍTULO

TEOLOGIA DA MISSÃO E DO DIÁLOGO

O carácter missionário da Igreja expressa-se numa praxis e numa teologia, que se vai convertendo em função do modo como a Igreja se compreende na sua relação com o mundo. Na história houve momentos profícuos, tais como mudanças civilizacionais, épocas de crise ou ruptura devido a eventos, que ajudaram a Igreja a reflectir o modo como os cristãos têm cumprido o mandato missionário do Senhor. Um desses momentos foi o que ocorreu com o concílio Vaticano II, e que ainda hoje pode servir de chave de leitura para analisar a acção missionária da Igreja. No concílio, a Igreja redefiniu totalmente o seu compromisso fundamental e profético com o mundo de hoje. Este evento tentou renovar o ardor missionário através de um novo paradigma.

Pensamos em descortinar neste terceiro capítulo sobre a teologia da missão e do diálogo para no último capítulo desta tese falarmos da actividade e da experiência missionária dos verbitas em Angola durante a guerra civil.

Os temas que abordaremos aqui sobre a teologia da missão e do diálogo, são precisamente aqueles que os missionários do Verbo Divino procuraram implementar em Angola durante o período da guerra civil. Portanto, este capítulo colocará os pressupostos teóricos da nossa dissertação para vermos em seguida como os verbitas seguindo a teologia da missão da Igreja conseguiram evangelizar Angola durante este período de impotência ou de guerra civil desastrosa.

Parte Primeira

Elementos para uma teologia da Missão e do diálogo

A missão não vem de nós, a missão é de Deus, nós participamos dela. A missão somente se entende quando se olha para além do mundo e para além de nós mesmos. É uma resposta que damos ao plano do Pai que já determinou a forma de realizar a salvação; é a continuação da missão do Filho, deste mistério escondido de Jesus, que chama todos os homens a participar das novas promessas e na nova herança; é colaboração actual com o Espírito Santo, com cuja luz, força e graças, a Igreja pode realizar a sua Missão.

1. A missão em atitude de êxodo

OXIII Capítulo Geral da Congregação do Verbo Divino assumiu a teologia da missão pós-conciliar e a partir dessa teologia elaborou uma espiritualidade missionária. Ambas, a teologia da missão e a espiritualidade missionária, tiveram um impacto significativo na vida e actividade missionária dos membros da Congregação. Segundo Pe. António Pernia, antigo Superior Geral da Congregação do Verbo Divino, a teologia da missão que está na base dos documentos do Capítulo Geral de 1988 é uma teologia que coloca o Reino de Deus, entendido como a realização do plano salvífico de Deus, como meta da missão. Na sua opinião, um modelo de missão centrado no Reino está solidamente fundamentado na missão de Jesus como proclamação do Reino de Deus.

A missão tem como meta edificar o Reino de Deus como oferta de salvação para todos, incluindo a transformação das estruturas deste mundo. Por isso, na sua opinião, isto conduz à presença dos missionários nas situações de fronteira onde os valores do Reino estão ameaçados ou ausentes. Conduz, também, à promoção do diálogo, da inculturação e da libertação.

Por seu lado, a espiritualidade que brota desta compreensão da missão é uma espiritualidade do discipulado que se traduz no seguimento do Senhor e no êxodo. Então, a missão deixa de ser apenas mero trabalho e somatório de actividades externas para se tornar participação no mistério pascal do Senhor Jesus.

No seguimento do XIII Capítulo Geral, o Generalato publicou, em 1989, o documento «*Vivendo o mistério pascal*», segundo número da série *Seguindo o Verbo*. Com este texto, o generalato queria oferecer aos membros da Congregação uma reflexão mais sistematizada sobre o conceito de «êxodo pascal» no contexto da espiritualidade missionária verbal.

O texto reafirmava que os missionários do Verbo Divino dedicam toda a sua vida «a continuar a missão salvadora e unificadora do Verbo» procurando derrubar «os muros de divisão que separam entre si irmãos e irmãs». Os missionários eram desafiados a fazer o êxodo «para outras culturas de modo a eliminar as fronteiras do racismo e dos preconceitos»; a fazer o êxodo «para os pobres a fim de que desapareçam as fronteiras de classe»; e a empreender este êxodo «em diálogo, de maneira que morra o sectarismo religioso».

2. Missão: profecia e libertação

Ao equacionar a missão *ad gentes* com a nota da libertação, quer-se recuperar a compreensão do anúncio salvífico da Boa Nova como o de uma «salvação integral do homem. É uma perspectiva nova, também missionária, que não fora tomada em conta habitualmente na missionologia anterior (...) Esta é uma perspectiva dos nossos dias»¹¹⁰

“Libertação” é uma palavra que parece mais dinâmica, abrangente e profunda, mas a preocupação com esta dimensão da missão já foi apelidada de promoção humana, desenvolvimento, justiça e paz, solidariedade, etc. O importante e decisivo, de qualquer forma, é tomar consciência de que a salvação integral do homem e do seu mundo implicam a consideração da verdadeira situação em que o ser humano se encontra à face da terra.

Uma das características da profecia bíblica, nomeadamente no Antigo Testamento, era a luta contra a injustiça lado a lado com a defesa dos pobres e desprotegidos. Essa marca manteve-se sempre na acção dos profetas de todas as épocas.

Como nos descreve o Pe. José Antunes da Silva, actualmente Vice-Superior Geral da Congregação do Verbo Divino, na sua tese de doutoramento defendida na Universidade Católica Portuguesa com o título: *Diálogo profético, Identidade e Missão da Congregação do Verbo Divino, segundo o seu XV Capítulo Geral (ano 2000)*:

«ao longo da sua história, a Igreja teve sempre, ainda que às vezes de forma residual, um olhar acutilante sobre a realidade, procurando minimizar e aliviar as dores e os sofrimentos da humanidade, promovendo o acesso à educação, aos cuidados de saúde, apostando na formação das consciências, lutando pela dignidade das pessoas e pela defesa dos mais débeis¹¹¹».

Este estilo profético de estar no mundo e ser presença evangélica também foi sendo reflectido e sistematizado. As várias teologias da libertação nascidas no século XX são expressão desta presença activa das comunidades cristãs na sociedade¹¹². A missão *ad gentes*, não ficou à margem desta reflexão; pelo contrário, inspirou-se nas intuições destas correntes teológicas para anunciar o Evangelho no meio das graves

¹¹⁰ JOSÉ NUNES. *Teologia da Missão: notas e perspectivas*, Lisboa, ed. Missionária Pontifícia, 2008, p. 37.

¹¹¹ JOSÉ ANTUNES. *Diálogo profético: Identidade e Missão da Congregação do Verbo Divino segundo o seu XV Capítulo Geral (ano 2000)*, Fátima, Missionários do Verbo Divino, 2012 p. 224.

¹¹² IDEM p. 224.

situações de pobreza e de desigualdade existentes em muitas zonas do globo e encontrar respostas adequadas para transformar a realidade.

Foi neste caminho de entender a missão como profecia e libertação, que os verbitas de Angola exerceram de uma maneira brilhante, desafiadora e muitas das vezes silenciosa a sua missão no meio de um povo mártir.

Uma vez mais estava J.Paulo II consciente desta questão, quando escreveu: «A missão *ad gentes* desenvolve-se ainda hoje, na sua maior parte, no Hemisfério Sul, onde é mais urgente a acção em favor do desenvolvimento integral e da libertação de toda a opressão. [...] Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e criadora de desenvolvimento, exactamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos, insere o homem no projecto de Deus, que é a construção do Reino de paz e de justiça, já a partir desta vida [...].

A actividade missionária leva aos pobres a luz e o estímulo para o verdadeiro progresso, enquanto a nova evangelização, entre outras tarefas, deve criar nos ricos a consciência de que chegou o momento de se tornarem realmente irmãos dos pobres, na conversão comum ao progresso integral, aberto ao Absoluto»¹¹³.

Eis porque nenhum «cristão se pode desinteressar dos problemas terrenos, deixando o mundo material por preconceitos espiritualistas». E com mais razão ainda não poderão os missionários, manter-se alheados da luta que os pobres da terra levam a cabo para conquistar os seus direitos, pois aí se joga a fidelidade ao Evangelho.

A Igreja, de resto, ao mais alto nível do seu magistério, já declarou a sua «opção preferencial pelos pobres»¹¹⁴ e afirma que «os pobres merecem uma atenção preferencial»¹¹⁵. Alguns teólogos pensam, até, que essa nota de Igreja é tão importante como as que confessamos no Credo: una, santa, católica e apostólica.

3. O Deus bíblico faz sua a causa dos pobres

Os profetas tiveram de falar contra as desigualdades sociais escandalosas: Is. 5, 8 denuncia a riqueza concentrada nas mãos de poucos; Amós 8, 4-7 fala no progressivo

¹¹³ Redemptoris Missio 58-59.

¹¹⁴ Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução sobre a Teologia de Libertação*, 1986, nº68.

¹¹⁵ IDEM p. 60.

empobrecimento das massas populares; Jer. 5, 28s fala dos juízes corrompidos ao serviço dos poderosos.

Jesus não veio abolir a Lei e os Profetas (Mt.5,17) e, por isso, assumiu também as causas dos pobres. O seu discurso programático, na sinagoga de Nazaré, é sintomático (Lc.4,18ss): Ele veio para libertar os pobres, curar a todos e proclamar a libertação dos oprimidos. Jesus é solidário com os pobres, oprimidos, presos e marginalizados de qualquer espécie pela sociedade.

Jesus foi realmente um homem livre e libertador. Ele viveu plenamente livre. O absoluto de Deus nEle era tal que tudo olhava e apreciava com total liberdade. Da relação íntima com o Pai – Abba –, dessa proximidade e cumplicidade com a vontade de Deus nascia a sua atitude livre e libertadora. A autoridade com que falava – até os escribas e fariseus se admiravam! A autoridade com que fazia milagres, a autoridade com que superava concepções e instituições religiosas (o templo, o sábado), a autoridade com que ultrapassava leis civis e mentalidades culturais (sobre publicanos, estrangeiros ou pecadores), a autoridade como exercia a misericórdia (perdoando os pecados e aliviando das culpabilidades), a autoridade com que manifestava a sua exigência (para com os discípulos ou para com os fariseus), enfim, toda essa autoridade testemunhava sua imensa liberdade. Liberdade libertadora, pois Jesus sempre canalizou a sua liberdade interior para ajudar todos os homens a também serem livres.

A libertação praticada por Jesus não é, então, apenas de cunho espiritualista: é integral, conseqüente com o princípio da encarnação. «Não foi só para libertar o homem dos seus pecados que Cristo veio. O Cristo veio também para libertar o homem das conseqüências do pecado (...) Ele quer a libertação do homem, a sua libertação total. É este o sentido da sua missão: Ele é o Libertador». Além disso, a ressurreição de Jesus manifesta claramente a vontade e a acção de Deus em favor da vida, da vida abundante (Jo.10,10), que o próprio Jesus anunciara e promovera. Se o maior inimigo do homem – a morte – pode ser vencida, com maior razão todas as “mortes” do quotidiano podem e devem ser combatidas e vencidas.

A ressurreição de Jesus abre-nos, pois, à esperança e desencadeia uma praxis libertadora que relativiza todo o mal e todo o poder idólatrico e opressor. E os discípulos de Jesus, como bem sabemos, vão procurar continuar o seu combate: procederão a inúmeras curas, proclamarão uma justiça que supere o viver lado a lado na opulência e na miséria, cuidarão das viúvas e do serviço das mesas, defenderão a partilha generalizada dos bens para «que não haja necessitados» (Act. 4, 34 o que

exprime o mesmo ideal de Dt. 15, 4) – quer dentro de uma mesma comunidade quer entre comunidades ou Igrejas locais (como o caso de Corinto face a Jerusalém). Numa palavra: «a missão da igreja primitiva não se limitava à proclamação e ao testemunho. A Boa Nova de salvação era também transmitida por meio da acção transformadora dos cristãos (...) A salvação prometida por Deus significava o fim da morte, das lágrimas e da injustiça».

Deus quer, de facto, um mundo sem pobres, em que os bens da criação sejam por todos usados e repartidos. Por isso, já a tradição da Igreja considerou serem “pecados que bradam aos céus” o “reter ou defraudar o salário dum trabalhador” ou o “virar as costas aos pobres”. Lutar contra a pobreza é uma norma ética civil, laica, qualquer homem ou mulher o devem fazer, pois a pobreza fere a legítima e absoluta dignidade humana. E de facto, muitos se empenham nessa causa à margem de qualquer crença (indiferentes) ou mesmo combatendo a ideia de Deus (ateus militantes, marxistas ou outros). O específico cristão desta luta libertadora é fazer nela a experiência de Deus.

A experiência de Deus, que se fez habitualmente (ou tradicionalmente...) pela contemplação, pode e deve ser feita também desde a prática contra a pobreza e injustiça, na solidariedade com os pobres e necessitados em geral. É por isso que Jesus uniu as duas coisas: passou na terra fazendo o bem (Act.10,38), curando, libertando as gentes, e ao mesmo tempo era o rosto humano de Deus, era a maneira de Deus ser homem.

Foi acusado de ser agitador das massas, do povo (Lc.23,5), mas nunca deixou a relação íntima com o Pai. Realmente, quem une o amor a Deus e ao próximo é que se torna insuportável para o opressor: a defesa intransigente da verdade e da justiça e, simultaneamente, uma vida de oração e relação íntima com Deus – fonte do amor e da sabedoria, eis o que não permite ao opressor descansar, respirar, sentir-se justificado.

4. A evangelização missionária e a causa dos pobres

Fruto de tudo isto que vivemos afirmando, e como o lembram todos os mais recentes documentos do Magistério sobre esta matéria, a evangelização em geral e a tarefa missionária em particular têm de considerar a questão da defesa dos pobres, da libertação.

Estaremos até diante da proposta de uma autêntica «revolução social no sentido preconizado pela encíclica *Populorum Progressio* de Paulo VI, pela *Gaudium et Spes* do Vaticano II, pelas encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* de João XXIII. A revolução social não aceita nem uma “ordem” social pela qual dois terços da

humanidade se vê marginalizada nem uma “paz” que é cúmplice da injustiça, do imperialismo financeiro, da satelização dos países subdesenvolvidos e do colonialismo cultural. São duas perspectivas do homem e do mundo que se enfrentam».

Toda a evangelização, a começar pela prática de Jesus, é feita de palavras e obras: «Ide e ensinai, baptizai em nome do Pai, Filho e Espírito Santo» (Mt.28,18-20), mas também «ide e contai a João: os cegos vêem, os coxos andam» (Mt.11,4-5). Trata-se, pois, de pregar a Boa Nova com a palavra mas também de curar doentes e expulsar demónios.

Todas as comunidades cristãs estão chamadas a ser sinal real, concreto, palpável desse Reino que Jesus inaugurou; têm de ser sinal do Reino tanto *ad intra* como *ad extra*: - *Ad intra*: a vida interna das comunidades cristãs deve concretizar-se na comunicação de bens, na partilha de tudo o que se é e do que se tem. Cada comunidade cristã está chamada a ser um sinal numa alternativa à sociedade de pobreza e injustiça em que está inserida. Há-de ser muitas vezes um espaço de liberdade, um oásis no meio do deserto, um sinal contra-cultural.

A própria celebração litúrgica, em geral, e eucarística em particular, têm de ser equacionadas com esta problemática da causa dos pobres. Se pomos o acento única e exclusivamente no memorial do sacrifício de Cristo, esquecemos o banquete, a comunhão e fraternidade total, a partilha da Palavra e do Pão, o abraço da Paz.

Os primeiros cristãos punham o acento na *Parusia*, quer dizer, no final dos tempos, no Reino do Senhor que vai vir, onde não haverá mais injustiça nem pobreza nem divisão. E a eucaristia tinha de ser sinal disso mesmo. Sem essa perspectiva, São Paulo avisa-nos: «não estais comendo o Corpo e o Sangue de Cristo, mas a vossa própria condenação» (1Cor.11,17-34). - *Ad extra*: os documentos conciliares e os que se lhe seguiram, por parte do magistério da Igreja, são claros quanto à necessidade de não pensar mais a missão com a perspectiva única de “salvação das almas” (perspectiva cultural e sacramentalista). «O homem necessita ser salvo em todos os aspectos. Logo desde o início dos evangelhos se nos mostra um Jesus a pregar e a ensinar com atenção à “alma” mas também socorrendo e ajudando “corpo”. Não é possível estabelecer uma disjunção entre a proclamação missionária da palavra e a ajuda material a tantas pessoas necessitadas».¹¹⁶

¹¹⁶ JOSÉ NUNES. *Teologia da missão*, p. 42.

A esta perspectiva não é estranho, como vimos, o repensar o mandato de Cristo aos discípulos de também curarem enfermidades e expulsarem demónios. Assim, «para evangelizar não bastam palavras. São necessárias acções concretas».

Deve lembrar-se também, por tudo isto, que a missão da Igreja não tem apenas uma dimensão de futuro, escatológico-soteriológica, mas é anúncio da Boa Nova no presente. Nessa linha, já o Concílio Vat.II, em AG 12 e 41 fala da preocupação e solicitude da Igreja por todos os excluídos. O Sínodo dos Bispos de 1971, afirmou por exemplo (logo na Introdução do Documento Final): «A acção pela justiça e a participação na transformação do mundo é uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho»; a *Redemptoris Missio* (nº59) declara: «entre anúncio evangélico e promoção humana existe uma estreita conexão»; e a *Evangelii Nuntiandi* (nn.29-31) falava muito da evangelização como libertação, o que implica uma grande atenção da Igreja face aos pobres e oprimidos do mundo, com quem tem de ser solidária na sua própria luta de libertação. Deste último documento, de Paulo VI, destaque para estas poderosas palavras: «A evangelização não seria completa se não tivesse em conta a interpelação recíproca que no decurso dos tempos se estabelece entre o evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem. Precisamente por isso, a evangelização leva consigo uma mensagem especialmente vigorosa sobre a libertação»¹¹⁷.

«Entre evangelização e promoção humana desenvolvimento-libertação existem efectivamente laços muito fortes. Vínculos de ordem antropológica, porque o homem a evangelizar não é um ser abstracto, mas um ser sujeito aos problemas sociais e económicos. Laços de ordem teológica, já que não se pode dissociar o plano da criação do plano da redenção, que chega até situações muito concretas de injustiça que há que combater, e de justiça que há que restaurar. Vínculos de ordem eminentemente evangélica, como é o caso da caridade. Com efeito, como proclamar o mandamento novo sem promover, mediante a justiça e a paz, o verdadeiro, o autêntico crescimento do homem?»¹¹⁸.

Como sabemos, os tradicionais “países de missão” situam-se maioritariamente na zona do Terceiro Mundo, o menos desenvolvido e mais pobre. Por isso, não é de estranhar que seja nos continentes e países da periferia que se acentue mais esta compreensão da missão como libertação – o que era muito visível na América Latina mas cada vez mais, também, na África e na Ásia.

¹¹⁷ *Evangelii Nuntiandi*, p. 29.

¹¹⁸ *IDEM*, p. 31.

Mas hoje exige-se um novo olhar, uma nova perspectiva para a própria “libertação”. Ela deve ser pensada a partir dos próprios oprimidos, tem de ser praticada e reflectida pelas próprias Igrejas locais do Terceiro Mundo: é preciso «respeitar o direito inalienável concedido por Deus a toda a Igreja local, especialmente às do Terceiro Mundo, para desenvolver o seu próprio discurso teológico (...) Inclusive na luta pela justiça, é preciso que se faça justiça à criatividade dos teólogos do Terceiro Mundo, que levam a cabo uma clara ruptura com a dominação cultural da Igreja ocidental também no terreno da ética social»¹¹⁹.

Este novo olhar sobre a missão declara falida a tradicional concepção da missão, que podia ser caracterizada pelos seguintes pontos: - missão da Europa e EUA para os países do Sul; - missão dos países da cristandade para grupos humanos à margem do cristianismo; - missão como movimento da verdade ao erro; - missão dos ricos em direcção assistencial aos pobres e subdesenvolvidos; - missão do centro (culturalmente avançado) para a periferia atrasada; - missão do ocidente branco para os povos de cor; - missão identificada com o dar e quase nada com o receber; - missão levada a cabo pela Igreja oficial e Instituições Missionárias com o apoio do poder temporal.

A perspectiva libertadora na missão da Igreja, que procurámos fundamentar bíblico-teologicamente, assenta, pois, em dois grandes princípios: o princípio de solidariedade com os pobres e oprimidos e o princípio da afirmação da sua auto-emancipação ou auto-libertação, em que os missionários se empenham solidariamente.

No concreto, isso passa pela acção decidida em inúmeras realidades a ser transformadas, a serem purificadas pelo próprio Evangelho, tais como: a falta de acesso a postos sanitários e à medicina científica; a falta de água canalizada; a necessária promoção feminina (tantas vezes a mulher é um ser de segunda ordem); a necessária formação para a higiene, prevenção da saúde, ambiente; as dificuldades da rega e fertilização da terra; o analfabetismo, muitas vezes associado a crenças mágicas impeditivas do desenvolvimento; a falta de estradas e meios de comunicação; as intermináveis guerras, muitas vezes por causas tribais; os necessários projectos de desenvolvimento integrado (em cooperativas, com aproveitamento dos recursos naturais); o necessário desenvolvimento do parque industrial (para evitar as importações massivas); o necessário respeito por um desenvolvimento que considere o ambiente e a integridade da criação; e, claro, o indispensável investimento na formação de quadros

¹¹⁹ IDEM, p. 44.

para tudo isto, já que, como lembrava RM 58, o progresso do homem deriva sobretudo da formação das consciências e dos costumes, pois «o homem é que é o protagonista do desenvolvimento»¹²⁰.

Uma vez mais, faríamos bem, certamente, em recordar uma bela afirmação da *Evangelii Nuntiandi*: «A Igreja tem de escutar as vozes de milhões de filhos... empenhados com todas as suas forças na luta para superar tudo aquilo que os condena a ficar à margem da vida: fomes, doenças crónicas, analfabetismo, pobreza, injustiça nas relações internacionais, e especialmente nos intercâmbios comerciais, situações de neocolonialismo económico e cultural, por vezes tão cruel como o político... Tudo isso não é estranho à evangelização».¹²¹

5. A Missão como inculturação

Para falar desta realidade do diálogo da fé com as culturas, do “como” da evangelização, já se propuseram e usaram muitos termos, a maior parte dos quais levaram consigo imprecisões que necessitaram de ser clarificadas, porque a essa ambiguidade dos termos correspondiam exactamente práticas pastorais realmente diferentes, correndo-se o risco de voltar a erros passados da evangelização. Oficialmente, o termo “inculturação” aparece pela primeira vez no Sínodo dos Bispos de 1977, depois de intervenções marcantes do cardeal Sin (de Manila) e do padre Arrupe, afirmando que ela é o “enraizamento do evangelho nas culturas humanas”¹²². O P. Arrupe advertia, já nessa altura, para possíveis incompreensões do termo e, por isso, clarificou-o: inculturação não é simples adaptação catequética, nem condescendência ou estratégia para mostrar um cristianismo mais atraente, nem é folclore, nem etnocentrismo do Ocidente. Posteriormente, também o papa J. Paulo II usou o termo (Catechese Tradendae 53). Jamais se deveria confundir inculturação com outros vocábulos claramente do âmbito das ciências sociais, como por exemplo “enculturação” (que significa a introdução de alguém à sua própria cultura, a maior parte das vezes por uma natural assimilação) ou “aculturação” (processo de transformações provocado pelo choque de várias culturas em presença).

Para definir inculturação, poderíamos citar o P. Arrupe num texto bem clássico e talvez um dos mais rigorosos e completos: «significa encarnação da vida e mensagem

¹²⁰ Redemptoris Missio 58.

¹²¹ Evangelii Nuntiandi, p. 30.

¹²² IDEM p. 45.

cristã numa área cultural concreta, de tal modo que esta experiência não só chegue a expressar-se com os elementos próprios da cultura em questão (o que seria só uma adaptação superficial), mas que se converta num princípio inspirador, normativo e unificante, que transforma e recria esta cultura, dando origem a uma nova criação»¹²³. Claro que, nesta definição, o conceito de inculturação adota preferentemente a noção de “cultura” das ciências sociais, isto é, o modo concreto de viver de um povo, o qual abrange de forma integrada os seus valores, seus usos e costumes, suas crenças, suas instituições, etc, e permite assim identificá-lo e distingui-lo de outros.

5.1 Fundamentação bíblica da inculturação

Afirmção bíblica: o paradigma de Jesus Já anteriormente salientámos que o cristianismo primitivo, de que nos dá conta o N.T., viveu a fundo esta problemática. O primeiro concílio da Igreja (Jerusalém, ano 50) foi mesmo convocado para tratar desta questão, tendo ficado traçado o caminho da inculturação – a fé não está sujeita à cultura judaica (as obras da lei de Moisés) nem a qualquer outra cultura. A praxis missionária de Paulo foi bem consequente com este princípio e o anúncio de Jesus Cristo respeitou as culturas locais (veja-se, por exemplo, o discurso em Listra – Act.14, ou o discurso em Atenas – Act.17).

Mas na abordagem de qualquer tema ou questão teológica, a referência a Jesus é importante, é critério último da nossa reflexão e das nossas opções. É certo que não abundam os estudos sobre este ponto preciso que aqui queremos tratar, assim como é certo que nos Evangelhos não encontramos nenhuma doutrina bem estruturada sobre a cultura judaica ao tempo de Jesus nem tão pouco qualquer reflexão sobre a forma como Jesus pensava e reagia à sua cultura de origem. Contudo, o conjunto do Novo Testamento, em especial os evangelhos, fornece-nos indícios mais ou menos claros sobre o assunto, indícios esses confirmados plenamente por alguns textos, tudo apontando para a seguinte conclusão: por um lado, Jesus assumiu a sua cultura de judeu e, por outro lado, Jesus sentiu a necessidade de se “des-culturalizar”. - Jesus assimilou a sua cultura: Como vimos ao longo de todo o Antigo Testamento, a pedagogia da revelação de Deus é basicamente histórica e cultural, é pedagogia da revelação que aceita a mediação humana. E a Encarnação do Filho de Deus – Jesus – torna-se, afinal, a melhor prova daquilo que acabamos de afirmar: Deus que vem partilhar a vida e o

¹²³ IDEM p. 45.

mundo com os homens, incarnando como homem verdadeiro num tempo, lugar e cultura determinados. Assim, «Jesus é filho da sua época, da cultura local e das modalidades da tradição judia: festas, peregrinações, o culto num templo, o rito pascal, os costumes populares, os gestos e fórmulas comuns da religiosidade ambiente e até a metodologia pedagógica rabínica, Ihe serviram para tornar compreensível aos mais simples os seus ensinamentos»¹²⁴.

Ora tudo isso foi religiosamente cumprido, como dado cultural inquestionável de pertença à tradição e povo judaicos. Já Lc. 3, 21 nos mostra que o facto de Jesus se ter decidido a receber o baptismo de João “como toda a gente”, revela também, à sua maneira, a forma como Ele se quis solidário com o povo (pelo menos alguns grupos) de que fazia parte – isto independentemente de toda a significação teológica de tal gesto. O texto de Mt. 5, 17-19 lembra que a cultura é sempre herança social, pois é transmitida de geração em geração. Essa é até uma das suas características fundamentais. Ao anunciar que veio para dar cumprimento à Lei (de Moisés, dos Profetas, de Deus), Jesus assume exactamente os ensinamentos que, no seu conjunto, Lhe haviam sido transmitidos. Jesus, porém, não aceitava de uma forma apenas passiva os ensinamentos tradicionais da Lei, mas proclamava-os recriando-os: cfr Lc.4, 16-19.31 – texto que lembra claramente que Jesus cumpria o sábado e ia à sinagoga, reflectindo e interpretando a tradição cultural expressa no Antigo Testamento (neste texto concreto cita a Is. 61, 12; em Mt. 12, 7 cita a Oséias 6, 6; em Mt. 19, 4-6 repete o Gen. 2, 24; e assim por diante...).

Para além de todos estes textos aqui enunciados a modo de exemplo, é claro que Jesus certamente adoptou os usos e costumes do seu povo no comer e no vestir, usou a mesma língua para se comunicar, adorou o mesmo Deus dos antepassados e contemporâneos (o Deus de Abraão e de Moisés), numa palavra, Jesus assumiu a sua cultura de judeu.

Jesus “desculturalizou-se”: a outra vertente da praxis de Jesus é a do combate sem tréguas à sua cultura, pelo menos em alguns aspectos. Quando judeus como J. Klausner (por princípio inclinados a não ver “originalidades” nas atitudes de Jesus de Nazaré, mas antes a vê-lo como puro judeu), afirmam insuspeitadamente que Jesus «punha em perigo a civilização judia», já nos podemos dar conta da violência de tal

¹²⁴ IDEM p. 47.

confronto com a cultura judaica, cujos chefes, aliás, ao não suportarem tal contestação, pura e simplesmente decidiram matá-lo.

5.2 Fundamentação teológica

Frequentemente, ao fazer-se este tipo de fundamentação da inculturação, começa-se imediatamente por relacioná-lo com a Encarnação. Encarnação de Deus num povo e numa cultura - Israel - e, nos últimos tempos, com toda a plenitude em Jesus Cristo. A inculturação acha-se assim fundamentada na revelação judeo-cristã. Pensamos que é necessário abordar a questão numa perspectiva diversa: há que ter em conta os dois caminhos da revelação de Deus - a universal, da Criação, e a judeo-cristã, das Escrituras. Para não irmos mais longe no tempo, citamos aqui a Constituição Dogmática *Dei Filius*, do Concílio Vaticano I: «...Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com segurança através da luz natural da razão humana a partir das coisas criadas: desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis deixam-se ver à inteligência, pelas suas obras [...] Entretanto aprouve a Sua sabedoria e a Sua bondade revelar-se Ele próprio ao género humano e revelar os decretos eternos da Sua vontade: “Deus falou outrora a nossos pais muitas vezes e de muitas maneiras pelos profetas; falou-nos ultimamente pelo Seu Filho».¹²⁵

Estas formulações que foram retomadas pelo Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (nn.1-6), mostram claramente que se deve considerar uma revelação universal pela qual qualquer um pode conhecer a Deus, e uma revelação especial, que é a do Deus das Escrituras, revelado totalmente em Jesus Cristo. Não é lícito falar da revelação de Deus em Israel e em Jesus Cristo esquecendo a sua revelação universal. Assim como não é possível considerar a primeira experiência de fé do povo hebreu - o Deus libertador, o êxodo - tão importante, que a Criação fique ofuscada (ela que é, ainda que não cronologicamente, o primeiro dado bíblico!).

A revelação de Deus, a Sua presença na história, foi e é sempre concreta, particular, mas tal não quer dizer que não seja universal. «Particular opõe-se a geral, mas não a católico». Sublinhando assim a realidade importante da revelação universal de Deus na Criação, pela qual desde sempre e em todos os tempos e lugares Ele comunicou com o Homem, devemos considerar, com respeito à nossa questão, que não

¹²⁵ DS 3004. Também, a Comissão teológica Internacional adoptou esta dupla perspectiva para a fundamentação da inculturação: primeiro pelo dado da criação e depois pela Encarnação do Verbo.

só Deus é acessível aos homens pela razão humana a partir das coisas criadas, mas que isso é possível porque Deus se fez e faz presente aos homens em cada situação e espaço concreto, particular. Isto é, há que concluir: «1º) que todas as culturas são iguais porque todas são possíveis portadoras de elementos da revelação divina, todas podem e manifestam uma determinada maneira da presença de Deus em diversos povos; 2º) que não há culturas superiores a outras neste aspecto e que a mensagem cristã não se confunde com nenhuma cultura, embora solidária com todas elas»¹²⁶.

A revelação de Deus em Jesus Cristo mostra, pois, que Ele é Deus Pai de todos os homens, de todos os povos, de toda a terra, a todos quer que se salvem (1Tim.2,4). É um Deus universal. E se para O encontrar há que seguir a Jesus, de que as Escrituras nos desvendam o rosto, não é também verdade que esse mesmo Jesus ressuscitado nos precede nos lugares da nossa missão, tal como precedeu os discípulos na Galileia, e assim como o Espírito Santo «se antecipou visivelmente a acção apostólica» (AG 4)? Pensamos que, ao colocar a questão desta forma, ficam mais claras as tarefas pastorais concretas da evangelização onde se joga diariamente o problema da inculturação.

Uma segunda dimensão da evangelização inculturada há-de concorrer para uma “nova criação” cultural: em qualquer cultura, «a missão é necessária porque o cristianismo implícito deverá fazer-se explícita e plenamente consciente»¹²⁷.

5.3 O processo de inculturação

Aproximamo-nos das questões mais difíceis que nos põe a pastoral concreta da tarefa evangelizadora: como elaborar um projecto de evangelização inculturada, como fazer os discernimentos necessários em todo esse processo, como entender aí a participação dos vários agentes em presença.

É que «a inculturação abarca toda a realidade da Igreja: a formação da comunidade local dos cristãos e a formação dos sacerdotes e religiosos; o seu estilo de vida ou adaptação sociológica; a incarnação do evangelho nas situações vitais concretas nas esferas da vida pessoal e familiar, assim como nas actividades sociais e cívicas; os sistemas socioeconómicos e políticos e as culturas dos distintos países; a teologia, a espiritualidade; o tríplice ministério da Palavra (pregação, evangelização, catequese); o

¹²⁶ IDEM p. 48.

¹²⁷ Op.cit., p 50.

culto (liturgia); o serviço (formação e organização da comunidade cristã com vista à sua maturidade, o testemunho na sociedade, o humilde serviço no amor)»¹²⁸. Seguindo de perto o esquema proposto por M. Azevedo dum processo de evangelização inculturada em quatro níveis, dele faremos um resumo, mas completá-lo-emos com observações que consideramos úteis e necessárias. De salientar, desde já, que são quatro níveis e não quatro etapas a percorrer cronologicamente: trata-se de um processo dinâmico onde há interacção contínua desses quatro níveis.

Em primeiro lugar é necessário o conhecimento e identificação da cultura que se quer evangelizar. Trata-se de um diálogo entre o evangelizador e os sujeitos dessa cultura onde se descobrirão as “sementes do Verbo”, os vestígios de Deus já ali presentes. Os critérios para conseguir tal são o Homem e Jesus Cristo: o que na cultura corresponde verdadeiramente a estes dois critérios deve ser objecto de uma proclamação (ainda que indirecta, não explícita).

Trata-se essencialmente, duma descoberta dos valores culturais autóctones em sintonia com o Evangelho: «em qualquer cultura há critérios de humanização e libertação ou de desumanização ou alienação». Este ponto é fundamental, e condição de possibilidade de uma verdadeira emergência da fé. Caso contrário, dar-se-á pura e simplesmente, aculturação com imposição maior ou menor de cultura estrangeira (em geral ocidental mas não só). Razão pela qual não se pode considerar este nível como uma estratégia de dominação ou como um interesse folclórico superficial pela cultura que se quer evangelizar.

Não se deve pensar também em extrair rapidamente, dessa cultura, os elementos ditos cristianizáveis: ainda que haja incompatibilidades com o Evangelho, a cultura em presença deve ser tomada no seu todo, deverá ser objecto de uma compreensão global por parte dos agentes que intervêm na inculturação. E não se poderá esquecer que, na maioria dos casos, há união profunda entre cultura e religião, sendo difícil separá-las quer teórica quer praticamente.

O Evangelho só será Boa Nova se em contexto, em situação, no concreto da vida e de uma cultura. Há assim como que um “inventário do humano” que positivamente é vivido em tal espaço sócio-cultural e constitui autêntica revelação de Deus.

¹²⁸ Op.cit., p. 88.

Tais situações têm de ser também parte indispensável da missão, ainda que apenas como proclamação implícita, pois salientam a dimensão religiosa do Homem, a sua abertura à Transcendência. Por outro lado, e dentro desse âmbito que se há-de propor e anunciar o Evangelho. Nesse sentido, é necessário lembrar que já no NT encontramos formas distintas de pregação, exactamente a partir das diferentes culturas em presença. No entanto, os “receptores” da mensagem têm de ser preparados a discernir não só os valores mas também os contra-valores duma cultura: é um outro nível onde se torna patente a necessidade de praticar uma pedagogia do dom, no dar e receber.

Em segundo lugar. Deve-se descobrir o que na cultura é incompatível com o Evangelho. Trata-se também dum diálogo entre os sujeitos dessa cultura e o evangelizador. E os critérios continuam a ser o Homem e Jesus Cristo.

Segunda Parte

A Missão da Igreja em África

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa*, podemos chamar-lhe um documento fundador, não de uma nova realidade, mas de uma nova era e de um novo dinamismo da Igreja em África. Este documento histórico de grande alcance e interesse, não somente para a Igreja no Continente berço, como também para a Igreja universal, caracterizada essencialmente pela comunhão, se não pode ser considerado solução das ansiedades do Povo africano, constitui um texto cujas linhas estruturantes são um toque despertador de um sentimento comum em África, vivido pelas Conferências Episcopais, Dioceses, Paróquias, pequenas comunidades e pelas famílias em África.

Os documentos, quaisquer que sejam, são sempre fruto de uma experiência e de uma reflexão de alguma problemática no contexto da época. A *Ecclesia in África* vem responder, no tempo, aos desafios histórico-ecclesiais concretos da Igreja de Deus em África. É neste sentido que procuramos situar nesta segunda parte do terceiro capítulo a *Ecclesia in Africa* no contexto da sua génese.

Com certeza que estaremos de acordo ao afirmar, com o Concílio Vaticano II, «que por sua natureza a Igreja, na sua peregrinação sobre a terra, é missionária»¹²⁹. e que por toda a parte e em toda a parte, a sua missão em África hoje é anunciar o Evangelho. Porém as coisas complicam-se à hora de especificar que Evangelho anunciar? Como anunciar o Evangelho?

A *Ecclesia in África* é fruto de uma longa caminhada, estimulada e sustentada pelo incessante clamor do Povo africano, representado pelos seus Pastores, missionários, teólogos e até leigos comprometidos, que há muito tempo desejavam ver a intervenção da Igreja nos gravíssimos problemas eclesiais, sociais, políticos, económicos e, até mesmo financeiros, que estavam a assolar o continente

6. Os grandes desafios da África na visão da Ecclesia in África

O tema da evangelização proposto para a Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos (AEASB) de 1994 escondia no seu interior um conjunto de aspectos problemáticos da vida da Igreja e dos povos que habitam o continente africano e ilhas contíguas. Mediante uma abordagem eclesial da questão da evangelização, o encontro sinodal pretendia assim aflorar tantos outros problemas que lhe estão directa ou indirectamente ligados.

De facto, a missão evangelizadora da Igreja realiza-se num espaço social e o seu destinatário são os homens e mulheres da sociedade. Por isso, o tema da evangelização não pôde prescindir por inerência própria, da problemática destes homens e mulheres concretos.

Como falar da “Boa Nova” num Continente de “más novas”? Se o tema do Sínodo continuava a ser a preocupação da evangelização, não faltaram dificuldades que a problematizaram e desafiaram. A abordagem sobre a evangelização trazia, indubitavelmente, uma visão de conjunto do Continente. Por isso, em virtude das características peculiares da vida social e cultural africana, não foi possível dissociar a abordagem da evangelização dos aspectos antropológico-sociológicos.

Se é verdade que a evangelização é um anúncio da Boa Nova de Jesus, Homem que passou fazendo o bem, socorrendo os pobres, dando vista aos cegos, fazendo falar

¹²⁹ Ad Gentes, p. 2.

os mudos, dando ouvidos aos surdos e ressuscitar os mortos (cfr. Act 10,34), como se poderia realizar a mesma num continente que precisava da libertação de uma «tempestade» social que durava há centenas de séculos e que tendia a agravar-se cada vez mais no limiar do Novo Milénio?

Tinha chamado a atenção dos padres sinodais para o facto de que, na abordagem do tema da evangelização do Continente africano, era preciso olhar antes para o seu panorama actual, pois o processo da missão da evangelização no Continente, frisava, confrontava-se com uma realidade quase incontornável. Conhecendo muito bem a actual e real situação dos povos africanos depara-se o grande desafio de ver que «num continente saturado de más notícias, como poderá a mensagem cristã ser ‘Boa Nova’ para o nosso povo? De facto, a sede de liberdade é uma dimensão antropológica bem enraizada no homem.

À semelhança do Povo de Israel na escravidão no Egipto, que clamava por um libertador, no meio de tanto sofrimento e humilhação (Êx. 3,7), o povo africano clamava pela libertação humana das grandes vicissitudes e calamidades que o afligiam no seu quotidiano. Sentia-se estrangeiro no seu próprio Continente. Neste contexto, a situação do povo africano foi comparada àquela descrita pelo Evangelho, do homem que descia de Jerusalém para Jericó que caiu às mãos dos salteadores. Tendo-o espancado e extorquido de todos os seus haveres, foi deixado abandonado e quase sem vida nem assistência. E muitos que por aí passaram, não fizeram conta da situação, passaram adiante (cf. Lc 10,30-37).

A África apareceu assim ao Sínodo, como «um continente onde inumeráveis seres humanos – homens e mulheres, crianças e jovens - jazem, de algum modo, prostrados à margem da estrada, doentes, feridos, indefesos, marginalizados e abandonados»¹³⁰. Apesar deste quadro sombrio e assustador apresentado pelos Padres sinodais, visto como um primeiro embaraço a resolver, a missão evangelizadora da Igreja em África, firmou-se no futuro do Evangelho.

Não obstante a insistência neste tópico, os Padres sinodais reconheceram unanimemente que, se de um lado os problemas sociais, políticos, religiosos e culturais se apresentam como um grande repto à missão evangelizadora da Igreja em África, por

¹³⁰ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia in Africa*, p. 41.

outro lado a missão ao serviço do Evangelho é necessária, pois é determinante na promoção de «muitos valores essenciais que tanta falta fazem ao nosso continente: esperança, paz, alegria, harmonia, amor e unidade.

A África tem necessidade absoluta da mensagem evangélica, pois Deus com o Evangelho constrói a sua família»¹³¹. Esta consciência sinodal quis, certamente, chamar a atenção a que, a evangelização, tendo como objectivo fundamental a proclamação da Boa Nova a todos os Povos, em África, para o seu êxito, não pode querer alcançar os homens e mulheres, jovens e crianças do continente, olvidando as suas circunstâncias e a sua história. Na verdade, uma evangelização que pusesse de parte um tal aspecto, muito cedo cairia no fracasso, pois seria estranha aos seus destinatários. O Evangelho não é um discurso abstracto, nem sequer é uma mensagem com destinatários anónimos. A palavra de Deus, ao longo da História da Salvação foi sempre feita de propostas concretas de Deus a favor do seu Povo. Esta dimensão da pedagogia divina foi muito bem testemunhada, estimada e cumprida pelos missionários que, durante séculos evangelizaram o continente. Anunciaram o Evangelho do Reino, mas sempre com uma profunda consciência de que o anúncio do Evangelho, ao mesmo tempo que significa chamada para a conversão e para o caminho da fé no Deus de Jesus Cristo que salva, porque transforma, purifica e santifica o homem e a sua cultura, significa também uma tarefa dos agentes da evangelização para a ajuda na promoção dos povos para o bem-estar, como é do desígnio do próprio Deus que acompanha e dirige os destinos dos povos: «vi a situação miserável do meu povo no Egipto, escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios» (Êx. 3,15).

A mensagem que Moisés recebeu corresponde à missão. Ela insere-se num contexto antropológico, cultural e situacional de um povo. A missão de Moisés é concreta e de carácter performativo. O enraizamento do Evangelho no meio de qualquer povo ou cultura exige uma estrutura de mecanismos metodológico-pedagógicos que apresentem a mensagem como ela é e que permita apresentá-la de modo atraente e convincente. O esforço dos missionários que, de diversos países do Ocidente foram arautos desta Boa Nova salvadora e libertadora, consistiu, consideravelmente, no seu modo de evangelizar. Foi visível, no Continente, a sua preocupação pelo anúncio e pelo

¹³¹ H. THIANDOUM (Arcebispo de Dakar - Senegal), «Relação do Sínodo» 2.

desenvolvimento dos Povos africanos em vários domínios, mas com grande relevância na libertação dos africanos da cegueira espiritual e intelectual. A instrução foi catequética e escolar, o acompanhamento foi espiritual e sanitário, o amor foi no coração e na vida concreta das pessoas e das comunidades; a presença como agente da evangelização foi uma proximidade e uma amizade. Um anúncio assim feito converteu, formou e cativou as comunidades de fé na África.

2. Prioridades da Missão em África

2.1 Partir da realidade concreta.

Seguindo o exemplo do Concílio Vaticano II, os bispos partiram da realidade, quer dizer, da situação concreta dos homens e mulheres de África actual, e também dos êxitos e fracassos da evangelização:

«Alegramo-nos pelas numerosas bênçãos trazidas a África, durante os séculos de evangelização e agradecemos a Deus pelas muitas graças recebidas, mas também sentimos uma profunda inquietação, e urgimos a realizarmos uma nova evangelização do homem e da mulher africanos, feridos na sua dignidade por um passado colonial, oprimidos por guerras intestinas, desorientados pela confusão criada por infinidade de seitas, manipulados pela influência dos Meios de Comunicação Social locais e estrangeiros, vítimas de ideologias exteriores à sua cultura»¹³².

É fundamental partir da realidade concreta. Evangelizar, em efeito, não consiste em aportar uma moral, uma doutrina, uma nova religião mais moderna ali onde ainda não está. Também não é levar a Palavra de Deus, se esta Palavra é apenas um simples ensinamento, mesmo que seja extraordinário. Não podemos evangelizar do mesmo modo Europa do que América, ou Ásia ou África. Não podemos evangelizar hoje como ontem, ou como amanhã. O que teve sentido e valor na Europa nem sempre deverá ser levado a outras partes do mundo, pensando que os valores ocidentais devem conquistar o mundo.

Não. A proposição do sínodo refere-se muito bem à actual situação de África de modo que permite determinar as prioridades e que palavras de salvação deverão se dirigir aos homens e mulheres deste continente. Encontramo-nos em África com exigências bem concretas e precisas num momento bem preciso. E isso tudo condiciona

¹³² Ecclesia in Africa nº 2.

ao mais alto nível a evangelização. Com as mesmas palavras, Deus fala de modo diverso segundo sejam os interlocutores e a sua situação.

Devemos partir do homem no processo de evangelização, em vez de partirmos da Igreja ou da doutrina; isso é essencial para que o processo de evangelização seja o processo de evangelização, para que o evangelho seja mesmo evangelho, quer dizer Boa Nova de Salvação. Não se pode falar em Boa Nova sem acrescentar: «para quem?». O homem deve estar continuamente ao centro do compromisso da Igreja, quer para a evangelização quer para a promoção social. Porém o homem não é só indivíduo, é também sociedade, é cultura. E é tudo isso junto que é o destinatário do Evangelho.

2.2 Primazia do homem, destinatário do Evangelho

O homem é central e primeiro para a acção evangelizadora da Igreja, muito antes do que a Igreja mesma, ou ainda a Palavra de Deus. A Igreja não existe para si mesma, mas para anunciar o Evangelho aos homens, aí onde eles estão e assim como eles são. A Palavra de Deus não é para si mesma, nem para Deus, mas para revelar ao homem a sua verdadeira vocação. Essa não é mais palavra se não é recebida; não pode ser Boa Nova se não tem referência nenhuma para os homens e se fica fora do essencial das suas vidas. «Uma evangelização sem libertação do homem não tem sentido nenhum» (João Paulo II).

Isto é o que nos permite falar da primazia do homem. Deus quis fazer aliança com os homens, com cada um dos homens e com cada um dos povos. A história dos homens, cheia de pecado e de morte, deve converter-se em cheia de vida e de santidade. E é precisamente porque o homem é pecador, quer pessoal quer socialmente, que ele precisa de salvação, salvação que é trazida pelo Evangelho da Salvação. Não podemos esquecer a atitude de Jesus: «*Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores para eles poderem mudar de vida*» (Lc. 5,32); «*...o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado*» (Mc. 2,27).

João Paulo II, num dos seus textos mais corajoso, afirma: «O homem desde a plena verdade da sua existência, de seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, de seu ser comunitário e social - no círculo de sua família, ao interno das sociedades e dos contextos mais diversos, no quadro da sua nação ou de seu povo, e ainda do seu clã ou de sua tribo, e mesmo no quadro de toda a humanidade, este homem é a primeira estrada

que a Igreja deve caminhar para realizar a sua Missão: é a primeira estrada e a estrada fundamental da Igreja; caminho traçado por Cristo mesmo, caminho que passa pelo Mistério da Encarnação e da Redenção»¹³³.

É isso mesmo que tinha ensinado o Vaticano II afirmando: «...pela sua encarnação, o Filho de Deus, se tem unido a todo homem»¹³⁴. Isso está para dizer que a Igreja deve estar no mundo como o fermento dentro da massa, que deve viver em solidariedade total com os homens, partilhando a sua história e o seu destino, afirmando que hoje também o Espírito actua no mundo.

Temos a tentação de voltar para trás, sob o pretexto de que o Concílio teria *idealizado* o mundo. Existe o risco para a Igreja de ficar fora, constituindo-se em juiz. Como «evangelizadora, a Igreja deve começar por se evangelizar a si mesma, o que significa uma conversão e uma renovação constantes para evangelizar o mundo com credibilidade»¹³⁵. Enviada, significa para a Igreja que deve-se adaptar.

Nós, Missionários do Verbo Divino, responsáveis da Igreja, e colaboradores do povo de Deus, devemos estar especialmente atentos a esta situação do homem africano. Evitar todo gesto, palavra que possa ofender ao homem na sua dignidade. Nós falamos muito de justiça e de direito. Pois bem, todo homem tem direito de ver a sua dignidade respeitada. O anúncio do Evangelho e o compromisso para a promoção humana devem tentar hoje restaurar a dignidade e a confiança, devem fazer crescer, devem favorecer a autonomia e a tomada de consciência; o que é válido também no interior da Igreja: o Sínodo tem insistido nos esforços que a Igreja deverá fazer para chegar a maior auto-suficiência (prop. 52). Neste sentido, nós missionários verbitas, devemos fazer um esforço maior, sobretudo os quem vêm de culturas diferentes.

Interpreto o clamor dos bispos: «...sentimos uma profunda inquietação e convocamos urgentemente para uma nova evangelização dos homens e mulheres de África...», como a constatação de que a evangelização de África nem se tem realizado ou então tem grandes lacunas e desvios. O que é devido a múltiplos factores que seria bom analisar se pretendemos verdadeiramente uma nova evangelização.

¹³³ Cf. *Redemptor Hominis*, p. 14.

¹³⁴ Cf. *Ad Gentes*, p. 22.

¹³⁵ Cf. *Evangelii Nuntiandi*, p. 15.

O Sínodo reafirma que «a evangelização refere-se ao homem e à sociedade em todos os níveis da sua existência (prop. 3), e todo o mundo fala em nova evangelização, porém podemos encontrar muitíssimas respostas a como fazer a nova evangelização, sobre tudo pelo facto de que as situações são bem diversas: secularização na Europa, religião popular na América Latina, evangelização superficial em África. Penso que a forte tendência ao centralismo e à uniformidade da nossa Igreja será um dos principais obstáculos para esta nova evangelização.

Concluindo, actualmente, mais em África do que em quaisquer outros lugares, uma equipa missionária, uma Igreja não podem anunciar o evangelho correctamente sem pôr-se à escuta do mundo africano, atentos à vida das pessoas e das situações sociais. Se o Evangelho que nós anunciamos não faz parte fundamental da vida da gente, será sempre apenas um *verniz superficial*, como afirma o Papa Paulo VI¹³⁶.

Tudo quanto descrevemos aqui sobre os desafios da Igreja em África, presentes na *Ecclesia in Africa*, os missionários do Verbo Divino têm procurado pôr em prática durante estes 50 anos de Evangelização neste país da África austral.

2.3 Justiça e Paz

Partindo da situação do nosso continente, não é surpreendente que este tema seja um dos principais do Sínodo, e de que ocupe um lugar importante nas suas proposições. A linguagem empregue é frequentemente muito dura, porém o que mais importa são os apelos concretos lançados pela Igreja e as directivas dadas.

Não estamos muito longe da verdade se afirmamos que uma das principais lacunas da evangelização em África tem sido ignorar as exigências sociais do Evangelho. Estar em situação regularizada, tem sido para nós mais importante do que «praticar o direito e a justiça» como diz a Escritura. A «doutrina social da Igreja» tem ocupado um lugar ínfimo na formação dos catecúmenos e baptizados. A Igreja se tem comprometido no desenvolvimento, mas isso tem sido questão de pessoal especializado: irmãs, professores, agentes da saúde, agentes de desenvolvimento. As comunidades ainda não descobriram o seu papel neste compromisso.

¹³⁶ Evangelii Nuntiandi, p. 20.

O Sínodo exige mudar esta tendência e faz as suas propostas a respeito. Salientaria duas: primeiro, a criação nas paróquias, na diocese e nos países comissões de *Justiça e Paz*, não só para denunciar as injustiças, mas também para «comprometer as comunidades cristãs com as suas responsabilidades evangélicas na defesa dos direitos do homem»¹³⁷; segundo tomar a sério a formação: «a formação do clero, dos religiosos, dos leigos, dentro das circunstâncias próprias do seu apostolado, deverá pôr o acento na Doutrina Social da Igreja. Cada um segundo o seu estado aprenderá os seus deveres e direitos, o sentido do serviço e do bem comum, a gestão honesta da coisa pública, a sua forma específica de participar na vida política de modo que se possa intervir de forma crível perante as injustiças sociais»¹³⁸.

Corresponderá, porém, às Conferências Episcopais e às Igrejas particulares dar directivas concretas para que estas proposições do Sínodo não fiquem como letra morta. A Igreja não deve ficar parada perante a injustiça. A proposição 46, por exemplo, afirma claramente que as mulheres são frequentemente privadas dos seus direitos e do respeito que se lhes deve, salientando a urgência de levar mulheres até as instâncias de decisão, aos ministérios, à formação. Exige também às conferências episcopais promover o papel e os direitos da mulher na família e na sociedade.

A dimensão da justiça e da paz o contexto do Sínodo dos Bispos de 1994 teve como pressuposto de base, relembre-se, a evangelização. Contudo, diga-se que este pressuposto foi originado pelo ambiente social, político, cultural e religioso em que o continente berço se encontrava. Por isso, é legítimo dizer-se que o contexto do Sínodo é de uma reflexão sobre a evangelização na sua relação com a situação africana da justiça e da paz no Continente. Para se poder perceber esta afirmação, o regresso ao primeiro capítulo deste trabalho que se debruçou, de modo mais amplo sobre a temática, é recomendável, pois apresenta um quadro compreensivo pré-sinodal mais ou menos completo. Depois do tema da inculturação, a questão mais debatida foi esta da justiça e paz, porque ela engloba e subordina vários outros aspectos da vida social e até mesmo religiosa do ovo africano. Por isso, os Padres sinodais abordaram e exploraram em profundidade esta problemática.

¹³⁷ Ecclesia in Africa p. 46.

¹³⁸ IDEM p. 47.

A difícil transição para as independências de muitos países africanos, as guerras em que estes países entraram, as violentas lutas tribais, sobretudo na região dos Grandes Lagos, a influência das potências estrangeiras nos conflitos, os assaltos de que a África estava a ser alvo por parte do Ocidente, a designada ‘injusta dívida externa’, todos estes problemas clamavam pela justiça e pela paz no continente.

A *Ecclesia in Africa* reconheceu que três décadas depois da maioria dos países africanos terem alcançado as suas independências e os seus povos das quais se esperava um progresso social, político, económico e cultural, o que não se deu, muitos deles emergiram numa situação interna de conflitos e violências, embora não fosse a situação geral de todos os países da África.

Esta afirmação já vem desde Paulo VI, mas apesar de tantos anos que se passaram, até à década de 90 do século passado, tudo se mantinha e com o grande risco do agravamento. O argumento bíblico-teológico que suporta o empenho da Igreja em África na questão da justiça e da paz no continente, já foi esboçado no capítulo primeiro.

Contudo, convém reforçar a ideia muito comum nos documentos do Sínodo a este respeito de que a Igreja em África deve testemunhar a presença de Cristo no meio das comunidades africanas trabalhando também pela promoção da justiça e da paz e da solidariedade, uma vez que o Evangelho que ela prega é uma Boa Nova que contempla o homem em todas as suas dimensões: antropológica, histórica e cultural.

Perante as atrocidades neste campo, o Sínodo recomendou vivamente e de forma reiterada e insistente o papel profético que a Igreja em África deve assumir nas sociedades africanas e, ao mesmo tempo, convocou-a para um empenho na tarefa da consciencialização da mentalidade africana aos valores da justiça e da paz que são, por sua vez, fruto de uma consciência crescida dos valores evangélicos e humanos. Neste sentido, convém-nos lembrar a intervenção do Arcebispo de Cotonou, Benim, que tratando da problemática da justiça e da paz em África convidou o continente a uma consciência de que «o processo democrático na África requer um empenho concreto da Igreja na educação aos direitos e deveres do homem, tendo em consideração as estruturas da sociedade, herdadas dos antepassados, segundo a sua visão antropológica que continua a determinar as reacções no campo do trabalho, da economia, da sociedade e da política. Trata-se de propostas concretas».

Em suma, os debates sinodais sobre a questão da justiça da paz no continente africano, depois de uma análise minuciosa, reconheceram, veementemente, que se trata de uma problemática que joga com vários aspectos e factores que não dependem apenas da boa vontade dos africanos, mas também de toda a Comunidade Internacional. Deste modo, tomou-se consciência de que a questão da justiça e da paz no continente flutua entre o fracasso do monopartidarismo do Leste do Mundo e o multipartidarismo que, sozinho, ainda não é democracia. Este processo é ainda mais agravado quando se considera a democracia dos países africanos como importação de realidades que vêm de ambiente de nidificação histórico-cultural muito diferente do das culturas africanas. No entanto, entre a diferença histórica e cultural das tradições do Ocidente e da África ergue-se uma barreira no próprio continente africano: as ditaduras de muitos líderes africanos.

No entanto, dos grandes problemas neste âmbito, sublinha-se, antes de tudo, a criação de uma democracia moderna que na sua realização como sistema de organização social e política não contempla os grandes valores da civilização africana. Falta-lhe um verdadeiro espírito de discernimento. A par da importação do modelo político democrático, como segunda via, depois do fracasso do modelo comunista, antes assumido por vários países africanos na era pós-independência, está a importação de modelos económicos que obrigam a passagem do Ocidente de uma missão civilizadora, assumida no passado, a uma missão de enquadramento dos estados africanos que os transformam em «filiais» ou em «sucursais» da parte ocidental industrializada.

Muitas intervenções nos debates dos Padres sinodais tiveram presente este tópico de grande relevância, mas também de grande complexidade. Superar as divisões, um caminho para a reconciliação. Entre os problemas desafiantes analisados e expostos pela *Ecclesia in Africa* está o repto sobre como ultrapassar, em África, as divisões. Neste sentido, evidenciou-se que o problema repousa no facto de que «a coexistência de grupos étnicos, tradições, línguas e mesmo religiões diversas, dentro das fronteiras herdadas das potências coloniais, encontra frequentemente obstáculos, devido a graves hostilidades recíprocas».

No caminho agravado da justiça e da paz no continente está este problema de fórum interno. Na verdade, a situação africana, analisada internamente, dá conta de que, na maioria dos países africanos, as guerras sofridas têm sido fruto de um ódio fratricida.

O mosaico tribal, em vez de ser uma riqueza que opera a unidade na diversidade para o bem de cada um e de todos, tem sido um factor de uma grande instabilidade social, política e religiosa.

A Igreja em África foi convidada a ajudar os fiéis em África a viver o amor, que é fonte de concórdia, de harmonia e construtor do bem-estar físico e espiritual e romper com o ódio que incita à violência e à intolerância entre os irmãos e concidadãos o que, além de provocar graves danos humanos, comporta duras consequências sociais e económicas.

3. Síntese conclusiva

A Igreja é missionária na sua natureza, por isso, é urgente transformar cada cristão num evangelizador, a missão deve envolver todas as comunidades e cada um que a constitui. Há que educar consciências e abri-las a esta realidade constitutiva da Igreja. Na linha da frente deste “combate”, estão os bispos, a quem o Papa Francisco no magistério mais recente da Igreja pede que caminhem com o seu povo de forma a “ajudar aqueles que se atrasaram”, mas também que estejam receptivos às intuições do povo, “porque o próprio rebanho possui o olfacto para encontrar novas estradas.”¹³⁹

Uma Igreja missionária é uma Igreja "em saída". Nela deve estar sempre presente as palavras que o Senhor dirigiu aos seus discípulos: «*Ide pelo mundo inteiro*» (Mc. 16, 15). Neste «ide» de Cristo não há limites, nele «estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova saída missionária.»¹⁴⁰ Levar Cristo, com ardor e alegria, para o meio do mundo é imperativo, por forma a ainda responder às angústias e esperanças dos homens de hoje.

Temos de ir ao encontro dos nossos contemporâneos como aqueles que descobriram em Cristo o seu maior tesouro e que não O podendo guardar só para si, anunciam-No com o maior desprendimento e generosidade possível. Perante a doação gratuita de Deus, que saindo de Si veio ao encontro da humanidade, o cristão é chamado a responder com a mesma atitude. É nesta doação de si que o cristão encontra a plena realização da sua vida e da sua vocação, pois, na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são

¹³⁹ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 2013, nº 31.

¹⁴⁰ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 2013, nº 20.

os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais.

Segundo Francisco, a Igreja *em saída* é a comunidade de discípulos missionários que apresenta cinco atitudes básicas tomar a iniciativa (primeirar, ir na frente), envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar¹⁴¹.

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1 Jo 4, 10). Por isso, ela vai à frente, vai ao encontro, procura os afastados e chega às encruzilhadas dos caminhos para convidar os que estão à margem. O texto usa aqui o critério do mundo sobretudo o *critério do diálogo* com o mundo. Tudo o que a Igreja faz é uma proposta ao mundo, a igreja dialoga com este mundo e não impõe e não obriga a ninguém as suas ideias.

A Igreja está consciente de que tem muito a dar ao mundo mas também tem muito a receber, recebe muito mas também tem muito a dar. O evangelho anuncia-se em diálogo com as culturas, cada povo tem a sua cultura e a Igreja tem de respeitar isso. O evangelho dialoga com cada cultura, há um dar e um receber, o evangelho também purifica a nossa cultura.

Encontramos aqui algo chave que estudamos em Teologia Pastoral Fundamental. A acção pastoral da Igreja deve entender-se como a palavra dirigida ao mundo que actualiza a palavra de Deus feita carne em Jesus Cristo. E portanto, entra também aqui o critério da encarnação. A Igreja deve encarnar o evangelho em cada povo e cultura nela existente. «A igreja tem de encarnar no mundo e nas suas culturas», trata-se no fundo da encarnação-inculturação isto é, da evangelização dialogal e respeitadora das culturas.

E por conseguinte, encontramos também nesta exortação apostólica o critério da missão. A missão da Igreja segundo o mandato missionário de Jesus, é para chegar até aos confins do mundo e dos tempos e para isso há necessidade na Igreja de África e de Angola em particular, a um maior ardor e entusiasmo missionário, usando novos métodos e novas expressões, aproveitando os carismas e os dons de todos e em espírito de comunhão.

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, fala-nos de uma *Igreja em saída*, a alegria do Evangelho empurra a Igreja à missão, a sair do nosso conforto, do nosso comodismo e deixar-se encontrar por Cristo, tendo em conta que todo o baptizado é

¹⁴¹Cf. *Evangelii Gaudium* p. 24.

discípulo missionário e de que a missão é um propósito da vida da Igreja. E não uma Igreja que conserva as estruturas mas vista em atitude de conversão pastoral.

Os agentes da pastoral, os ministros ordenados e todos os batizados, hão-de usar na pastoral os cinco verbos dinâmicos da missão. A saber: *primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar*.

Primeirar em pastorar e sobretudo na programação significa, tomar iniciativas sem medo para ir ao encontro dos que mais precisam, os afastados, que ninguém na Igreja se afaste ou se sinta afastado por nossa causa. Convidar os excluídos, todas as pessoas que não se sentem dentro da Igreja, não só os pobres. Todos somos chamados a vida em abundância que Jesus Cristo quer oferecer.

Acompanhar é estar próximo da realidade. E tendo em conta que Jesus é o companheiro amigo da humanidade. Quando tudo parece fracassar Jesus faz-se companheiro de viagem. Significa também, que na pastoral, a Igreja não exerce a sua missão por proselitismo para aumentar o número dos fiéis mas é para ser fiel a Jesus Cristo e dar testemunho. Mas também não devemos usar a pastoral do porreirismo, devemos chegar a todos sem perdermos a nossa identidade. Peregrinar com Cristo exige ver as coisas de uma outra maneira.

Envolver-se é estar comprometido e próximo da realidade acolhedor e disponível para fazer caminho com todos. É deixar-se envolver no amor de Deus e na prática do bem, é implicar-se na vida com Deus e com os outros. O envolver-se inclui os emigrantes e os pobres, os abandonados desta sociedade, ajudar e acompanhar a fim de encontrar novos caminhos para os sinais dos tempos.

Frutificar pacientemente para recolher os frutos da nossa programação no tempo oportuno. Uma comunidade cristã que não dá frutos é porque não dá testemunho de nada. A fé é contagiante. Diz Jesus que sem mim nada podeis fazer, ide e dai frutos e frutos em abundância. O segredo não está em dar frutos mas em permanecer em Jesus.

Festejar significa ser capaz de festejar os pequenos e os grandes passos da vida. A festa faz parte do ser humano. O ponto central desta festa é a celebração da eucaristia. É viver simplesmente o evangelho.

Tudo isto nos mostra que a planificação na pastoral é o exercício da maturidade na Igreja. Ela gera, amamenta, alimenta e faz crescer a Igreja. A programação nos faz sentir que cada um de nós é uma missão nesta terra. A missão não é para estar a fazer barulho mas é para estar com as pessoas. E sem este Evangelho de Cristo não há missão. Missão é a partir de Cristo e com Cristo.

O desafio que nos lança a *Evangelii Gaudium* é a de uma pastoral mais *profética* para ir às angústias e às esperanças das pessoas. Nós não somos chamados para conservar a Igreja, os nossos institutos religiosos, os movimentos mas somos chamados à missão estamos no tempo da missão e isto exige a cultura da alegria e da gratidão. Não se ensina nem se aprende mas viver-se no dia-a-dia com o Povo. A prática não é só ir à missa aos domingos, mas é fazer o bem. Na pastoral, não são as nossas palavras que convertem as pessoas mas o amor.

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* verifica-se que precisamos de uma nova cultura de evangelização. Devemos passar de uma pastoral de manutenção para uma pastoral mais global e para uma pastoral da conversão, a Igreja dever ser mais testemunha e mais profética não podemos ficar só na sacristia mas devemos sair.

A Evangelização e a pastoral implicam movimentos e requer tempo, mãos e coração. A missão e a pastoral partem do coração de Cristo e não a partir das nossas ideias. A pastoral é dirigida ao coração porque é o centro das pessoas. A pastoral e sobretudo a evangelização é o primeiro serviço que a Igreja pode oferecer à humanidade. A evangelização é a maior identidade da Igreja. E portanto, a metodologia da pastoral neste documento é a partir de Cristo, com Cristo e como Cristo pobre que se entregou por obediência até a morte.

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* ensina-nos que a pastoral é uma arte e não somente um conteúdo. É uma forma, um estilo é uma maneira de vivermos como cristãos, dando o nosso tempo ao serviço de todos. Mais do que fazer coisas a pastoral e a planificação pedem-nos um carisma de ser e de estar com as pessoas. É saber trabalhar em Igreja. A pastoral é uma prática, só existe quando se realiza.

A *Evangelii Gaudium* fala-nos também dos ministérios, sobretudo dos ministros ordenados que são os precursores desta nova etapa evangelizadora. Que muitas das vezes tem de ser como João Baptista, apontar Cristo às pessoas e não se colocarem no centro.

A eles cabe orientar o santo povo de Deus neste caminho sinodal em vista a um ardor mais missionário, em saída e não conservar a Igreja e suas estruturas. O ministério ordenado é um sacramento da memória e portanto do serviço. O serviço é o centro da vida de Jesus. Jesus é a fonte de todos os ministérios na Igreja, Jesus é o servo sofredor, de alguém que passou toda a sua vida doando-se aos outros. Jesus é o servo sofredor, aquele que acabou com o sacerdócio da antiga aliança e por tanto o ministro ordenado é

aquele que dá a sua vida aos outros. Todo o ministro ordenado deve ser sacerdote e diácono.

Neste documento, o Papa Francisco propõe algumas diretrizes para encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo com base na Constituição dogmática *Lumen Gentium do Vaticano II*. O Papa Francisco fala da necessidade da Igreja de fazer um giro: sair de si e abrir-se ao mundo, em espírito missionário.

No nosso mundo globalizado, torna-se mais perceptível a existência de numerosos homens e mulheres que desconhecem Jesus e vivem à margem do que poderíamos chamar “fenómeno cristão”. A par da situação vivida pela Igreja primitiva (com o mundo todo por evangelizar) e da época das descobertas dos europeus (com todos os outros continentes por receber a Boa Nova evangélica), o nosso tempo é verdadeiramente um dos momentos altos de consciência da importância e urgência da missão ad gentes. De facto, ao olharmos para as estatísticas, os cristãos são uma minoria no panorama demográfico mundial, não chegando bem a um terço da humanidade.

Certamente, por isso, o Papa J. Paulo II iniciava, desde logo, a Encíclica *Redemptoris Missio* da seguinte forma: A missão de Cristo redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. No termo do segundo milénio, após a sua vinda, uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço. Sinto chegado o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão ad gentes.

Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos». Claro que a missão ad gentes, ainda que imperiosa e urgente, não é hoje entendida da mesma forma que há séculos atrás. Não se trata mais de impor uma religião a quem quer que seja, não se trata mais de esgrimir armas para derrotar ateus ou membros de outros credos.

O que não foi ultrapassado e jamais o será é esse afã de querer partilhar um inesgotável tesouro que nos foi transmitido e que, como cristãos, sentimos o direito e o dever de não permitir que alguém dele fique privado: Jesus Cristo e o seu Evangelho.

TERCEIRO CAPÍTULO

ACTIVIDADE MISSIONÁRIA DOS VERBITAS EM ANGOLA

Trataremos neste capítulo sobre o serviço e actividade missionária prestada pelos Missionários do Verbo Divino durante a guerra civil angolana. Falaremos na primeira parte sobre o Pe. Arnaldo Janssen fundador da Congregação dos Missionários do Verbo Divino e o seu projecto missionário. Na segunda parte descreveremos a missão do Verbo Divino em Angola e finalmente numa terceira parte descortinaremos sobre a experiência missionária ou praxis missionária dos verbitas em Angola durante a guerra civil.

Primeira Parte

Pe. Arnaldo Janssen e o seu projecto missionário

Ao falarmos neste capítulo concretamente da experiência dos missionários do Verbo Divino, mais conhecidos como verbitas, durante a guerra civil angolana, não poderíamos deixar de fazer uma referência à pessoa e à obra do fundador da citada Congregação. Proponho-me num primeiro passo apresentar os principais dados biográficos do Pe. Arnaldo Janssen, e passando seguidamente a delinear o perfil e o apostolado da Congregação da qual ele foi o fundador.

1. Alguns dados Biográficos sobre o Pe. Arnaldo Janssen (1875-1909)

Arnaldo Janssen nasceu em Gonch no dia 5 de Novembro de 1837. Aos treze anos foi admitido no Seminário Diocesano de Gaesdonck. Seis anos depois prestava os exames finais em Múnster. Apesar do desejo de tornar-se sacerdote, primeiro fez os estudos de matemática e ciências naturais, com óptimos resultados.¹⁴² Seguiu-se breve curso de Teologia. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 15 de Agosto de 1861.

Foi professor de matemática e de ciências naturais, no ginásio de Bocholt, durante doze anos. As horas de lazer eram aproveitadas para estudar sobretudo as obras

¹⁴² HENRIQUE PERBECHE *Arnaldo Janssen ontem e hoje: Personalidade, Carisma, Herança*, Curitiba, 2000, p.4.

de Sto. Tomás de Aquino e de Sheeben¹⁴³. Mas, aproveitava também o tempo para redigir brochuras de conteúdos religiosos. A sua aparência enganava, pois Arnaldo era pessoa que sabia defender os seus pontos de vista.

Arnaldo Janssen foi um homem consciente das necessidades espirituais de outros povos, para além dos limites da sua diocese, preocupou-se pela Missão Universal da Igreja. Decidiu dedicar a sua vida despertando a Igreja da Alemanha para as suas responsabilidades missionárias. Com tal propósito, ele resignou do seu lugar de professor e, logo em seguida, fundou o «*Mensageiro do Sagrado Coração*». Esta revista mensal dava notícias da missão e animava os católicos de língua alemã a trabalhar mais pelas missões.

Os tempos eram particularmente difíceis na Alemanha. Bismarck havia declarado a «Kulturkampf» com uma série de leis contra os Católicos, a expulsão de religiosos e sacerdotes e a prisão de muitos bispos. Nesta situação caótica, Arnaldo Janssen propôs a alguns dos sacerdotes expulsos do país a ida para as missões ou que pelo menos ajudassem na formação de missionários.

Devagar mas com segurança e com a palavra de encorajamento do Vigário Apostólico de Hong-Kong, Arnaldo descobriu que Deus o chamava para enfrentar essa difícil tarefa. Muitos diziam que ele não era o homem indicado para tal e que os tempos não eram propícios para a fundação. A resposta de Arnaldo foi: «O Senhor desafia a nossa fé e incentiva-nos a fazer algo novo, precisamente quando tantas coisas implodem na Igreja»¹⁴⁴.

Entre os voluntários da casa missionária não estavam só homens. Praticamente desde o começo, um grupo de mulheres se pôs ao serviço da comunidade. Estas mulheres desejavam servir a missão como religiosas. O fiel e dedicado serviço que elas ofereciam livremente e o reconhecimento da importância do papel, que a mulher poderia desempenhar na missão, levaram Arnaldo a fundar, no dia 8 de Dezembro de

¹⁴³ HENRIQUE PERBECHE. *Arnaldo Janssen ontem e hoje: Personalidade, Carisma, Herança*, Curitiba, 2000, p.5.

¹⁴⁴ HENRIQUE PERBECHE. *Arnaldo Janssen ontem e hoje: Personalidade, Carisma, Herança*, Curitiba, 2000, p.6.

1889, a Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo (SSpS). As primeiras Irmãs foram enviadas para a Argentina em 1895.

Em 1896 o P. Arnaldo decidiu escolher algumas Irmãs para formar o ramo contemplativo, que seria conhecido como «Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua», SSpSAP. O seu serviço missionário consistiria em manter a adoração permanente do Santíssimo Sacramento, rezando dia e noite pela Igreja e especialmente pelas outras duas Congregações dedicadas ao serviço missionário activo.

Arnaldo faleceu no dia 15 de Janeiro de 1909. A sua vida foi uma permanente procura da realização da vontade de Deus, confiança na divina providência e trabalho árduo. O crescimento contínuo das comunidades por ele fundadas é a prova evidente de que o seu trabalho foi abençoado. Presentemente, há mais de 6.000 missionários do Verbo Divino trabalhando em 63 países. As missionárias Servas do Espírito Santo são mais de 3.800, e 400 as Servas do Espírito Santo de Adoração Perpétua.

Arnaldo Janssen diria adeus ao magistério em 1873, para fundar uma revista que conquista-se os leitores para a participação activa no apostolado através do espírito de sacrifício e de oração. Era moderado o seu entusiasmo missionário, de modo a deixar espaço para interessar-se também pela reunificação dos cristãos na Alemanha.

Pouco depois começou a interessar-se mais vivamente pela ideia, de fundar um seminário de missões, embora pessoalmente, não se sentisse chamado ao serviço missionário directo. Sua falta de dotes oratório unida a ausência de qualidades externas marcantes, além da tendência de complicar e esmiuçar as coisas dificultaram os preparativos para a fundação. Finalmente, inaugurou a casa missionária no dia 8 de Setembro de 1875 em Styel (Holanda) esta data é considerada o dia da fundação da Congregação do Verbo Divino. No dia 2 de Março de 1879, partiram os dois primeiros missionários para a China.

O padre fundador Arnaldo Janssen dizia no dia da inauguração da casa missionária: o que vai dar da casa não sabemos; pois nem tudo atinge a finalidade a que se pretende. O que sabemos é que com forças actuais não podemos cumprir a nossa tarefa. Confiamos porem que o bom Deus nos há-de prover do quanto precisarmos. Que ele disponha da gente como bem lhe prover. Se a casa se tornar alguma coisa, vamos

agradecer a bondade de Deus e senão der nada, resta-nos bater no peito e reconhecer que não fomos dignos da sua graça. É necessário nos esforçar ao máximo, mas Ele é o autor de todo o bem.

O Pe. Arnaldo Janssen, queria gente de iniciativa mas, que se enquadrasse, voluntariamente na Congregação e lhe respeitasse os costumes. Cada confrade deveria estar disposto a ir onde o superior lhe mandasse. Critérios vocacionais mais importantes eram: amor á oração, humildade diante de Deus e dos homens, como prova da autenticidade da oração, e finalmente o amor ao próximo com disposição para servir.

O Pe Arnaldo Janssen nada mais era do que superior geral em sentido total. Nessa sua limitação estava a sua força e a bênção de Deus. Jamais quis tirar férias, até quatro anos antes da morte, quando os médicos lhe impuseram um tempo maior de descanso.

Ao morrer no dia 15 de Janeiro de 1909, Congregação tinha 400 Sacerdotes, 400 Seminaristas Maiores, mais de 600 estudantes de humanidades, e acima de 700 Irmão, noviços e postulantes. Os confrades estavam empenhados na vinha do Senhor nas cinco partes do mundo. A obra estava solidificada e desenvolvia-se sem crise alguma.

Ao cumprir-se o centenário da sua obra, foi proclamado bem-aventurado pelo Papa Paulo VI, no dia 19 de Outubro de 1975. O Papa João Paulo II, no dia 5 de Outubro de 2003, proclamou-o como santo.

2.O perfil Geral da Congregação do Verbo Divino

Os Missionários do Verbo Divino contam actualmente com mais de 6.000 membros, de mais de setenta e cinco nacionalidades, encontram-se espalhados por todo o mundo. Aos países onde o fundador enviou os seus missionários, rapidamente se seguiram outros, como o Paraguai, Indonésia, Índia, R.D. do Congo, Gana, Angola, México, Colômbia, Equador e a quase totalidade dos países europeus, até um total de 66 países, sendo os mais recentes: Botswana, Panamá, Nicarágua, Bolívia, Cuba, Madagáscar, Rússia, Moçambique, África do Sul, Sudão do Sul e Bangladesh.

Os verbitas seguem o Senhor pela via dos conselhos evangélicos e vinculam-se à sua pessoa e ao seu serviço pelos votos de castidade consagrada, pobreza evangélica e

obediência apostólica. Assim, unem-se em comunidade religiosa e missionária de leigos e clérigos

3.A SVD e o seu apostolado

A espiritualidade de Arnaldo Janssen estava ancorada na SS.ma Trindade, fonte e plenitude de toda a verdadeira vida. Via-se a si e aos seus filhos e filhas espirituais como companheiros e continuadores, sócios de vida e missão do Verbo Divino Incarnado, sob o impulso e a orientação do Espírito Santo.

A regra de vida dos Missionários do Verbo Divino resume assim esta atitude e convicção: *“A Sua vida é a nossa vida, a Sua missão, é nossa missão”*. Arnaldo Janssen exercitou-se durante toda a vida na leitura da Palavra de Deus, na escuta do Espírito Santo e no discernimento da vontade de Deus, que desejava conhecer ardentemente e pôr em prática.

Duas grandes causas animaram de modo especial a sua vida: a unidade dos cristãos e a propagação da fé em terras “pagãs”, como então se dizia. Conhecia por experiência própria o drama e o escândalo da divisão entre católicos e protestantes. Por isso, calou fundo nele o apelo de Cristo à unidade: “De modo que sejam um como Nós somos um” (Jo 17,22 Mas a sua mente e o seu coração de sacerdote ambicionavam desafios ainda mais vastos. Cada vez lhe ressoava mais nítida na alma a voz de Cristo: “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Também estas Eu preciso de as trazer e hão-de ouvir a minha voz; e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo, 10, 16).

A simples presença dos missionários do Verbo Divino deverá fazer com que a Igreja desperte para o seu carácter universal. Onde quer que estejam, os irmãos e os padres de diversas nacionalidades, estão a dizer que o mundo deve ser uma grande casa que Deus construiu para todos.

Fiéis ao espírito do Pe. Arnaldo Janssen, os membros da Congregação do Verbo Divino trabalham, em primeiro lugar e de preferência, onde a Boa Nova de Jesus Cristo não foi ainda anunciada ou o foi de forma insuficiente, dando prioridade às situações de maior necessidade e onde não houver outros disponíveis para o trabalho de evangelização.

Primeira Evangelização é o objectivo do nosso trabalho naqueles lugares onde o Evangelho não foi anunciado, ou ainda o foi insuficientemente. Determinar estes lugares não precisa muito esforço. Temos ainda milhões de seres humanos que ainda nada escutaram de Cristo nem da sua Boa Nova de Salvação. Trabalhamos como missionários do Verbo Divino «... Onde a Igreja ainda não está em condições de se valer a si própria»¹⁴⁵. A Congregação tem a sua própria aplicação; «valer-se a si própria» refere-se a situações da realidade missionária de hoje. Países como os de América Latina, Filipinas, ou apostolados concretos com grupos especiais, como o Apostolado entre os Negros ou os Hispanos na América do norte; mesmo até a re-evangelização dos países tradicionalmente cristãos, concretamente os países da Europa.

A preocupação pelos pobres e marginalizados ocupou sempre um lugar central na tarefa evangelizadora dos Missionários do Verbo Divino. Na actual situação do mundo, esta preocupação ganha um novo conteúdo e uma nova urgência. A fidelidade à mensagem de Jesus Cristo sobre o reino de Deus e o seu amor preferencial pelos pobres e marginalizados, implicam um compromisso activo na formação das estruturas justas.

A proclamação do Evangelho supõe a promoção da paz e da justiça para criar um mundo novo que reflecta melhor o reino de Deus, presente já neste mundo. Os missionários do Verbo Divino levam a cabo essa proclamação do Evangelho, antes de mais, nas zonas de fronteira da sociedade humana, onde a necessidade e a luta pela justiça e pela paz têm mais urgência.

A utilização dos meios de comunicação social no apostolado e o estudo etnológico dos povos e culturas foram, desde o princípio, uma das principais características da Congregação do Verbo Divino. Um ano depois da sua fundação, consciente da importância da imprensa na divulgação da Boa Nova e da ideia missionária, Arnaldo Janssen instala em Steyl uma tipografia. Era o começo de um longo e fecundo trabalho de difusão da palavra escrita como meio de evangelização.

Os verbitas de Angola seguindo os passos do seu Fundador, durante a guerra civil, fizeram a vontade do seu Pai Espiritual S. Arnaldo Janssen, aplicaram na prática a justiça social, defenderam sem escrúpulo os oprimidos e os injustiçados, deram voz e vez aos sem voz nem vez, dialogaram com a cultura que encontraram, não impuseram

¹⁴⁵ Cf. Const. 102 da Congregação dos Missionários do Verbo Divino.

nada à força mas utilizando sobretudo o diálogo profético como identidade e missão da congregação dos Missionários do Verbo Divino.

Segunda Parte

A missão do Verbo Divino em Angola

1. Precedentes Históricos

A acção da Congregação do Verbo Divino em África, começou já no tempo de Santo Arnaldo Janssen. O nosso fundador enviou os primeiros missionários para o Togo nos fins do século XIX (1889). O segundo Superior Geral P. Blum, cumprindo a ordem da santa Sé, aceitou a Missão em Moçambique em 1911, para substituir os padres jesuítas expulsos pelo Governo português. Em consequência da Primeira Guerra mundial, também os missionários do Verbo Divino tiveram que deixar este campo de actividade missionária. (1918).

Em 1938 novo trabalho da SVD foi iniciado no Gana, e em 1951, no Congo Belga (Leopoldville), actualmente República Democrática do Congo. Entretanto, a SVD estabeleceu-se em Portugal em 1949, fundando os seminários Missionários em Tortosendo, Fátima e Guimarães, e recentemente na capital do País, em Lisboa.

A Congregação dos Missionários do Verbo Divino ateve-se desde os primórdios da fundação portuguesa às grandes preocupações iniciais que pautaram as fundações missionárias do Pe. Arnaldo Janssen. Os primeiros edifícios da Congregação do Verbo Divino tiveram como meta primeira a preparação e o envio de padres e irmãos para o território de missão.

Os verbitas que implantaram a Congregação em Portugal ativeram-se a estas orientações; reconheceram-nas como específicas do Instituto vincadamente virado para a Missão. Propuseram-se dentro de um prazo razoável consolidar uma infra-estrutura que permitisse o acolhimento, a formação e o envio de missionários para os territórios dependentes da Congregação.

A deslocação da Congregação do Verbo Divino para o continente africano continuava a ter uma expressão reduzida em face da urgência daqueles territórios; reflexos disso foram os contínuos apelos que de lá se dirigiam à cúria geral da Congregação. A experiência missionaria de Moçambique, vivida intensamente pela

Congregação nos anos em que precederam o primeiro conflito mundial, levou a Direcção Geral da Congregação a apostar seriamente em países de tradição missionária.

É neste contexto que a opção por Angola passou a ser uma das prioridades. O decrescer do acordo missionário, particularmente visível após a expulsão da Companhia de Jesus em Portugal (1759) e mais tarde com a extinção dos Regulares em território português (1834), estava, nesse meio do século vinte, a ter uma retoma após a assinatura da Concordata e do Acordo Missionário entre Portugal e a Santa Sé (1940). É neste contexto do Acordo Missionário que a Congregação do Verbo Divino chega a terras angolanas.

O percurso verbita em Angola teve também muito a ver com as condições religiosas, sociais e culturais da sociedade portuguesa. Acompanhou-se desde o início da fundação o itinerário eclesial e missionário que se percepcionava na década de quarenta e cinquenta em Portugal.

No território do ultramar português, privilegiou-se particularmente o território de Angola. Abertura desta zona de África aos missionários verbitas no ano 1965, a partir de Portugal, explicará em parte aquele fluxo natural de membros portugueses para este território de missão.

2. Contexto sociopolítico e religioso da chegada da SVD em Angola

Ninguém vive fora do seu tempo. Uns mais, outros menos, todos se tornam o reflexo do pensamento da sua época. Os missionários verbitas vivem e trabalham nos mais diversos contextos sociais, políticos, religiosos e culturais. Só podemos falar da missão verbita no contexto da missão da Igreja. Neste sentido, a Congregação do Verbo Divino coloca-se ao serviço da Igreja local, agora que fora abandonado o antigo costume de reservar a missionação de um determinado espaço geográfico a uma Congregação específica.

De acordo com o XIII Capítulo Geral, este serviço à Igreja local deveria traduzir-se de duas formas: no ser e no agir. No domínio do ser, as comunidades verbitas deveriam constituir um testemunho de vida comunitária, um testemunho de inserção nas condições reais da vida do povo e um testemunho de profecia no âmbito socioeconómico e político concreto e aí anunciar a Boa Nova e denunciar tudo aquilo que se lhe opõe. No domínio do agir, os verbitas propunham-se actuar nas Igrejas nascentes, comprometendo-se com a primeira evangelização; ajudar as Igrejas em

desenvolvimento, sobretudo as que estão em situações de fronteira, ou seja, mais necessitadas de evangelização; ser uma presença missionária nas Igrejas de larga tradição cristã; e dar prioridade ao apostolado bíblico, à comunhão intereclesial e ao papel dos meios de comunicação social e das ciências antropológicas e missiológicas no campo da missão. O Capítulo considerou que os verbitas deveriam comprometer-se com «o princípio evangélico da inculturação evidenciado na encarnação do Verbo de Deus». Contudo, reconhecia que «são as Igrejas locais os agentes primários da inculturação». O Capítulo de 1988 destacou a promoção integral do homem como um traço fundamental da missão verbita, aliás no seguimento do XII Capítulo Geral. O Capítulo de 1988 destacou a promoção integral do homem como um traço fundamental da missão verbita, aliás no seguimento do XII Capítulo Geral¹⁴⁶.

Angola desde Cabinda ao Cunene e desde o mar ao leste, tem uma superfície de 1.246.700 Km². Tem uma população aproximadamente de 18 milhões de habitantes. O país está dividido em diferentes grupos étnicos que vivem suas tradições e costumes. Os mais importantes são os Ovimbundos, Ambundos, Tchokwes, Kwanhamas Kikongos, Nganguelas e Fiotes.

Quando a SVD chegou a Angola, o país ainda estava sob a tutela do regime colonial português. Pouco tempo depois porém devido à situação da guerra pela independência, as pessoas e os missionários ficaram expostos a grandes violências e até perigo de vida.

O povo angolano conseguiu sua soberania no princípio de 1961, a luta contra a dominação colonial portuguesa. Finalmente Angola alcançou a independência a 11 de Novembro de 1975. Desgraçadamente, após Angola se tornar um país independente começou uma guerra civil entre o MPLA e a UNITA, como descortinamos no segundo capítulo desta tese. Ai entrou em jogo os interesses económicos, ideológicos das maiores potências mundiais. Norte Americana e Sul-africana e a União Socialista Soviética.

¹⁴⁶ O XII Capítulo Geral (1982), num documento sobre a justiça e a paz, convocava todos os membros da Congregação a demonstrarem um maior compromisso com a justiça e a paz em solidariedade com os pobres e oprimidos e, deste modo, participarem na missão de transformar o mundo que, segundo o Sínodo dos Bispos de 1971, é uma dimensão constitutiva do anúncio do Evangelho.

A Igreja em Angola aquando da chegada dos verbitas, estava marcada por duas épocas: a época de colónia e a que seguiu a independência. Na primeira, a evangelização se enquadrava no sistema sociopolítico imperial português e apoiava-o. A Igreja chegou ao país acompanhando o regime colonial português. A segunda etapa se abre com a independência. Conseguida a independência, implantou-se em Angola o comunismo e com ele começou a guerra civil.

Nesta altura, 46% da população angolana se declarava católica. A Igreja neste período estava dividida em três províncias eclesiásticas com 16 dioceses. A maioria dessas dioceses carecia de clero nativo e missionários que permitissem responder as exigências pastorais das comunidades cristãs. Em algumas áreas abandonadas durante a guerra, eram os catequistas quem reunia a comunidade para rezar. Isto acarretou-lhes não poucas vezes a perseguição e torturas.

Se vivia um ambiente religioso tradicional. A Igreja, guiada pela Conferência episcopal de Angola e S.Tomé (CEAST), se considera uma mãe que ajuda os pobres vítimas da guerra, mas muitas vezes sem voz profética. As Cartas pastorais que a CEAST sempre escreveu tratando sempre de dar motivos de esperança, nem sempre alcançaram o seu objectivo que era o calar das armas e a livre circulação de pessoas e bens.

A evangelização sente o peso do passado. Existe uma boa participação dos fiéis na celebração litúrgica mas a sua formação religiosa e sacramental eram escassas e carentes de todo compromissos e com pouca esperança para o futuro. A tarefa principal da evangelização nesta altura era a reconciliação do povo angolano de Cabinda ao Cunene e do mar ao Leste.

Nesta altura, o Estado assumiu o papel da Igreja. Esta era vista como uma instituição jurídica que se confundia com o Estado. O rei de Portugal, na parte espiritual, era o delegado do Papa, chefe da Igreja Universal. Nenhum bispo ou nova diocese poderia ser nomeado ou criada sem autorização do rei português. O rei tratava os bispos e o clero do ultramar como funcionários do Estado.

A Missão era vista como o crescimento deste Estado-Igreja. A Igreja crescia conquistando territórios novos para a cristandade lusitana e, por consequência, para a Igreja Universal de quem o Estado português tinha sido feito delegado pelo Papa. Por

isso, se usava o vocabulário bélico: “conquista espiritual”. E na medida em que a Igreja avançava na conquista espiritual e alargava as suas fronteiras, territoriais.

O contrário também é verdade, na medida em que o Estado avançava pela conquista das armas, avançava e crescia também a cristandade. Os inimigos de Portugal e dos seus interesses tornavam-se automaticamente “inimigos da nossa santa fé”. As duas missões estavam de tal maneiras ligadas e interligadas que uma não ia sem a outra.

O missionário compreendia-se como um funcionário ao serviço da coroa. Ele era um enviado e pago pelo rei de Portugal. Por isso, ele tinha que ter em conta não só os interesses de Deus, mas também os interesses do Rei. Ou seja, os missionários sentiam-se coartados na sua liberdade e proclamação do anúncio evangélico. Por razões estruturais e económicas tornavam-se “profetas da corte” (Jr 6,13-14; 23,9-40). A coroa portuguesa tinha consciência disso e fazia questão de mostrar isso mesmo aos missionários estrangeiros que eram obrigados a partir do porto de Lisboa e viajar num navio português.

O missionário do Padroado era um delegado da Igreja e da cultura portuguesa. Por isso, a sua missão concentrava-se na palavra-chave “reduzir”. Evangelizar era sinónimo de reduzir o outro a si, de civilizar. O outro era “tábua rasa” de Deus e de cultura ou tinha crenças idolátricas, supersticiosas e demoníacas. Era preciso iniciar tudo de novo. Os outros eram bárbaros, sem civilização, eram como crianças que eram necessário educar na vida e na fé.

3 Início da província SVD de Angola

Foi precisamente há 53 anos isto é, Março de 1965 que a semente da SVD foi lançada em território angolano após insistentes pedidos que vinham já desde 1959. O lugar escolhido foi a zona Terra Nova, no município do Rangel, província de Luanda. Levávamos na bagagem e bem presente, o desejo de responder à necessidade e urgência da evangelização para o qual os missionários verbitas se sentiam enviados.

A aceitação da missão de Angola foi o resultado dum processo que já vinha de longe. A fundação verbita em Portugal teve como preocupação primária a formação de missionários para a acção evangelizadora da Igreja. Os campos de prioridade missionária, dentro da melhor tradição da Congregação, tinham sido sempre assumidos após petição expressa dos organismos centrais da Igreja ou de igrejas locais. Esse

espírito de abertura não excluía de todo em todo qualquer território. Circunstâncias várias vieram apressar uma decisão que se tornou quase inadiável: a assunção dum espaço de evangelização no antigo ultramar português.

Desde os primeiros meses do início da fundação no Tortosendo (Portugal), já o Pe. Caio de Castro, ao intentar reconhecimento e isenções fiscais, se vê confrontado com a delicada questão da não presença da Congregação em terras do ultramar. Disso informa Roma e dá a entender as conveniências objectivas da abertura, num futuro próximo, duma missão num dos territórios ultramarinos.

No fim do ano de 1964, o P. Adolf Spreti, assistente geral, encontrando-se de visita às nossas missões do Congo, incluía também no seu périplo uma deslocação a Angola e Moçambique. Apreciaria localmente da viabilidade da deslocação da Congregação para aqueles territórios.

Uma vez em Angola, é-lhe proposto pela diocese de Luanda uma zona de periferia, carente de assistência religiosa e evangelização; com esse dados em mão regressa imediatamente a Roma e propõe ao Conselho Geral a assunção daquele território missionário. No ano seguinte, o Pe. Spreti, de visita a Portugal (19 de Fevereiro até meados de Março de 1965), abordou esse projecto com os responsáveis da Região portuguesa. O acolhimento positivo que de todos recebeu, deixou-o optimista.

Meses mais tarde, destinam-se já para aquele território um missionário experimentado do Congo, os brasileiros Pe. Elírio dal Piva e o Pe. Wilson Alves, que estava a terminar o curso de Teologia na Alemanha, em Santo Agostinho. Mas no mesmo ano o Pe. Elírio tinha as férias na sua terra natal. Antes de ir de férias ele visita Luanda e conhece o local da missão na região da Terra Nova em Luanda.

O dia 20 de Março de 1966, foi a data apazada para a cerimónia da entrega da cruz missionária aos dois confrades que iriam dar início à missão de Angola (Luanda). Tudo foi preparado cuidadosamente. Para presidir, foi convidado o núncio apostólico, Mons. Maximiliano de Furstenbegr; convidara-se igualmente um antigo missionário verbita de Moçambique, posteriormente ordenado bispo no Brasil, D. Manuel Konner, assim como o bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio. Três dias depois, no dia 23 de Março, tomava o Pe. Elírio o avião com destino a Luanda. Um pouco mais tarde, no dia

27 de Abril, embarcava no “Infante D. Henrique”, o Pe. Wilson Alves com o mesmo destino.

Com a presença destes dois missionários, a missão angolana teve uma evolução positiva. A diocese de Luanda atribuiu-lhes a zona da Terra Nova, Cazenga, Rangel e Mosseques. Foi dessa forma que a Região portuguesa se estendeu às longínquas terras de África.

Até ao fim da década, a missão será reforçada com a ida doutros missionários de Portugal: Pe. António Brito, Pe. Américo Gonçalves Ribeiro, Fr. Manuel Felgueiras e Ir. Gerardo Gaspar Esteves.

Nos primeiros meses de 1974, antes da revolução do 25 de Abril, abriu-se ainda a Missão de Kaungula, na província da L. Norte, cerca de 1000 km da província de Luanda.

4. Luanda: primeiro campo de trabalho

O primeiro campo missionário verbita em Angola foi na capital Luanda que é a mais bela cidade na costa Ocidental da África, capital do país e grande porto com mais de meio milhão de habitantes.

Em Luanda, os missionários do Verbo Divino, assumiram numa primeira fase a paróquia de Cristo Rei, uma paróquia grande, recente, bastante populosa e que estava quase tudo por fazer. Praticamente não havia estruturas físicas. Tratava-se de serviço paroquial normal. Os padres também leccionavam ética e religião no liceu, preparavam mestres e professores para o ensino religioso, instruía catecúmenos e levavam-nos ao baptismo.

Em 1973 aceitamos uma missão na região de Kaungula a cerca de 750km de Luanda. Os primeiros missionários, dois neo-sacerdotes, iniciaram o trabalho em Fevereiro de 1974; no ano seguinte chegou mais um, o ex-mestre de noviço por muitos anos.

Aí começou a revolução. Já em Maio / Junho de 1975 os missionários escrevem sobre grandes perturbações. Tentaram servir de mediadores entre os partidos políticos. Por mais de uma vez conduziram para a selva mulheres e crianças em fuga. Finalmente, nem eles mesmo sabiam como ficar. No dia 7 de Agosto todos os confrades portugueses

atravessaram a fronteira, a fim de, através da África do Sul e do Brasil, chegar a Portugal. A decisão foi difícil e dolorosa. Somente um confrade eslovaco permaneceu em Angola.

Uns anos antes, o Generalato tinha começado a internacionalizar a missão. Lá estavam na primeira fase da missionação verbita em Angola, três portugueses, três polacos, um eslovaco e um filipino, desde que as fronteiras voltaram a abrir-se para os confrades lusos já em 1976. Mas continuava difícil conseguir-se o visto de entrada; numa época em que a situação no país ainda é pouca segura ou seja estamos no início da guerra civil angolana.

Na altura, os missionários do Verbo Divino trabalhavam na Paróquia de Cristo Rei em Luanda, com duas casas planas anexas, e na Paróquia de Santo António de Kifangondo que tem seis capelas. No início da guerra civil, não nos foi possível voltar ao interior, à missão de Kaungula. Mas, alguns confrades aceitaram tarefas na Diocese de Saurimo e, de lá conseguem fazer visitas esporádicas aos fiéis de Kaungula. Em pouco tempo, dois padres aceitaram trabalhos pastorais na Diocese do Uíge.

5. Missões SVD em Angola

5.1 Paróquia de Cristo Rei

Como abordamos em cima, O nosso primeiro campo de trabalho foi a paróquia de Cristo Rei, nas periferias de Luanda, erigida oficialmente no dia 31 de Dezembro de 1967¹⁴⁷. A Igreja paroquial da Terra Nova foi benzida pelo então arcebispo de Luanda, D. Moisés Alves de Pinho; a partir daquela data, começou oficialmente a actividade pastoral, conforme o decreto da Arquidiocese nº94/1967¹⁴⁸. O contrato entre a Arquidiocese de Luanda e a Congregação do Verbo Divino foi assinado em 4 de Setembro de 1967.

Com uma população estimada em 250 mil habitantes, numa extensão de 14 Km², a paróquia de Cristo Rei é uma das maiores da Arquidiocese de Luanda. A equipa missionária está composta apenas por dois confrades a tempo completo. Recebem ajuda de outros confrades residentes na casa central em termos de celebrações. Ainda assim não há capacidade suficiente para se acompanhar com regularidade o grande número de

¹⁴⁷ Cfr. Arquivo da Congregação SVD de Angola p. 3.

¹⁴⁸ IDEM p. 3.

fiéis e movimentos apostólicos nos três centros que compõe a paróquia, respectivamente: o centro do Cristo Rei, o da Nossa Senhora da Encarnação e o centro da Nossa Senhora de Aparecida.

Com a chegada das Irmãs Religiosas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus em outubro de 1968, começou um novo capítulo das actividades de catequese, costura e culinária e outros trabalhos pastorais com a juventude.

Desde a fundação desta paróquia –Missão se pensou que a SVD se lançaria na missionação da população desta zona, pobre e não evangelizada, e seria uma base de apoio a novos campos de evangelização SVD no interior do país. A comunidade SVD tem pois, duas funções específicas nesta paróquia: evangelizar e dinamizar a comunidade cristã já existente e ser apoio para outras missões no interior.

A vida cristã da paróquia tem os seus momentos fortes na missa dominical com a presença de cerca de 1.800 cristãos, na maioria jovens, crianças e adolescentes; na celebração do sacramento do baptismo e do matrimónio; participam diariamente várias dezenas de cristãos na Eucaristia e nos encontros dos grupos eclesiais.

A actividade missionária de evangelização e catequese foi durante a guerra civil a principal actividade desta paróquia. Trabalhamos neste campo leigos, irmãs e missionários do Verbo Divino.

5.2 Paróquia do Verbo Divino – Missão de Kaungula

A segunda estação missionária verbal foi Kaungula no leste do país, aceite em 1973, mas os missionários só lá começaram o trabalho em fevereiro de 1974.

Kaungula encontra-se a 800 kms de Luanda. Fundada a 8 de Setembro de 1974, a missão de Kaungula teve apenas tempo de dar os primeiros passos. Com a instabilidade que se instalou no período que antecedeu a independência de Angola e, posteriormente, com o rebentar da guerra civil, a residência para os missionários nunca foi concluída. Durante o período conturbado da guerra a missão era atendida a partir da missão de Cacolo até que em 2006 foi reaberta com a presença permanente de um confrade.

Com a saída em Março de 2009 do único confrade que atendia directamente aquela comunidade, a missão esteve fechada durante alguns meses até que em 2010 dois

novos confrades instalaram-se definitivamente na missão. Tomando posse no mesmo ano. A missão estende-se num vastíssimo território da província da Lunda Norte. Além do trabalho pastoral de primeira evangelização os confrades estão envolvidos no ensino principalmente na alfabetização. Está em curso a construção de um internato. Desde 2014 contam com a colaboração das Irmãs SSpS.

5.3 Paróquia de Santo António – Kifangondo

À 18 km a norte de Luanda, temos a Paróquia/Santuário de Santo António de Kifangondo, erigida em 1978. É um centro de peregrinos e devotos de S. António que aí acorrem. A paróquia está organizada em pastoral paroquial e como santuário, ela presta atenção espiritual aos peregrinos, ao mesmo tempo atende um número considerável de aldeias e escolas missionárias na zona da Funda.

O centro de Saúde S. Lucas e a leprosaria da Funda prestam um serviço inestimável aos doentes vindos das regiões circunvizinhas, incluindo os de Luanda. Neste serviço contamos com a colaboração das Irmãs Servas do Espírito Santo e de outras religiosas que fazem parte da equipa de gestão.

Em Kifangondo, encontra-se também o Noviciado do Verbo Divino.

5.4 Paróquia de S. Vicente – Missão do N'zeto

Esta missão remonta aos anos 80, altura em que, oficialmente, foi reaberta. A missão foi antes assistida pelos missionários espiritanos. Estiveram sem assistência missionária regular desde 1974.

A missão do N'zeto, está situada no litoral da diocese e fica a cerca de 270 km de Luanda. Assumida em 1980 esta antiga missão espiritana é atendida por nós e as irmãs Servas do Espírito Santo. Para além da assistência à sede municipal da Vila do N'zeto, a nossa acção missionária estende-se a uma vasta área, estando a última aldeia a mais de 150 km. A missão conta com 2 confrades a trabalharem na pastoral paroquial e no ensino. A missão beneficiou de um financiamento da Sonangol para o projecto de construção de uma Escola missionária que é propriedade do Verbo Divino.

5.5 Paróquia de S. Teresa do Menino Jesus – Missão de Caculama

Esta missão foi confiada oficialmente à SVD em 1983. Com a guerra e a fuga dos populares da vila, os missionários abandonamos a missão em Dezembro de 1998. A Missão de Caculama foi a que sofreu maior destruição nas suas estruturas físicas. Tudo foi roubado e vandalizado: portas, janelas, tecto, sanitas, instalação eléctrica, etc. A Missão foi reaberta no dia 24 de Novembro de 2002, na Solenidade de Cristo Rei. Desde a sua reabertura a missão conta com dois confrades que trabalham a tempo inteiro e em colaboração com as Irmãs Servas do Espírito Santo. Trabalhamos no apostolado da primeira evangelização e na educação.

5.6 Paróquia de Nossa Senhora do Carmo – Missão de Kacolo

Depois de uma história conturbada desta missão que teve o seu ponto culminante com o rapto de todos os missionários (SVD e 5 Irmãs FMM), protagonizado pelo então movimento rebelde da UNITA, em Dezembro de 1983 no dia 28 de Março de 2003, foi oficialmente reaberta a nossa Missão de Kakolo. Actualmente a missão conta com dois confrades permanentes vivendo momentos de estabilidade a nível da evangelização e de outros serviços pastorais e apostólicos.

5.7 Paróquia de São João Baptista

São João Baptista de Cacucaco foi desmembrada da paróquia do Santo António de Kifangondo. A Igreja paroquial antiga era uma capela de dimensões muito reduzidas, com capacidade para 100 pessoas. Foi projectado a nível da diocese de Caxito um novo templo e uma casa paroquial. Nesta paróquia contamos com 2 confrades e a colaboração das irmãs religiosas de 2 congregações.

5.8 Paróquia de Santa Madalena

Até o ano de 2006 a Paróquia de Santa Madalena era um centro que dependia da paróquia do Cristo Rei. Nesta data foi constituída em paróquia e foi confiada à nossa Congregação. Para além da própria sede da Santa Madalena, a paróquia conta com 3 centros nomeadamente: Mãe de Angola, São João Baptista, Santo Agostinho.

A paróquia está em crescimento por ser uma das áreas da cidade que acolhe uma parte significativa do fluxo migratório dos cidadãos saídos do campo para a cidade. A paróquia conta na actualidade com dois confrades a tempo inteiro.

5.9 Paróquia de São José Freinademetz, Panguila

Até o ano de 2010 pertencia a paróquia de Santo António de Kifangondo. Mas devido ao crescimento populacional e atendendo à necessidade foi elevada à categoria de quase Paróquia. E em 2014 erigida como Paróquia. Trabalham aí dois confrades a tempo inteiro e colaboram 2 Congregações Femininas.

6. A Missão SVD de Angola durante a independência até 1979

Com a independência de Angola (11/11/1975), começou uma nova página na história da Igreja em Angola como vimos no primeiro capítulo desta tese.: nomeação de novos bispos angolanos, e criação de novas dioceses. O número de sacerdotes missionários desceu de 564 para a metade, sendo 167 religiosos e 110 diocesanos. Os Irmãos desceram de 124 para 40. As irmãs religiosas desceram de 899 para uma terça parte. Muitas missões e paróquias foram fechadas. Também o nosso primeiro campo de trabalho, a paróquia de Cristo Rei sofreu: a população branca foi expulsa e retornou a Portugal, o grupo de jovens desapareceu, a catequese sem catequistas ficou desorganizada, as missas nas paróquias passaram a ser somente aos domingos devido os conflitos armados. Os edificios paroquiais ficaram danificados, os carros das missões foram roubados, as salas de catequese ficaram ocupadas. Faltou água e comida para o povo e os missionários.

Terceira Parte

Experiência missionária dos Verbitas em Angola

Apresentarei nesta quarta parte do terceiro capítulo o trabalho que os missionários do Verbo Divino realizaram em Angola através das quatro dimensões características da Congregação durante a guerra civil angolana.

As dimensões características, de acordo com o XV Capítulo Geral da Congregação do Verbo Divino, são o terceiro elemento distintivo da sua identidade missionária. A expressão é usada para designar quatro aspectos da vocação missionária que são como que traços da família verbita.

Convém esclarecer que as dimensões características não foram descobertas pelo XV Capítulo; de facto, elas traduzem um conjunto de iniciativas, actividades e até estruturas com alguma tradição na Congregação. O XV Capítulo Geral assumiu essa tradição e introduziu três novidades: 1) mudança de terminologia, 2) consagração de apenas quatro dimensões com o estatuto de «características» e 3) a sua articulação com o diálogo profético.

As dimensões características assumidas pelo XV Capítulo são: 1) *apostolado bíblico*, 2) *animação missionária*, 3) *justiça, paz e integridade da criação*, 4) *comunicação*¹⁴⁹. Na verdade, estas quatro dimensões características eram realidades que já tinham alguma expressão e até um certo estatuto na actividade missionária da Congregação.

1. Dimensões características da SVD

Segundo o P. José Antunes, Vice Superior Geral da Congregação do Verbo Divino, o XV Capítulo Geral fez três observações que ajudam a esclarecer o conceito de dimensões características: 1) as dimensões são mais claramente missionárias quando inseridas no contexto do diálogo profético; 2) não são monopólio de especialistas, mas marca distintiva de cada missionário verbita, em todas as etapas da sua vida e qualquer que seja o seu apostolado; 3) afectam não só o apostolado e as actividades pastorais, mas também a vida comunitária, pois é em comunidade que os missionários do Verbo Divino devem partilhar a Escritura, animar-se mutuamente para a missão, lutar para que a paz e a justiça reine entre todos e relacionar-se fraternalmente.

Ao fazer estas observações, o XV Capítulo Geral quis acentuar as motivações profundas do trabalho missionário. Por isso, constata que há uma deslocação de acento do «fazer» para o «ser». Embora a palavra «atitudes» não apareça na Declaração do Capítulo aplicada às dimensões características, o contexto é esclarecedor, defendendo-se a primazia das disposições interiores que dão vida e forma a todos os compromissos e actividades missionárias. Aquilo que, na história da Congregação, começou por ser uma referência a apostolados especializados e que nalgumas províncias foi traduzido na fundação de estruturas apropriadas – por exemplo, centros bíblicos e serviços de

¹⁴⁹ As dimensões características não são uma simples lista de apostolados específicos, mas na opinião do Capítulo XV Geral são rasgos de família que caracterizam quer a vida comunitária quer a actividade missionária de todos os verbitas. Cf. «Las dimensiones características de la SVD», En Diálogo con el Verbo 3 (2002), §§7-22.

comunicação social – foi sendo reformulado para incluir a ideia de que as dimensões são, antes de mais, atitudes fundamentais que devem inspirar todos os membros da Congregação, mesmo aqueles que trabalham na educação, na administração ou nas paróquias e que, à primeira vista, parece que nada têm a ver com a animação missionária, o apostolado bíblico, a comunicação social ou a promoção da justiça e da paz.

Deste modo, ao adoptar o termo «dimensões» em detrimento de prioridades e áreas, o XV Capítulo Geral quis comprometer todos os membros da Congregação do Verbo Divino na nova compreensão da missão. Qualquer que seja o seu apostolado e o lugar onde vivem, todos os missionários do Verbo Divino estão chamados a fundamentar a sua vida na Palavra de Deus, partilhar com outros os valores do Reino, construir uma sociedade mais justa e desenvolver competências de comunicação para promover relações humanas mais profundas.

Por isso, as dimensões características não são funções, actividades, apostolados ou projectos, mas formas de ser, de estar e de agir que identificam a missão. Não se referem só ao trabalho missionário enquanto tal, mas afectam e configuram a vida pessoal e comunitária de cada missionário verbita. Elas necessitam de ser vividas no contexto do diálogo profético e da missão *ad gentes*.

É necessário esclarecer em primeiro lugar que, as dimensões características não são a razão de ser do missionário do Verbo Divino, mas a maneira como essa razão de ser é traduzida no terreno e na prática da missão. O acento não deve incidir sobre as dimensões características em si mesmas, mas sobre a razão de ser que identifica a vocação e a missão da Congregação. Em segundo lugar, as dimensões características são «características», ou seja, são marcas que identificam os missionários do Verbo Divino na missão e no modo como vivem a vida religiosa.

O facto de serem marcas significa que podemos traçar a sua origem a partir de certas preocupações e interesses do Fundador. Mas, por outro lado, estas dimensões também têm uma componente histórica, ou seja, foram sendo desenvolvidas através dos anos graças às respostas concretas que os discípulos de Arnaldo Janssen, fiéis ao seu carisma, procuraram dar aos desafios da missão em diferentes épocas da história. Por outro lado, sendo marcas que identificam os missionários verbitas, estes estão constantemente desafiados a viver os votos religiosos, a viver em comunidade e a

realizar o seu serviço missionário de modo a manifestar sempre as dimensões do apostolado bíblico, da animação missionária, da comunicação, da justiça e da paz.

1.1 As quatro dimensões características

Apostolado bíblico, animação missionária, justiça, paz e integridade da criação e comunicação são as quatro dimensões características que o XV Capítulo Geral destacou como traços identificadores da missão da Congregação do Verbo Divino.

Desde os primórdios da missionação verbita em solo angolano, principalmente em tempos de guerra civil, os verbitas que trabalharam em Angola procuraram pôr em prática como parte do seu ser e da sua missão as quatro dimensões características da Congregação do Verbo Divino como veremos a seguir.

1.1.1 Apostolado bíblico

O apostolado bíblico remonta ao próprio Fundador, Arnaldo Janssen. Arnaldo Janssen provinha de uma família onde a leitura da Sagrada Escritura era habitual. Mais tarde, como sacerdote, recorreu frequentemente a citações da Bíblia para enriquecer as suas conferências e retiros. E, desde os começos da Congregação em Steyl, Arnaldo Janssen insistiu para que os futuros missionários tivessem uma sólida formação bíblica.

O próprio nome da Congregação – Verbo Divino – referia-se, segundo Arnaldo Janssen, não só à Palavra do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, mas também à palavra do Filho na sua humanidade, ou seja, o evangelho de Jesus Cristo, e à palavra do Espírito Santo, ou seja, toda a Sagrada Escritura.

O regresso da Igreja à Bíblia operado pelo Concílio Vaticano II também teve profundas repercussões na vida da Congregação, como testemunham as Constituições aprovadas em 1983. Por exemplo, a const. 106 Afirma: «Tornamo-nos colaboradores do Verbo Divino ouvindo e vivendo a Palavra de Deus» e a const. 107 assevera explicitamente: «A nossa tarefa mais urgente é o anúncio da Palavra». A ideia central do documento do Generalato «Viver da Palavra» é a consciência de que: «a abertura sincera à Palavra de Deus abre-nos também aos irmãos, impelindo-nos a amar e a partilhar. Pois a Sagrada Escritura é o livro da Igreja que nos foi dado para edificar a

comunidade (1Jo 1,3)»¹⁵⁰. Por isso, o Generalato apresenta algumas propostas a nível pessoal e comunitário para o estudo e meditação da Bíblia, escuta e oração da Palavra.

Em 1988, o XIII Capítulo Geral declarou oficialmente que o «apostolado bíblico forma parte integral da herança» do Fundador e que os missionários do Verbo Divino deveriam «fazer do mesmo uma marca permanente» do seu trabalho missionário. O Capítulo afirmou que a Palavra de Deus está viva nas Constituições da Congregação do Verbo Divino e constitui a «coluna vertebral» de toda a vida e acção dos seus membros.

Estes têm como dever proclamar a todos a Palavra de Deus. Por isso, o XIII Capítulo aprovou uma resolução onde, entre outras coisas, se pedia que ao elaborar os seus planos, as províncias apoiassem o apostolado bíblico com pessoas e recursos adequados.

Para nós, missionários do Verbo Divino, a primeira Evangelização é o objectivo do nosso trabalho naqueles lugares onde o Evangelho não foi anunciado, ou ainda o foi insuficientemente. Nos anos 60, quando os verbitas começaram a evangelizar Angola, até durante a guerra civil angolana, os verbitas privilegiaram uma pastoral baseada nos sacramentos. Destes se privilegiaram certos sacramentos: baptismo, confissão, eucaristia e matrimónio. Ao longo de todo o período colonial, esta continuou sendo a prioridade pastoral.

Para além da pastoral dos sacramentos, os verbitas em Angola privilegiaram uma pastoral bíblica isto é, curso bíblico que cada verbita realizava nas paróquias SVD em tempos difíceis de guerra civil e que abordava a situação que o povo estava a viver com exemplos práticos extraídos da Bíblia Sagrada.

1.1.2 Animação missionária

A animação missionária, cujo objectivo consiste em fomentar uma maior consciência e compromisso com a missão *ad gentes* e envolver os leigos na missão da Igreja, sempre fez parte da missão da Congregação do Verbo Divino ainda que com nomes diversos. Arnaldo Janssen empenhou-se activamente na divulgação do trabalho missionário da Igreja nos países de missão e na criação de uma consciência missionária viva entre os leigos e o clero diocesano. Nesta tarefa utilizou diversos meios, com destaque para a imprensa missionária e os retiros que orientava em Steyl. Alguns anos

¹⁵⁰ Cfr. JOSÉ ANTUNES DA SILVA. o Diálogo profético, p. 351.

antes da fundação da casa missionária de Steyl, já Arnaldo Janssen dedicava muito do seu tempo à animação espiritual do povo de Deus.

Podemos definir a animação missionária como o conjunto de acções formativas, litúrgicas e celebrativas que têm como objectivo dar a conhecer a missão da Igreja, criar interesse pela tarefa missionária nas comunidades eclesiais e promover o empenhamento missionário de todos os baptizados, despertando-os para que assumam responsavelmente a sua vocação missionária. João Paulo II na encíclica *Redemptoris missio* afirma que a formação missionária é uma tarefa central na vida cristã que a Igreja local deve realizar, com a ajuda dos missionários e seus Institutos. A Igreja deve promover actividades em ordem a uma liderança e compromisso evangelizador na comunidade paroquial, informar e formar o Povo de Deus para a missão universal da Igreja, fazer nascer vocações *ad gentes* e encorajar a cooperação para a evangelização. O Papa pede que as Igrejas locais insiram a animação missionária como um elemento fulcral da pastoral ordinária, paroquial e diocesana (RM 83).

Na Congregação do Verbo Divino, a responsabilidade pela animação missionária pertence, em cada província, ao respectivo secretário das missões⁹⁰⁷. Contudo, os outros membros da Congregação não estão dispensados deste trabalho; pelo contrário, todos devem procurar «despertar e avivar a consciência da responsabilidade missionária de toda a Igreja» (const. 102.2).

A animação missionária desenvolve-se em duas frentes. No interior da Congregação, ajudando a manter o zelo missionário e o idealismo dos confrades e das comunidades, encorajando-os a continuar na busca de fronteiras nas suas actividades quotidianas e a ajudando-os a desenvolver programas de formação permanente destinados a aprofundar questões relacionadas com a prática missionária e a espiritualidade. Na Igreja local, despertando nela a consciência da sua co-responsabilidade missionária no contexto da Igreja universal e o cultivo de um firme compromisso com situações de missão *ad gentes*.

As Constituições da Congregação do Verbo Divino (const. 109-111) destacam quatro formas através das quais se concretiza a animação missionária: promoção do laicado, promoção vocacional, mentalização missionária e apoio aos missionários leigos. Os meios para realizar estas quatro formas de animação missionária são muitos e variados, como por exemplo, a utilização dos meios de comunicação social (imprensa,

rádio, televisão, internet, etc.), a realização de conferências e exposições, a organização de semanas de animação missionária em paróquias e escolas, a formação e acompanhamento de grupos de leigos missionários, o apoio a iniciativas de voluntariado missionário.

As Constituições de 1983 (const. 110) situam entre as tarefas prioritária do serviço missionário da Congregação a tarefa de despertar nas igrejas locais a consciência da sua co-responsabilidade missionária, no contexto da Igreja universal, e a disponibilidade para transmitir aos outros a Boa Nova recebida. As Constituições acentuam a vocação e a responsabilidade missionárias de todo o Povo de Deus e, por isso, convidam membros da Congregação a encorajar os missionários leigos a participarem activamente na construção do Reino de Deus (const. 111). Ligam intimamente a animação missionária com a promoção vocacional (const. 510) e os meios de comunicação social (const. 115) e atribuem ao Secretário das Missões a responsabilidade directa pela animação missionária (const. 631).

Contudo, esta dimensão característica abarca não só toda a plêiade de actividades mencionadas e outras que o progresso tecnológico possa colocar ao serviço da missão, mas sobretudo a atitude de animar, encorajar, formar e apoiar outros para serem também eles missionários, onde quer que se encontrem, qualquer que seja a sua profissão e o seu papel na Igreja. Todos são convidados a reacender continuamente o fogo do serviço do Evangelho e da entrega à missão, vivendo esta atitude básica que nas palavras do XVI Capítulo Geral «é a de envolver outros, animá-los com o nosso entusiasmo e sermos animados por eles, na caminhada para o Reino, sem cair na tentação de querer controlar tudo ou pensar que podemos fazer tudo sozinhos»

Em Angola, em tempos de guerra civil, os verbitas nunca se cansavam em animar o povo angolano, incutindo neles a coragem e sobretudo a esperança de um futuro melhor exercendo assim uma verdadeira profecia no meio das populações sem voz nem vez.

1.1.3 Justiça e paz e Integridade da criação

As questões da justiça, da paz e da integridade da criação ganharam notoriedade na Congregação do Verbo Divino após o Concílio Vaticano II e foram assumidas como uma das suas prioridades pelo XII Capítulo Geral, em 1982. As preocupações

subjacentes a esta dimensão sempre estiveram presentes na história da SVD, nomeadamente através da luta contra toda a espécie de carências e da promoção de meios para criar melhores condições de vida para as populações, promovendo a educação, a saúde, o progresso e o desenvolvimento dos povos. Contudo, a mentalidade dominante no serviço missionário era de cariz predominantemente assistencialista.

Nesta matéria é de suma importância a const. 112, ao colocar os pobres e os oprimidos no centro da missão. A preocupação pela integridade da criação será introduzida mais tarde, acompanhando a crescente tomada de consciência da humanidade pelos problemas do meio ambiente e da ecologia.

O documento «A SVD e o seu compromisso em favor dos pobres, no desenvolvimento, na justiça e na libertação», que o Generalato publicou em 1981, é um marco fundamental na consolidação desta dimensão característica.

Fundamentando-se na Sagrada Escritura, o documento advoga o compromisso em favor de um desenvolvimento humano integral; assume a opção preferencial pelos pobres e defende uma espiritualidade encarnada que requer o desprendimento de si próprio e uma alteração das posições sociais e culturais.

Ainda que o Reino de Deus não possa identificar-se jamais com nenhuma libertação histórica, o documento afirma que os missionários do Verbo Divino acreditam que o Reino se manifesta nelas na medida em que humanizam a vida, promovem uma genuína fraternidade, encorajam e facilitam a participação civil e promovem a causa da justiça.

A JPIC, enquanto dimensão característica, é vivida e traduzida em muitas iniciativas concretas da missão em favor dos pobres e dos mais desfavorecidos. O XV Capítulo Geral, na terceira secção da Declaração do Capítulo, seleccionou algumas iniciativas que espelham a resposta missionária verbalizada nesta matéria: combater o racismo na Congregação e na sociedade, trabalhar pela preservação do meio ambiente, defender os direitos da mulher e lutar pela igualdade entre mulheres e homens, responder à situação dos migrantes, deslocados e refugiados, apoiar as vítimas da SIDA e promover a cultura da vida. Contudo, parece-nos que, quer o XV Capítulo Geral quer, depois, o XVI Capítulo, quiseram salientar que esta dimensão é mais do que uma série de gestos pontuais em favor dos mais desfavorecidos ou acções destinadas a remediar

situações de indigência e opressão. Para além das intervenções no terreno, urgentemente necessárias, a missão deve estar marcada por uma atitude permanente de compromisso com a transformação da sociedade e do mundo, analisando estruturas injustas, combatendo as causas que geram desigualdade e marginalização, promovendo a dignidade humana, bem como a preservação do meio ambiente, em vez de ficar calados perante as tragédias humanas e as violências à natureza que afligem o nosso mundo.

Nesta dimensão da *Justiça e Paz e Integridade da criação*, os missionários do Verbo Divino trabalhando em Angola em tempo de guerra civil alarmante, fundaram o Centro de Acolhimento de Crianças de Rua, chamado Centro de Acolhimento Arnaldo Janssen.

1.1.3.1 Centro de Acolhimento Arnaldo Janssen em Luanda

O centro de acolhimento “Arnaldo Janssen (C.A.C.A.J)” é uma instituição filantrópica sem fins lucrativos, existe desde 1993, criado na solidariedade social, trabalhando fundamentalmente para promover a vida e a divulgação dos direitos das crianças, com vista à sua autonomia e reintegração social, profissional e familiar.

O Centro Arnaldo Janssen foi inaugurado durante a guerra civil em Angola, pelo Padre Horácio da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. O objectivo era, acolher as crianças que estavam a viver nas ruas da cidade de Luanda e àquelas vindas das províncias do interior, vindas das províncias, após o reinício da guerra em 1993.

O Centro iniciou na Ilha de Luanda, onde as crianças estavam agrupadas. Com a cedência de um terreno, pela Arquidiocese de Luanda, que foi possível em 1994, o estabelecimento de um centro actual com melhores condições. O objectivo do centro tem sido consistente ao longo dos anos, embora o grupo alvo das crianças tenha evoluído.

O centro de acolhimento Arnaldo Janssen está localizado na província de Luanda, Município do Kilamba Kiaxi, no bairro Palanca, na estrada direita do Sanatório. Geograficamente falando o centro de acolhimento Arnaldo Janssen é limitado á norte pelo super mercado Shoppritt e a estrada direita de Catete, a sul encontramos a UCAN, o IDBES e o hospital Sanatório, a leste encontramos o mosteiro das irmãs Clarissas, a casa paroquial de São Lucas pertencente aos frades menores e a oeste está a casa de formação dos missionários do Verbo Divino, a paróquia de São

Lucas e o bairro do Palanca. Socialmente o local onde nos encontramos, depara-se com muitas dificuldades, falta de água potável, energia eléctrica, poucas instituições de ensino e instalações hospitalares, carência de saneamento básico, e muita diversidade cultural (língua), notamos mais instalações religiosas. Todos estes aspectos dificultam o nosso trabalho educativo.

Os munícipes do Kilamba Kiaxi de modo particular os residentes no bairro Palanca, culturalmente falando são na sua maioria de origem Bacongo. Os Bacongos como sabemos é um grupo composto por oito povos: os Xikongos, Susso, Zombo, Sorongo, Iaca, Congos, Pombos e os Sucos. Relacionados entre si, ocupam as províncias de Cabinda, Uíge e Zaire. Este grupo é também encontrado nas seguintes repúblicas: Congo brazaville e Congo democrático. Eles têm uma agilidade na prática da agricultura e do comércio. Apesar de ser um grupo agricultor, esta actividade não é praticada no Kilamba Kiaxi concretamente no Palanca devido à carência e à escassez de terreno ou seja pela ausência de latifúndio. Por esta razão o comércio é mais vivenciado e com maior percentagem afim de obterem o sustento familiar. Este tipo de comércio é feito em pequenas barracas, cantinas, pequenas lojas comerciais, praças, restaurantes e pensões. As línguas mais faladas são: Kikongo, Francês e Lingala. Não devemos esquecer também a língua mais comum que é o português.

Além dos Kikongos, o município do Kilamba Kiaxi e concretamente o bairro Palanca alberga também os Kimbundu e os Umbundu que são representados em pequena percentagem. Kilamba Kiaxi é um município que acarreta consigo uma densidade populacional elevada onde podemos encontrar uma grande massa de jovens desempregados, e boa parte de crianças, adolescentes e jovens.

Algumas famílias são desestruturadas, as crianças têm pouco contacto com seus pais, e como ouvimos dizer a família tem um papel chave na construção da personalidade que se realiza primordialmente na infância. Um outro fenómeno semelhante é o da separação dos pais, que desde o ponto de vista do psicológico tem implicações negativas no desenvolvimento infantil. Muitas crianças deste município vivem simplesmente com as suas mães, faltando-lhe a afectividade paterna.

O analfabetismo é um outro grave problema que encontramos neste município, embora o ministério da educação tenha se esforçado em diminuir o índice de

analfabetismo, ainda se encontram muitas crianças fora do sistema de ensino-aprendizagem.

Também há poucas condições de saúde nos poucos hospitais existentes no Kilamba Kiaxi como é o caso do hospital Sanatório, o hospital do avô Combi etc., é bastante fácil imaginar no número de crianças, mulheres grávidas e outros que morrem por insuficiência de medicamentos e pouca assistência médica.

Há poucas áreas de lazer, sem campos desportivos, biblioteca, livrarias, Shopping etc. apesar destas dificuldades os jovens estão mais inclinados na praticidade e na apreciação do desporto (futebol) praticado nas ruas, como o divertimento mais favorito dos mesmos tendo como clube de futebol preferido o Cabo Scott do Palanca.

Encontramos também algumas universidades, faculdades e diversas escolas entre as quais destacamos: a UCAN, a UTANG, o IDBES e várias escolas do ensino primário, secundário, e ensino médio.

Como é do nosso conhecimento, trabalhar com crianças e jovens é uma situação difícil, que recorrem a rua em busca da sobrevivência devido a guerra civil, vítimas de violência familiar, pobreza extrema, tortura por acusação de prática de feitiçaria. Ao fundar este centro de acolhimento das crianças de rua em tempos de guerra, os missionários verbitas de Angola tinham como objectivos e missão:

- Promover a vida e os direitos da criança, tendo em vista a sua autonomia e reintegração nas famílias e na sociedade;
- Despertar na criança, jovens, família, comunidade, os sentimentos de autoconfiança que os estimulam a progredir;
- Sensibilizar as crianças, jovens e as famílias sobre a vida e o respeito pela dignidade humana.
- Garantir a formação académica, profissional, ética ou moral, social e religiosa das crianças e jovens
- Garantir a primeiro emprego e sua reinserção útil na família e na sociedade

Com a criação deste centro, uma das principais finalidades dos Missionários do Verbo Divino em tempo de guerra civil em Angola, foi trabalhar no amor e respeito dos

direitos humanos, tratando as crianças como cidadãos, com dignidade e filhos de Deus. Por isso, um dos trabalhos dos verbitas era localizar as famílias das crianças e com elas fazer os trabalhos sociais de casa e o trabalho comunitário que os ajude a encontrar respeito as necessidades reais segundo a problemática da criança e da família.

Na resenha histórica do centro, existem quatro (4) fases que é fundamental mencionarmos para termos uma ideia geral como surge a criação deste centro de crianças de rua em tempos de desastrosa guerra civil em Angola¹⁵¹:

1ª- Fase: tivemos o primeiro contacto com as crianças de rua no mês de Maio de 1993, foi um impacto vê-las sentadas a volta da fogueira, fervendo em latas os restos de comida recolhida do lixo, vimos feridas ulcerosas, ouvimos histórias tristes sobre as famílias deles, mortes, perseguições, saudade dos pais, irmãos, da terra. Lembraram os contos e choravam enquanto contavam. Sentimos a dor. Sentimos as necessidades. Reunimos assim uma equipa de voluntários, reflectimos e iniciamos o atendimento às crianças. Os primeiros passos eram jogos, curativos e um pouco de comida.

2ª- Fase em Junho de 1993, com autorização do governo provincial e do INAC formam um acampamento na ilha de Luanda onde atendíamos 400 crianças, além daquelas espalhadas pelas ruas de Luanda (mais de 350). Reflectimos e formamos o objectivo geral do projecto educativo: promover a vida e os direitos das crianças tendo em vista a sua autonomia e reintegração nas famílias e na sociedade.

Desde o início o PAM fornecia apoio alimentar para três (3) refeições diárias no acampamento da ilha, e uma (1) refeição, distribuída à noite, para as outras crianças que estavam na rua. No acampamento tínhamos um programa de alfabetização, moral e cívica, recreação e desporto.

3ª- Fase: sendo a ilha de Luanda um lugar turístico inadequado para o trabalho com crianças, decidimos mudar no dia 28 de Julho de 1994 para o acampamento do bairro do Palanca num terreno oferecido generosamente pelo Cardeal Dom Alexandre do Nascimento e equipado em principio pela ONG britânica OXFAM.

Nesta fase constatamos com a ajuda do PAM e outras ajudas espontâneas como: caritas, Unicef, Melo Xavier. Naquela altura o centro albergava 700 crianças, viviam em

¹⁵¹ Dados extraídos dos arquivos do Centro de Acolhimento Arnaldo Janssen em Luanda na zona do Palanca em 2011.

tendas, com cozinha e refeitório improvisados. Escritórios, enfermaria e armazenamento funcionava nos contentores.

A lama, os mosquitos, as doenças contagiosas e a insegurança desafiavam esta fase do projecto educativo que durante três anos, onde todas as crianças foram alfabetizadas e mais tarde conseguiu-se matrículas na escola do governo, ensinava-se moral e cívica e religião. As crianças foram registadas e receberam as suas cédulas. Elaborou-se as fichas pessoais com utilidade para localização familiar.

4ª- Fase: em Setembro de 1996 iniciou-se a construção do Cento actual financiado por Bristish Petroleum e conta com: 3 pavilhões de dormitórios, com casa de banho e duches, com um total de 192 camas, 1 refeitório para 500 crianças, 1 cozinha, 1 lavandaria, 4 salas de formação profissional (serralharia, marcenaria, estofas e electricidade).

A construção do pavilhão de administração e centro de saúde teve início em 1997 e foi financiado pela cooperação portuguesa e do Ministério de energia e água recebemos a instalação gratuita de um PT com um transformador de 50 KVA, inclusive o consumo de energia e água por tempo do seu mandato, Sonangol distribuidora e British Petroleum, financiaram a construção dum reservatório de água de 300.000 litros.

O centro conta com: três pavilhões de dormitório, com casa de banho e duches, com um total de 192 camas, um refeitório para 500 crianças, uma cozinha, uma lavandaria, quatro salas de formação profissional (serralharia, marcenaria, estofas e electricidade). um Pavilhão de administração, um centro de saúde, um PT com um transformador de 50 KVA, e um reservatório de água de 300.000 litros.

1.1.3.2 Plano de oferta formativa do Centro de acolhimento Arnaldo Janssen

Formação Educacional: o centro ajudava e ajuda as crianças a conseguir uma matrícula nas escolas do estado, isto é, fora do centro. Os alunos da 1ª á 9ª têm semanalmente como disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Ciências da Natureza, História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Educação Manual e Plástica, Educação Musical, Física, Química, Biologia, Inglês, E.V.P e Educação Física. Para as crianças que chegam no meio do ano lectivo, a estas assim como as

outras crianças, recebem o benefício de uma explicação dada pelos professores formados, que correspondem a uma (1) a seis (6) crianças. Isto é essencial porque a maioria das crianças têm um atraso escolar (idades por classes) e muitas dificuldades.

Formação Profissional: nas oficinas, onde aprendem a mecânica, a marcenaria, a electricidade, carpintaria, pedreira e as artes plásticas etc. Também há um enquadramento de alguns jovens em empregos nas grandes empresas, especialmente na Teixeira Duarte.

Formação Religiosa: o Centro além da formação educacional e profissional que dá aos rapazes, oferece também todos os sábados a catequese e uma formação religiosa, que são ministrados pelos seminaristas do Verbo Divino.

Para além disso, o centro oferecia algumas actividades extra-escolares: desporto, natal da criança, festas alusiva aos dias: um (1) de Junho e dez (10) de Dezembro.

1.1.3.3 Formação Contínua dos Professores.

Os professores têm feito um ensino especial e uma formação pedagógica dada pelo Ministério da Educação e pelo centro de acolhimento Arnaldo Janssen.

A comunidade educativa do Centro de Acolhimento de crianças, tem como estilo educativo obviamente as ideias de Santo Arnaldo Janssen fundador dos missionários do Verbo Divino isto para se atingir uma formação integral, abrangendo assim a dimensão religiosa. Santo Arnaldo Janssem concebe a educação como um processo de desenvolvimento da pessoa em todas as suas potencialidades, tanto na sua dimensão individual como social e religiosa, dizendo mesmo que “a melhor alegria que podermos dar aos homens de hoje é levar-lhes a Boa Nova de Jesus Cristo”.

1.1.4 Papel dos verbitas na construção de uma Angola democrática, justa e de paz

Os verbitas em Angola, contribuíram também para a construção de uma Angola democrática, justa e de paz.

1.1.4.1 Prisão e libertação do P. Konrad Liebscher SVD

O P. Konrad Liebscher, verbita alemão, foi preso a 25 de Maio de 1996, em Luanda, evento que se tornou um dos acontecimentos mais mediatizados dos últimos tempos, em Angola¹⁵².

Chegado a Angola em 1986, era um missionário próximo dos pobres, com quem partilhava a vida e as preocupações. Em Luanda, percebeu que a situação económica e social das pessoas dos musseques com quem o P. Konrad trabalhava, se tornava insustentável. Optou por não continuar calado e de braços cruzados diante de tanta miséria e de tanta corrupção. Consciente dos riscos que corria, colocou no vidro do carro slogans a denunciar a situação, a enfrentar a intimidação reinante e a apelar para uma manifestação pública, a que chamou “festa da consciencialização”.

Foi, segundo o *Jornal de Angola*, (...) detido em flagrante, numa altura em que espalhava pela capital uma mensagem de contestação e revolta popular, sustentada nas dificuldades de ordem sócio-económica enfrentadas pela população¹⁵³. A notícia da sua prisão foi considerada tão importante pelo regime que teve honras de “Editorial” no JA, a 31 de Maio, lido também na TPA. A seguir, vêm notícias do julgamento do “Barbas” sobre quem pende a acusação de prática de crime de subversão.

Depois, assumida a gravidade do delito, segue o discurso de empurrão da Igreja para a sacristia: «Este episódio de luta panfletária assumida por um padre chegado a Angola para pregar o Cristianismo, não pode, na verdade, deixar de ser interpretado como uma indesejável incursão num campo de estrita responsabilidade dos angolanos»¹⁵⁴.

Após estas considerações sobre as áreas de intervenção da Igreja, o Editorial explica aos Bispos e Padres que a vocação da Igreja é pregar o amor e a concórdia, a união e a paz, missão que o Padre Barbas não cumpriu. E o JA mostra-se triste porque, desta forma, o padre desferiu um rude golpe à sua própria Congregação e à Igreja: «Incorreu, na verdade, numa iniciativa que em nada dignifica a Igreja Católica, ela que

¹⁵² Cf. Comissão Justiça e Paz da CEAST, 1996, pp.20-21.

¹⁵³ Cf. *Jornal de Angola*, 1996, p.1.

¹⁵⁴ IDEM p.1.

tem sabido conduzir-se por pautas onde não cabem o imiscuir-se nas questões do foro estritamente governamental». ¹⁵⁵

Em jeito de ameaça, o Governo promete resposta enérgica contra atitudes de nítida subversão, como estas do P. Konrad, (...) «porque, antes de tudo, está a salvaguarda da soberania, a ordem pública e o respeito pelas instituições» (Ibidem, p. 1). O povo de Luanda acompanhou de perto este julgamento que se concluiu com a condenação do P. Konrad, a 3 de Junho, a um mês de prisão, com pena suspensa.

A primeira reacção oficial da Igreja foi feita pelos Padres de Luanda, em comunicado conjunto, datado de 1 de Junho, numa resposta, linha a linha, ao Editorial do JA e TPA, divulgado na véspera. O Presbitério de Luanda considera que o povo foi mal informado sobre o caso do P. Konrad. Lamenta que ele tenha sido condenado antes de julgado e ouvido, o que contraria a ética jornalística que também é violada pelo tom agressivo e pelos exageros que se encontram no texto.

Os Padres de Luanda, embora possam discutir a oportunidade da iniciativa do P. Konrad, estão solidários com ele na denúncia da situação dura da vida do povo. Condenam as interpretações que o Editorial faz: « (...) acrescentando-lhe intenções e dimensões que não estão na realidade dos factos: falar no presente caso de atitude panfletária e de subversão ou de revolta popular, é ofensa tanto à verdade como à pessoa em referência» ¹⁵⁶.

Em relação ao P. Konrad, os seus colegas de Luanda defendem o seu curriculum de missionário ao serviço dos pobres:

« Dos 10 anos que leva em Angola, na missão do Tomboco e em Luanda, o P. Konrad tem boa folha de serviços. É um homem do povo e para o povo, no sentido forte da expressão. Em ambiente de guerra e de confrontos repetidos no Tomboco, ele e outros missionários não arredaram pé da sua Missão, ficando com o povo, enquanto outros se puseram logo a salvo» ¹⁵⁷.

E os colegas padres ainda atacaram o Editorial, por ele não aceitar que a Igreja interviesse ao serviço da justiça e da verdade, em defesa do bem comum, como o fez o P. Konrad.

¹⁵⁵ IDEM p. 1.

¹⁵⁶ Cf. Carta do Presbitério de Luanda, 1996, nº3.

¹⁵⁷ Presbitério de Luanda, nº4.

Finalmente, o texto evoca o Editorial publicado em 1989, com o mesmo teor, naquela altura a contestar o apelo da CEAST à liberdade e à democracia. Concluem os padres: «Verificamos, com pesar, que os reflexos mentais de algumas pessoas ainda não evoluíram suficientemente desde esse tempo para cá. E cabe perguntar: que intenção estará por detrás da tomada de posição deste Editorial de 31 de Março?»¹⁵⁸.

Este comunicado foi lido em todas as Missas na Arquidiocese de Luanda. A tinta continuou a correr e, a 11 de Junho, a Comissão justiça e Paz da CEAST, publicou um longo texto sobre a “Detenção e Julgamento do P. Konrad Liebscher”. Começa com o elogio dos compromissos solidários deste missionário verbita e explica o que ele fez, ao constatar a miséria progressiva do povo, em contraste com a opulência de alguns: preparou cartazes, distribuiu-os e apelou à participação numa festa de “consciencialização”, traduzida numa manifestação: «todos juntos, sem armas, sem confusão, de mãos dadas, talvez com lenços e flores, dançando e cantando, dessem a conhecer que não podemos continuar assim. Festa da Consciencialização. Você está convidado a participar. Vamos acordar os nossos responsáveis!»¹⁵⁹.

O Padre foi detido perto de Roque Santeiro, o grande mercado de Luanda. Inicialmente, o missionário foi acusado de ter cometido um crime contra a segurança do Estado. A defesa demonstrou que uma folha assinada não é um panfleto e que não houve provocação, mas apenas a expressão de uma opinião sobre a situação das populações. O julgamento só terminaria a 3 de Junho, com a condenação do padre «a um mês de prisão com pena suspensa por um período de dois anos e ao pagamento de uma multa de 90 mil kwanzas reajustados»¹⁶⁰.

Muitas pessoas apoiaram o padre, sendo pequena a sala do julgamento, ficando muita gente fora, fazendo festa quando o missionário foi libertado. Não fez declarações à saída, mas disse mais tarde: «continuo convencido ter agido dentro da lei. Desde o início, foi minha intenção alertar para a exiguidade dos salários e a precariedade das condições de vida da maioria da população»¹⁶¹.

Fernando Martins, no “Correio da Semana”, semanário luandense, escreveu uma crónica sobre este caso onde ele ironiza insinuando que não percebe porque é que o P.

¹⁵⁸ Presbitério de Luanda, nº6.

¹⁵⁹ Comissão da Justiça e Paz da CEAST, 1996, p.20.

¹⁶⁰ IDEM p. 21.

¹⁶¹ IDEM p. 21.

Konrad foi preso por ter cometido um crime contra a segurança do Estado só por dizer o que toda a gente sabe e sente, que a situação está feia, que os salários não servem para nada. Citou passagens bíblicas onde se diz que os cristãos são como ovelhas enviadas para o meio de lobos, concluindo:

«Foi o que aconteceu ao discípulo Barbas, hoje santificado e transformado em herói pelos fiéis da paróquia de Cristo-Rei. Cá para mim, não restam dúvidas, o homem é mesmo um herói. Aquela calma, a confirmação, sem pestanejar, de todas as acusações que sobre ele pendiam, a evocação aos pobres e aos necessitados, até me fazem reavivar o velho sonho»¹⁶²

Lá mais para a frente, dá para perceber o título do artigo:

«Quem me dera ser padre!». É que, quando era miúdo, quis ser padre e, depois de acompanhar este caso, o sonho de criança renasceu: «chamem-lhe panfletário, revolucionário, agitador de massas. O que fez o P. Konrad foi tão-somente um acto de supremo humanismo, diante de tanta miséria e desgraça com que diariamente convive, em absoluto contraste com o luxo de uns quantos»¹⁶³.

Estranhou a muita gente o silêncio com que a hierarquia Católica rodeou todo o processo. O Comunicado dos Padres tentou esclarecer que o Cardeal Nascimento queria acreditar na imparcialidade e discernimento dos Juízes angolanos, reservando-se o direito de intervir após a sentença, se parecesse necessário. Tal não viria a acontecer¹⁶⁴.

Fonseca Bengui, do jornal luandense “Correio da Semana”, tirou as “conclusões”: «O julgamento do padre alemão comoveu a opinião pública nacional e está a ser visto como um precedente na tomada de consciência dos angolanos para reivindicar os seus direitos»¹⁶⁵. Com esta posição de força tomada pelo P. Konrad e com o resultado mediático da sua libertação, a esperança dos angolanos saiu reforçada.¹⁶⁶

À semelhança do Povo de Israel na escravidão no Egipto, que clamava por um libertador, no meio de tanto sofrimento e humilhação (Êx. 3,7), o Povo angolano clamava pela libertação humana das grandes vicissitudes e calamidades que o afligiam no seu quotidiano. Sentia-se estrangeiro no seu próprio país. Neste contexto, a situação

¹⁶² MARTINS, 1996, p.9.

¹⁶³ IDEM p. 9.

¹⁶⁴ Cf. Presbitério de Luanda, 1996, Introdução.

¹⁶⁵ Cf. BENGUI, 1996, p.2.

¹⁶⁶ cf. TONY NEVES. 1996, pp.543-552.

do Povo angolano foi comparada àquela descrita pelo Evangelho, do homem que descia de Jerusalém para Jericó que caiu nas mãos dos salteadores. Tendo-o espancado e extorquido de todos os seus haveres, foi deixado abandonado e quase sem vida nem assistência. E muitos que por aí passaram, não fizeram conta da situação, passaram adiante (cf. Lc 10,30-37).

Em modo de conclusão, podemos salientar que P. Konrad Ouviu o apelo do Sínodo dos Bispos Africanos a este respeito de que a Igreja em África deve testemunhar a presença de Cristo no meio das comunidades africanas trabalhando também pela promoção da justiça e da paz e da solidariedade, uma vez que o Evangelho que ela prega é uma Boa Nova que contempla o homem em todas as suas dimensões: antropológica, histórica e cultural.

1.1.4.2 Raptos dos missionários verbitas

Um dos momentos particularmente difíceis, mesmo dramático, deu-se aquando do rapto dos missionários SVD e das irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, da missão de Kacolo, no leste de Angola, em Dezembro de 1983, e do seu subsequente longo calvário, através das florestas do interior de Angola até a Jamba onde estava Savimbi a caminho da África do Sul.

Decorreram meses sem qualquer notícia dos missionários, esta equipa verbita de raptos era formada pelos padres Miguel Yasis, filipino, Cristóvão Lukoszczyk, polaco e o Ir. Dorvalino Cantelli, brasileiro.

Com mais de sete décadas de vida, o Ir. Dorvalino Cantelli continua activo em Angola. É hoje em Angola, o único representante do grupo de missionários verbitas que participou na odisseia do rapto e da marcha forçada através da mata virgem do interior de Angola.

Felizmente, passado tempo e muitas vicissitudes, as coisas normalizaram e o trabalho missionário pôde prosseguir a bom ritmo, tanto no interior do país como na capital Luanda e arredores.

1.1.4.3 Depoimento do irmão Dorvalino Cantelli SVD nas matas de Kacolo

Com o Ir. Dorvalino Cantelli,, e ao lado de vários sacerdotes, trabalham outros irmãos SVD. Passamos aqui um simples testemunho do Ir. Dorvalino Cantelli nas matas de Kacolo onde esteve raptado:

«Trabalhei em Luanda, Catete e Kacolo. No dia 18 de Dezembro de 1983, fui raptado pela UNITA, juntamente com dois padres do Verbo Divino e cinco irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Durante a noite, cerca de 500 soldados entraram em Kacolo soltando tiros, lançaram granadas e bombas». No dizer do ir. Dorvalino, uma chuva de violência. De seguida, os soldados da UNITA deram-nos dois minutos para apanharmos as nossas coisas. Da nossa casa, fomos até à casa das irmãs, que se juntaram a nós e aos soldados da UNITA. Nós os oito raptados, acompanhados de 50 soldados, percorremos 300 quilómetros em fila indiana. Só parávamos para comer e dormir»¹⁶⁷.

Segundo o Ir. Dorvalino Cantelli, a viagem demorou 33 dias e o rapto 4 meses e uma semana, de 18 de Dezembro de 1983 a 26 de Abril de 1984. Não ficámos um só dia sem missa, o altar era uma toalha de banho estendida no chão, eu emagreci 12 quilos e a irmã Dominina 19, mas todos emagreceram felizmente ninguém ficou doente. Fomos libertados através da Cruz Vermelha e levados para Joanesburgo, na África do Sul e de lá para Roma. O Pe. Cristóvão e o Pe. Miguel ficaram na Itália e eu fui para Portugal trabalhar na animação missionária e na educação. Em Setembro de 1988 quando as coisas normalizaram, voltei para Angola.

Nesta fase, o meu trabalho aqui tem sido na construção: casa de formação das irmãs Escravas da Eucaristia e da Mãe de Deus, capela de Nossa Senhora da Esperança, capela de Santa Madalena hoje Paróquia, capela de Nossa Senhora Aparecida, capela de Nossa Senhora da Mãe de Angola e muitas outras.

2. Contributo da SVD na saúde

No campo da saúde, o empenho da congregação dos missionários do Verbo Divino em Angola não foi menor. Os verbitas deram em tempos de guerra civil o seu contributo na saúde, através da construção de um centro médico no município de Cacuaco, província de Luanda, na localidade de Kifangondo.

¹⁶⁷ Memórias do irmão Dorvalino nas matas de Kakolo.

2.1 Centro médico de S. Lucas em Kifangondo

O centro médico de saúde de S. Lucas é fruto do trabalho do padre Andrzej Fecko SVD e recentemente do padre Emil Kalka ambos verbitas polacos, foi inaugurado em 1996 ainda em plena guerra civil angolana e neste dia passou a providenciar assistência aos habitantes de Kifangondo e outras localidades do município de Cacuaco, situado a mais de 20 kms da cidade de Luanda.

A maioria dos pacientes do centro médico, são pessoas atingidas pela pobreza que sofrem de muitas doenças graves e crónicas. O centro médico de saúde de S. Lucas tem uma experiência considerável no tratamento da malária, tuberculose e HIV / AIDS.

A partir de 2004, o centro médico de S. Lucas teve a colaboração do Ministério polaco dos Negócios Estrangeiros e da Embaixada da Polónia em Luanda, no âmbito do programa “Cooperação polaca”. Graças ao financiamento polaco, as instalações do centro foram estendidas, reabilitadas e equipadas com alguns equipamentos de diagnóstico de alguns anos atrás. No momento, a maior parte deste equipamento está ultrapassada e precisa ser renovada.

Vê-se imediatamente as más condições de trabalho do centro. No entanto, o padre Kalka tem feito diariamente um esforço extraordinário e todos os funcionários que com ele trabalham, para ajudar seus pacientes muito pobres e extremamente pobres, com equipamentos escassos e desactualizados.

Em tempos de guerra civil, os missionários do Verbo Divino apostaram neste centro médico como uma forma de ajudar as populações mais carenciadas do município de Cacuaco e arredores.

Onze anos de trabalho em favor dos doentes na região. Iniciámos com sete funcionários, agora temos 37, vê-se crescimento da obra e a necessidade dos verbitas estarem aqui. Graças a toda equipa do São Lucas, todos funcionários, que sempre se dedicam a este serviço. Os momentos mais importantes no crescimento deste centro eram os seguintes:

- 1998 – Iniciamos com segunda fase da construção que é o internamento ainda com financiamento da parte da empresa TEXACO
- 2005 – gabinete medico, sala de reuniões

- 2007 – um pavilhão destinado para os doentes de SIDA e tuberculose.

Entretanto estamos a colaborar com o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais da Polónia, tendo a presença dos médicos. Um importante passo foi a entrada no Plano Nacional de Luta contra SIDA e Tuberculose em 2005, como também a colaboração com a Faculdade de Medicina da UAN em Luanda.

Infelizmente os nossos funcionários até agora não receberam o salário da parte do Ministério de Saúde, que foi prometido em 2005. Há três anos que estamos a receber uma ajuda financeira da parte de Governo Polaco, o dinheiro esta destinado à compra de medicamentos, reagentes, equipamento e assegura a vinda dos médicos especialistas para o nosso centro.

Foi em Junho de 1998, ainda em plena guerra civil, que surgiu a ideia de criar um espaço físico, destinado somente para os doentes de SIDA, naquele altura não tivemos suficiente dinheiro para realizar este sonho, mas a ideia estava crescendo,

Surgiu uma situação em que Sr. Embaixador da Polónia nos apresentou uma possibilidade de obter um financiamento para este projecto e assim que foi realizada esta ideia. Em Novembro contactamos uma empresa construtora e em Dezembro iniciaram a obra, que foi terminada nos meados de Abril do ano seguinte.

O pavilhão ainda não está equipado em 100% e mobilado, mas temos fé e esperança que nos próximos anos conseguiremos fazê-lo. O próprio espaço destinado aos doentes de HIV/SIDA está composto de sala de internamento para 6 camas, armazém, uma sala, laboratório e consultório de tuberculose.

Este centro médico foi uma peça fundamental em tempos de guerra civil nos arredores da capital Luanda e concretamente no município de Cacuaco porque ajudou e tem ainda hoje as populações flageladas pela guerra civil, as populações pobres e mais vulneráveis do país.

3. Padre António Francisco Jaca SVD e a Comunicação Social

O Fundador da Congregação do Verbo Divino, Arnaldo Janssen, utilizou massivamente os meios de comunicação mais importantes do seu tempo, fundando e dirigindo revistas para divulgar a obra missionária. Em 1869, foi nomeado director diocesano do Apostolado da Oração da diocese de Münster. A fim de mais facilmente

difundir a obra, atingir um público mais vasto e prover o povo católico com instrumentos de oração, publicou uma série de pequenos opúsculos de carácter religioso.

Em 1873, deixou o cargo de professor e mudou-se de Bocholt para Kempen para se dedicar a tempo inteiro ao trabalho do apostolado da oração. Em Kempen, uma das suas primeiras decisões foi fundar uma revista mensal de cunho missionário, a que deu o nome de *Kleiner Herz-Jesu-Bote* (Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus). Janssen era o proprietário, o director e o redactor. O primeiro número saiu em Janeiro de 1874 e, segundo Arnaldo Janssen, o seu objectivo principal era informar sobre as missões católicas do interior e do exterior de forma clara e estimulante. Os números seguintes iriam dar cada vez mais relevo à missão exterior, como então também se chamava à missão entre os povos pagãos. Esta revista tornar-se-ia um dos instrumentos mais importantes na campanha de mobilização dos católicos alemães para a fundação de uma casa missionária destinada a formar missionários para a missão *ad gentes*.

Arnaldo Janssen foi um exímio agente dos media do seu tempo, utilizando-os para promover o ideal missionário e angariar fundos para as missões. No primeiro ano de existência da Congregação, fundou uma tipografia em Steyl, e em 1877 iniciou a publicação de uma nova revista, de periodicidade semanal, intitulada *Stadt Gottes* (Cidade de Deus).

Em 1906, apareceu o primeiro número da revista científica *Anthropos*. Fundada por W. Schmidt, a revista tinha como objectivo publicar artigos na área da etnologia, filologia e antropologia dos povos onde os missionários trabalhavam. Esta revista e o trabalho de investigação a ela associado constituíram o núcleo do futuro Instituto *Anthropos*, que viria a congregar um brilhante grupo de missionários antropólogos e etnólogos em Mödling (Viena). A abundante correspondência epistolar de Arnaldo Janssen com os missionários da Congregação espalhados pelos vários continentes testemunha a importância que dava ao contacto pessoal com os seus colaboradores e ao intercâmbio de informação.

No campo da comunicação deu-se um notável desenvolvimento e, hoje, esta dimensão pauta-se por uma enorme variedade de campos e de técnicas, da imprensa à televisão, da rádio à Internet, sem esquecer a comunicação interpessoal e comunitária. No seguimento das iniciativas e das atitudes do seu Fundador, a Congregação do Verbo

Divino sempre encorajou a utilização dos meios de comunicação social em prol da evangelização e, por isso, esta matéria tem sido um assunto recorrente na sua reflexão.

Os meios de comunicação social, articulam-se com outras áreas da missão, nomeadamente o anúncio do Evangelho e a promoção da justiça e da paz e incentiva a formação específica em todos os domínios da comunicação.

Em Angola em tempos de guerra civil, os verbitas nomeadamente o Pe. António Jaca SVD, antigo provincial da Congregação verbita em Angola, hoje primeiro bispo verbita angolano, trabalhou durante muitos anos como director executivo da emissora católica de Angola, a *Rádio Ecclesia*, onde foi durante muito tempo uma peça fundamental da emissora Católica de Angola.

4. Contributo dos verbitas na Educação

4.1 Padre António da Torre como Vice-Reitor da UCAN

No sector da educação, os verbitas em Angola deram o seu contributo na criação e na gestão da Universidade Católica de Angola. Um dos missionários verbitas, foi o vice-reitor da Universidade Católica de Angola desde a sua criação 1999 até 20014. Trata-se do Pe. Doutor Antonio da Torre SVD, missionário português em terras angolanas desde 1985.

O Pe. António da Torre nasceu na freguesia de Amorim, em Portugal, Concelho de Póvoa de Varzim, no distrito do Porto. Foi ordenado sacerdote em 1967. Fez os estudos filosófico no instituto dos frades Dominicanos em Fátima. Licenciou-se em teologia no *Studium Theologicum de S. Agustin* na Alemanha e doutorou-se em teologia dogmática na Pontifícia universidade gregoriana de Roma. Depois de muitos anos de missão no Brasil, vai para Angola para trabalhar como educador. Em Angola, foi professor de diversas cadeiras no Seminário maior de Luanda, ecónomo provincial da Congregação do Verbo Divino em Angola e posteriormente foi chamado por Sua Excelência Dom Damião António Franklin de feliz memória, arcebispo metropolitano de Luanda para assumir o cargo de vice-reitor da então criada Universidade Católica de Angola onde também foi coordenador da cadeira de Metodologia do Trabalho Científico.

A UCAN, Universidade Católica de Angola, nasceu a 22 de Fevereiro de 1999, como primeira Instituição de Ensino Superior ministrado por uma instituição privada de Angola, sendo Dom Damião António Franklin, então arcebispo Metropolitano de Luanda, seu primeiro Reitor, e o reverendo Padre doutor Filomeno do Nascimento Vieira Dias, primeiro Vice-Reitor.

Quando a 11 de Novembro de 2005, Dom Filomeno do Nascimento Vieira Dias, primeiro Vice-Reitor foi nomeado bispo da Diocese de Cabinda, a sede de Vice-reitoria da UCAN ficou vacante. Para preencher esta vaga, foi nomeado pelo despacho nº1/2006, o reverendo Padre Antonio da Torre, da Congregação dos Missionários do Verbo Divino.

A Universidade Católica de Angola foi criada com o intuito de contribuir para o desenvolvimento dos serviços sociais, proporcionar educação aos pobres e formar bons professores e quadros para o País que mergulhou durante mais de três décadas numa guerra civil alarmante. Mas foi criada sobretudo para ser uma instituição consagrada à causa da verdade, à dignidade da pessoa humana e ao anúncio do Evangelho.

A UCAN (Universidade Católica de Angola) foi fundada com este propósito e, à semelhança de todas as outras Universidades e Instituições Católicas no mundo, para a materialização do desiderato da Santa Sé. A Universidade Católica partilha com todas as outras universidades, aquela *gaudium de veritate*, tão a gosto de S. Agostinho isto é a alegria de procurar a verdade, de a descobrir e de a comunicar como fez durante o seu mandato o Pe. António da Torre.

O Pe. António da Torre continuou a fazer sentir a presença e o impacto da UCAN no campo de ensino e da investigação científica, perante os enormes e preocupantes problemas da humanidade em geral e da sociedade e cultura angolana em particular, conservando enquanto Universidade Católica, aquela inspiração cristã, aquela reflexão à Luz do Evangelho e das orientações do Magistério Eclesiástico.

A Universidade Católica de Angola tem contribuído e deve continuar a contribuir para a construção e formação de quadros devidamente capacitados, com qualidades excelentes, facto muito importante neste período de grandes desafios concretamente ao desenvolvimento total deste amado País, dada a sua história selada com enormes sacrifícios de homens e mulheres de boa vontade.

Temos de considerar também o potencial económico da UCAN e ter em conta a sua projecção no âmbito internacional e no concerto das Nações. Além disso, cremos que esta Universidade poderá afirmar-se como sinal indelével e promissor da sapiência cristã e das virtudes morais, assim como dos valores e direitos humanos no coração da sociedade angolana.

5. Contributo dos verbitas a nível eclesial

Com o andar do tempo, apesar da guerra civil, e dentro da melhor tradição do Verbo Divino, a equipa missionária internacionalizou-se e os bons resultados começaram a aparecer. O ciclo formativo de candidatos à vida religiosa já há alguns que está completo. Felizmente têm surgido vocações, há sacerdotes, irmãos SVD nativos. Três missionários do Verbo Divino angolanos são hoje bispos em Angola. Trata-se de Dom *Antonio Francisco Jaca*, Dom *Zeferino Zeca Martins* e Dom *Estanislau Marques Chindekasse*.

5.1 Dom António Francisco Jaca SVD

O Santo Padre, o Papa Francisco, nomeou no dia 26 de Março de 2018 Dom António Jaca para Bispo de Benguela. O Prelado sucede assim a Dom Eugénio Dal Corso, que sucedeu a Dom Óscar no Governo Pastoral daquela Diocese costeira. Dom António Jaca torna-se assim no 4º Bispo da Diocese fundada em 1974, fundada por Dom Armando Amaral dos Santos, sucedido por Dom Óscar Braga em 1975, que resignou dando lugar a Dom Eugénio Dal Corso, que agora deixa a vaga para o recém-nomeado.

Dom António Francisco Jaca, nasceu em Malanje, no dia 3 de Novembro de 1963, é filho de Francisco Jaca e de Rosa António. Fez os primeiros votos Religiosos em 1987; ordenou-se presbítero em 1991. Desde 2002 desempenhava o cargo de Provincial dos missionários do Verbo Divino em Angola, tornando-se o primeiro bispo verbita, natural de Angola.

Aos seis dias do mês de Junho de 2007 foi nomeado Bispo da recém criada Diocese de Caxito, por Sua Santidade, o Papa Bento XVI, aquando da erecção daquela nova diocese, sendo o seu primeiro Bispo. Com a sua nomeação, a Congregação do Verbo Divino passou a contar com 51 bispos distribuídos pelas diversas dioceses em todos os continentes.

Dom Jaca de 1981 a 1984, frequentou os estudos filosóficos no Seminário Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, em Luanda. Em 1985, começou o Noviciado junto do Instituto dos Verbitas em Kinshasa (República Democrática do Congo) e, em 1987, emitiu os primeiros votos. Fez a profissão dos votos solenes em 1990, depois de ter concluído o Curso de Teologia no Seminário dos Missionários de Scheut (Teólogo Eugénio de Mazenot) sempre em Kinshasa.

Foi ordenado diácono em 1991 e, no mesmo ano, a 29 de Setembro, recebeu a ordenação sacerdotal em Malanje, pelas mãos de Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo Dom Eugénio Salessu, de feliz memória, então Bispo daquela diocese. Após a ordenação, foi enviado como vigário para a Missão Católica de NZeto, na Paróquia de Santo Estêvão, Diocese de MBanza Congo, onde permaneceu durante dois anos e meio, em plena guerra civil.

De 1994 a 1998, transferiu-se para o Canadá, onde obteve o Diploma em Ciências das Comunicações Sociais pela Universidade de St. Paul em Ottawa e, posteriormente, a Licenciatura pela Universidade de Montreal, em Quebec.

Regressado a Angola em 1999, foi nomeado Director da Rádio Ecclesia e eleito Vice-Superior Provincial da Congregação do Verbo Divino em Angola. Desde de 2002, exerce a missão de Superior Provincial dos Verbitas.

5.2 Dom Zeferino Zeca Martins SVD

Dom Zeferino de 52 anos de idade é o segundo Bispo verbita angolano e o primeiro dos bispos a ingressar directamente no seminário do Verbo Divino em Luanda aos 14 anos de idade. Onde fez os estudos de Filosofia no Seminário Maior de Luanda e posteriormente o noviciado em Kifangondo em 1988.

Depois de ter emitido os primeiros votos na Congregação do Verbo Divino, foi enviado para a província espanhola da Congregação do Verbo Divino onde fez os estudos teológicos na faculdade de teologia da Universidade Pontifícia de Comillas, onde também conseguiu a licenciatura em direito civil. No dia 1 de Outubro de 1994, fez a sua profissão perpétua na congregação de Verbo Divino. Em 1995, no dia seis de Agosto, foi ordenado sacerdote.

Recebeu o primeiro destino missionário em Espanha onde trabalhou de 1995 a 2000 como Capelão dos emigrantes africanos, na Arquidiocese de Madrid, ao mesmo

tempo era Reitor da comunidade dos alunos de teologia e Superior religioso dos missionários do Verbo Divino em Madrid.

Em 2000 regressa a Angola e é nomeado reitor da casa central da congregação do Verbo Divino em Luanda. Em 2007, foi nomeado vice Superior Provincial da Congregação e, posteriormente, Superior Provincial.

Em 2012 isto é, no dia 19 de Maio foi nomeado Bispo Auxiliar de Luanda pelo Papa Bento XVI, e ordenado bispo a 12 de Agosto de 2012 em Luanda, na cidadela desportiva. Desde 27 de Março de 2006, Dom Zeferino Zeca Martins é também professor de direito na Universidade Católica de Angola.

Em Outubro de 2018 é nomeado arcebispo da Arquidiocese do Huambo passando a ser o primeiro arcebispo verbita angolano. É de lembrar ainda que Dom Zeferino Zeca Martins SVD é responsável pelo da Comissão Episcopal da Juventude da CEAST.

5.3 Dom Estanislau Marques Chindecasse SVD

É filho de Estanislau Sacapo e de Celina Napela. Nasceu no Bairro de Canhe-grande, nas proximidades da cidade do Huambo, no dia 18 de Agosto de 1958. Foi baptizado na Missão Católica da Santa Cruz-Canhe-Huambo, aos 18 de Outubro de 1958. Fez os estudos primários na mesma Missão Católica tendo concluído a 4ª classe, em 1971.

Aos 21 de Setembro de 1971 ingressou no Seminário Menor da Caála-Quipeio era reitor, Dom Eugénio Salessu. Face ao agravamento da situação politico-militar em Setembro de 1976, houve a urgente necessidade da retirada dos seminaristas para a cidade do Huambo. Passou a residir na casa dos rapazes, com alguns seus colegas, frequentando as aulas no Seminário dos Missionários do Espírito Santo.

Ingressou no Seminário Maior de Cristo Rei, como seminarista da Arquidiocese do Huambo, em 1977. Mas, em 1980, no começo do ciclo teológico, ingressou, como candidato na Congregação dos Missionários do Verbo Divino (SVD). Assim, para poder prosseguir a sua formação religiosa, partiu para Espanha, no dia 31 de Maio de 1981, a fim de dar início ao Noviciado na Comunidade de Dueñas (Palência). No mesmo ano, a 08 de Setembro, deu início ao Noviciado tendo concluído esta fase, a 08 de Setembro de 1982, emitindo os primeiros votos. Seguiu para Portugal, no mesmo dia, para retomar a

formação académica, frequentando assim o Curso Superior de Teologia, na Faculdade de Teologia, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Em 1985 terminou a fase de formação académica, recebendo o grau de Licenciatura em Teologia, com a dissertação: “A relação Igreja-Estado. Sobre a situação da Igreja na sociedade angolana”.

No ano lectivo de 1985/1986, fez estágio no Seminário Missionário do Verbo Divino, em Tortosendo, como Prefeito de Disciplina e professor de Religião e Moral Católica. Emitiu os votos perpétuos na Sociedade do Verbo Divino, aos 18 de Outubro de 1986, e no dia seguinte, foi ordenado Diácono, na Capela do Seminário de Tortosendo, por Dom José Garcia. No mesmo ano, em Dezembro, seguiu para Bruxelas, Bélgica, onde frequentou o IFCAD (Instituto de Formação de Quadros para o Desenvolvimento) e o Instituto de Pastoral e Catequética *Lumen Vitae*, como estudante livre.

Foi ordenado Sacerdote na Missão Católica de Santa Cruz do Canhe, no Domingo de Cristo Rei, 22 de Novembro de 1987, por Dom Eugénio Salessu, então Bispo de Malanje. Em 1988, seguiu para a então República do Zaire, hoje República Democrática do Congo. Teve uma intensa actividade missionária depois de ter feito o Curso de Kikongo em Bandundu, na Missão Católica de Kimbau, tendo se encarregado das aldeias, na região compreendida entre os rios Bakali e Inzia. Depois, em finais de 1989, foi para a Missão de Santo Agostinho, tendo acumulado a responsabilidade pastoral da região compreendida entre os rios Cassai e Cuilo e as de professor de História Universal e da África, no Liceu de Beno.

D. Estanislau Chindekasse regressou a Angola, por estrada, em Agosto de 1991, na companhia do Diácono António Jaca SVD, actual Bispo de Benguela. Fixou-se no Bairro de Terra Nova, em Luanda, na residência dos Missionários do Verbo Divino, na Paróquia de Cristo Rei. Foi nomeado encarregado da promoção Vocacional e do acompanhamento dos candidatos à Congregação do Verbo Divino; foi professor no Seminário Propedêutico de Luanda; no Instituto de Ciências Religiosas de Angola-Região Luanda (ICRA) Professor no Seminário Maior de Luanda. Foi com ele que deram os primeiros passos para o estabelecimento da casa de formação dos Verbitas, em Viana. Coordena a celebração das Missas Televisivas, transmitida pela TPA; foi Vigário Dominical em Cacuaco-Kifangondo e foi o primeiro Secretário Executivo do CEIR (Centro de Estudos dos Institutos Religiosos).

Em 1994, o D. Estanislau parte para Roma a fim de se especializar em Filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Conclui o doutoramento com a dissertação “A liberdade de Deus e do Homem em Luigi Pareyson e Shalling”, em 1997. Neste mesmo ano fez parte do Conselho Geral da Sociedade do Verbo Divino por um ano. Aquando do XV Capítulo Geral decorrido em 2000 foi eleito para um mandato de seis anos e, depois, o XVI Capítulo Geral reelege-o para mais um mandato de seis anos, isto é, até 2012. Regressou a Angola em 2012, ano em que celebrava as bodas de prata sacerdotais. A esta festa veio juntar-se a de ser nomeado por Sua Santidade o Papa Bento XVI, a 22 de Novembro de 2012, terceiro Bispo da Diocese do Dundo. Como lema do seu múnus episcopal escolheu: “*Ut Vitam abundantius habeant ut habiant, et abundantius* ” (Para que tenham vida em abundância”Jo 10, 10.)

Foi sagrado Bispo aos 03 de Março de 2013 no Pavilhão Multiusos Osvaldo Serra Vandunen. Foi Bispo sagrante Dom Gabriel Mbilingi, Arcebispo do Lubango e então Presidente da CEAST e foram Bispos consagrantes: Dom José de Queirós Alves, Arcebispo do Huambo e Dom José Manuel Imbamba, Arcebispo do Saurimo. Todos os Bispos da CEAST se fizeram presentes, as autoridades governamentais, civis, militares e policiais. De todas as Dioceses de Angola sacerdotes, religiosas e religiosos marcaram a sua presença. O pavilhão foi tão pequeno para acolher os milhares de cristãos que vinham para tomar parte naquele acto solene da elevação episcopal de mais um filho do Huambo.

6. Síntese conclusiva

A experiência missionária verbita tornou-se, assim, num verdadeiro diálogo profético, num constante dar e receber, num testemunhar a Jesus Cristo e anunciar o seu Evangelho e, simultaneamente, num descobrir a presença viva e actuante do seu Espírito em terras de Angola, onde havia de se assumir em profundidade a existência e a colaboração de uma Igreja local e numerosas comunidades particulares, e onde teve de se confrontar com situações de guerra civil e de injustiças e problemas pastorais próprios de uma vivência de fé num contexto sócio-cultural também particular. Por outras palavras, diria que a nossa experiência de missão pedia uma praxis de inculturação.

A Congregação dos Missionários do Verbo Divino, fundada por Sto. Arnaldo Janssen nasceu vocacionada para se dedicar ao anúncio do Evangelho e aos pobres. Tal

dedicação teria, porém, de se alicerçar numa espiritualidade profunda decorrente dos votos e da vida comunitária, fontes de dinamismo apostólico bem distinto da mera agitação filantrópica. A dedicação aos pobres tinha a finalidade bem marcada de, antes de mais, salvar almas, o que se obtém pela oração e consagração ao Senhor mais do que mediante correrias através dos continentes. Esta finalidade de uma vida religiosa profunda tendo em vista a salvação das almas mais abandonadas não incluía em concreto qualquer campo de apostolado: indicá-lo seria obra da vontade de Deus.

No desenvolvimento do tema Arnaldo Janssen e o seu projecto missionário, vimos quais foram as aspirações e as orientações missionárias do Padre Arnaldo, orientações e carisma que os verbitas abraçaram através da qual conseguiram implementar e libertar o povo Angola das garras do pecado e da morte eterna durante a guerra civil.

Os missionários do Verbo Divino em Angola seguindo as pegadas de seu Pai, Guia e Fundador Arnaldo Janssen deram esperanças ao povo angolano de um futuro melhor, fizeram uma verdadeira acção missionária. Saíram da sacristia e de uma pastoral de manutenção para irem ao encontro dos pobres e marginalizados da sociedade angolana. Tomaram iniciativas.

Na senda do Papa Francisco que pede uma “Igreja em saída”, os verbitas tentaram já naquele tempo de guerra civil, dar corpo ao que o Pontífice argentino sugere no documento programático ‘A Alegria do Evangelho’: *Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário*¹⁶⁸; *Não deixemos que nos roubem a esperança!* (nº86); *Não deixemos que nos roubem a comunidade*¹⁶⁹; *Não deixemos que nos roubem o Evangelho!*¹⁷⁰; *Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!*¹⁷¹; *Não deixemos que nos roubem a força missionária!*¹⁷².

Como se canta no Hino do Jubileu dos 50 anos da chegada dos primeiros verbitas a Angola: «Ontem, da Europa vindos, verbitas a Angola chegaram! Ao serviço do Evangelho, povos baptizaram, Missões fundaram, Escolas abriram, Dispensários ergueram, Culturas promoveram, Escravos resgataram, das Igrejas locais bases

¹⁶⁸ Evangelii Gaudium nº 80.

¹⁶⁹ IDEM, nº 92.

¹⁷⁰ IDEM, nº 97.

¹⁷¹ IDEM, nº 101.

¹⁷² IDEM, p. 109.

lançaram. Formando homens e mulheres para a Igreja e a sociedade, suas vidas generosamente doaram. Pelos 50 anos de Missão Verbita em Angola, recordemos, cantemos e louvemos as maravilhas do Senhor!»¹⁷³.

Os verbitas em Angola trabalhando com as quatro dimensões características da Congregação do Verbo Divino, procuraram ser voz dos sem voz nem vez, levaram a Boa Nova de Jesus Cristo a todo povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.

¹⁷³ Texto extraído do jubileu dos 50 anos da presença verbita em Angola em 2015.

CONCLUSÃO

Sem necessidade de repetirmos as conclusões parciais que foram apresentadas ao longo do texto, cremos que é agora o momento indicado e privilegiado para, com uma visão global e de conjunto, estabelecermos as conclusões gerais do trabalho.

Era nossa finalidade nesta pesquisa, estudar o trabalho dos missionários do Verbo Divino mais conhecidos como verbitas em terras de Angola durante todo o processo de guerra civil. Ao longo deste trabalho procuramos saber sobre aquilo que os Verbitas fizeram em Angola durante os 27 anos de guerra civil.

A minha opção pelo estudo nasceu do facto de ter constatado que durante os 53 anos de presença dos missionários do Verbo Divino em Angola, e depois de tanto trabalho que eles realizaram em prol da evangelização de Angola e do desenvolvimento humano integral, nunca se escreveu ainda uma história exaustiva da presença verbita em Angola tirando alguns opúsculos do Padre Elírio Dal Piva, brasileiro, fundador da missão do Verbo Divino em Angola.

Antes de falar dos missionários do Verbo Divino em Angola concretamente da sua actividade Missionária em Angola e da sua experiência em tempos de guerra civil, descrevi um pouco sobre a Igreja Católica em Angola, quis saber um pouco mais sobre papel profético da Igreja Católica na guerra civil angolana. E estando agora no fim desta pesquisa, chegamos à conclusão de que o percurso pastoral da missionação de Angola foi de altos e baixos, de luzes e de sombras e que a Igreja desempenhou um papel importantíssimo durante a guerra civil em Angola.

Quanto ao papel profético da Igreja Católica na guerra civil angolana, vimos que a Igreja Católica interveio activamente, com pronunciamentos teóricos e trabalho objectivo no terreno, em ordem à pacificação e reconciliação do país. Para se entender o alcance da sua intervenção (teórica e prática), quatro coisas me pareceram fundamentais estudar. Antes de mais, esta ligação visceral entre os conceitos de “Justiça” e de “Paz”,. Estes conceitos associados são aplicados de forma transversal em toda a praxis eclesial. Depois, havia que perceber o que faz investir a Igreja em questões que tocam na justiça, na paz, nos direitos humanos: a sua mais que centenária Doutrina Social, um património teórico riquíssimo que só faz sentido quando deixa de ser letra morta e se converte em intervenções práticas.

A Igreja Católica, em África, tem ideias próprias e práticas pastorais solidárias e específicas. Ora, para entendermos o porquê da intervenção da Igreja Católica em favor da pacificação de Angola, tivemos que a situar no contexto dos valores teológicos e das concepções pastorais, políticas e sociais que caracterizam a Igreja local. O caminho de progressiva autonomização das Igrejas em África explica a maneira muito própria da Igreja intervir em Angola, durante a guerra civil. As grandes correntes teológicas que, em África, focam as dimensões da Libertação, da Inculturação e da Reconstrução estão presentes nos textos e nas actuações dos membros da Igreja Católica em Angola.

Por isso, concluo que a Igreja Católica em Angola deu um contributo importante à pacificação do país, através das suas intervenções teóricas e práticas na linha da “Justiça” e da “Paz”. E tal só foi possível porque interiorizou e pôs em prática a Doutrina Social da Igreja; tomou a sério toda a tradição Banto (da Cultura que tem as Religiões Tradicionais como elemento fundamental) no que diz respeito à reconciliação, à paz e sentido de comunidade; leu os sinais da História recente que apontavam para uma relação de uma certa promiscuidade entre o Estado Colonial e a Igreja Católica.

A análise dos documentos (Mensagens, Depoimentos e Eventos) referentes às intervenções da Igreja Católica em Angola prova que as teorias e práticas defendidas e testemunhadas seguem os grandes princípios da Doutrina Social da Igreja, no que diz respeito à “Justiça” e à “Paz”. A Igreja Católica tentou ser coerente com os seus princípios e trabalhou muito pela reparação dos danos causados pela guerra. Esforçou-se por manter uma neutralidade ideológica e militar em relação aos beligerantes. Os discursos e práticas da Igreja Católica tiveram um forte impacto numa sociedade em guerra civil, na medida em que introduziram sentido e reparação. Foi precisamente esta reparação quem deu esperança na obtenção da paz para as populações vitimadas por uma guerra que começou por ser colonial (1961-1974) e degenerou numa guerra civil (1975-2002).

As Mensagens Pastorais da CEAST sempre falam da urgência do cessar fogo, do respeito pelos Direitos Humanos (gravados na Declaração da ONU de 1948), do combate à fome e à corrupção, da reconciliação, do perdão, da justiça e da paz. Falam da liberdade de expressão e de circulação. Há uma condenação frequente da intolerância política, da imposição ideológica dos partidos beligerantes, das atrocidades cometidas pelos militares, dos bombardeamentos sobre alvos civis. Nunca a guerra é considerada

justa, porque os efeitos negativos que ela está a provocar junto das populações civis não é proporcional aos ganhos que os beligerantes dizem trazer ao povo. A ajuda humanitária às populações é incentivada pelos documentos da Igreja e coordenada pela Caritas, organização católica de solidariedade social. A Doutrina Social da Igreja Católica dá legitimidade teórica à acção da Igreja que é confirmada com as suas práticas de apoio às vítimas da guerra.

A Igreja Católica é, no contexto em estudo, um actor de grande relevância social e político e só a grande estima que as populações lhe têm a preservam dos maus tratos que os beligerantes lhe gostariam de infligir. De facto, a Igreja Católica em Angola, segundo os documentos estudados, contestou fortemente as práticas dos políticos e militares de ambos os lados da trincheira e, no contexto da mais absoluta falta de liberdade de expressão, conseguiu merecer o respeito de ambos os lados.

A Igreja Católica em Angola foi corajosa nas mensagens que publicou. As anteriores a 1990 criaram fortes atritos com o Governo, com ameaças deste ilegalizar a instituição. Ela sempre defendeu que a paz dependia de uma negociação justa, de uma reconciliação assente no perdão, fazendo apelo às normas internacionais e à “cultura tradicional banto”. A denúncia de atrocidades da guerra e à corrupção aparece em quase todas as mensagens. O direito a apoiar as populações com ajuda humanitária é exigido aos beligerantes que, regra geral, a impediam. A multiplicação de exigências de negociações sérias e em ordem a um cessar-fogo e consequente fim da guerra civil ajudou a criar no povo esta expectativa e a gerar nos políticos e militares esta obrigação. Os depoimentos apontam todos na mesma direcção.

Há uma condenação clara da guerra e propostas teóricas para que a situação se resolva pela negociação. Bispos, Padres e Irmãs são unânimes nesta convicção e no testemunho desse compromisso prático dos membros desta instituição: a Igreja denunciava a guerra e tentava, ao mesmo tempo, curar as feridas que ela provocava. A reparação dos efeitos dramáticos do conflito era feita pelo apoio espiritual, pela distribuição de ajuda humanitária, bem como pelas intervenções nas áreas da saúde, da educação e da promoção dos direitos humanos.

Percebendo tudo isto, avancei para este trabalho falando da Experiência dos missionários do Verbo Divino em Angola, onde pude perceber o contributo dos verbitas durante a guerra civil angolana a partir das quatro dimensões características da

Congregação de um modo concreto da Justiça e Paz e Integridade da criação, vendo o papel dos verbitas na construção de uma Angola democrática, justa e de paz.

Trouxe, para ilustrar estas tensões fortes existentes entre a Igreja Católica e os beligerantes, o caso emblemático do P. Konrad Liebscher, missionário do Verbo Divino que chegou a ser preso por denunciar a forma como o Governo, com a guerra, tirava futuro aos mais pobres, sobretudo às crianças de rua.

Nesta dimensão da *Justiça e Paz e Integridade da criação*, os missionários do Verbo Divino trabalhando em Angola em tempo de guerra civil fundaram o Centro de Acolhimento de Crianças de Rua, chamado Centro de Acolhimento Arnaldo Janssen.

O Centro de acolhimento Arnaldo Janssen foi inaugurado durante a guerra civil em Angola, pelo Padre Horácio de nacionalidade argentina, da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. O objectivo era, acolher as crianças que estavam a viver nas ruas da cidade de Luanda e aquelas vindas das províncias do interior, vindas das províncias, após o reinício da guerra em 1993.

Com a criação deste centro, uma das principais finalidades dos missionários do Verbo Divino em tempo de guerra civil em Angola, foi despertar nas crianças, jovens, famílias, comunidades, os sentimentos de autoconfiança que os estimulam a progredir; trabalhar no amor e respeito dos direitos humanos, tratando as crianças como cidadãos, com dignidade de filhos de Deus. Por isso, um dos trabalhos dos verbitas era localizar as famílias das crianças e com elas fazer os trabalhos sociais de casa e o trabalho comunitário que os ajudasse a encontrar respeito as necessidades reais segundo a problemática da criança e da família.

Os verbitas contribuíram e têm contribuído para o desenvolvimento da Igreja Local dando três bispos à Igreja de Angola. Para além do contributo que deram na área da educação da saúde e da evangelização de Angola em tempos difíceis de guerra civil.

BIBLIOGRAFIA

1. ENCICLOPÉDIAS/DICCIONÁRIOS

Dicionário de História Religiosa de Portugal, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências (2 Vols).
Lisboa: Verbo, 2001

BÍBLIA SAGRADA. Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2008.

Dicionário Histórico das Ordens, Institutos Religiosos e outras formas de Vida Consagrada Católica em Portugal. Lisboa: Gradiva.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. (21 Vols). Lisboa, S. Paulo: Verbo, 1995

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Lisboa: Verbo, 2001

2. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENTO XVI, *Carta encíclica Deus caritas est* (25 de Dezembro de 2005). Prior Velho, Paulinas, 2006.

_____ *Carta encíclica Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009). Lisboa, Paulus, 2009.

_____ *Exortação apostólica Verbum Domini* (30 de Setembro de 2010). Prior Velho, Paulinas, 2010. linas, 2006.

_____ *Discursos da Visita Pastoral a Angola*. Luanda: Ed. Paulinas / CEAST, 2009.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações, Ed. Apostolado da Oração, Braga 1976.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Braga, 9ª Ed, 1966, pp.1025- 1120.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Lisboa: Principia, 2005.

CONSELHO PONTIFÍCIO para o diálogo inter-religioso, *Diálogo e anúncio*. Reflexão e orientações sobre o diálogo inter-religioso e o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo (19 de Maio de 1991).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2000.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO. Braga, Editorial A.O., 1983.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Fé e inculturação*. Lisboa, Rei dos Livros, [s.d.].

_____ O cristianismo e as religiões. Coimbra, Gráfica de Coimbra, [s.d.].

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 2013.

_____ Exortação Apostólica *Laudato SI*, Paulinas, Lisboa 2015.

JOÃO XXIII, *Carta encíclica Mater et Magistra* (15 de Maio de 1961), in P. STILWELL (coord.), *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa, Rei dos Livros, 1993: 143-193.

_____ *Constituição apostólica Humanae salutis* (25 de Dezembro de 1961), in Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos conciliares. Constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2002.

_____ «*Discurso do Papa João XXIII na Inauguração do Concílio*», in Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos conciliares. Constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2002: xxxiii-xliv.

_____ *Carta encíclica Pacem in terris* (11 de Abril de 1963), in P. STILWELL (coord.), *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa, Rei dos Livros, 1993: 195-233.

JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Redemptor hominis* (4 de Março de 1979). Braga, Editorial A.O., 1979.

_____ *Carta encíclica Redemptoris missio* (7 de Dezembro de 1990). Braga, Editorial A.O., 1991.

_____ *Carta encíclica Ut unum sint* (25 de Maio de 1995). Lisboa, Rei dos Livros, 1995.

_____ *Exortação apostólica Ecclesia in Africa* (14 de Setembro de 1995). Lisboa, Rei dos Livros, 1995.

_____ *Exortação apostólica Vita consecrata* (25 de Março de 1996). Lisboa, Paulinas, 1996.

LEÃO XIII, *Carta encíclica Rerum novarum* (15 de Maio de 1891), in P. STILWELL (coord.), *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa, Rei dos Livros, 1993: 33-67.

PAULO VI, *Carta encíclica Ecclesiam suam* (6 de Agosto de 1964), in P. STILWELL (coord.), *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa, Rei dos Livros, 1993: 235-270.

PAULO VI; João Paulo II (2001). *Mensagens para a Paz. Textos para a celebração do Dia Mundial da Paz*. Cascais: Principia / Comissão Nacional Justiça e Paz.

PAULO VI (2001). *Mensagem de Sua Santidade Paulo VI para a Celebração do I Dia Mundial da Paz*. In Paulo VI; João Paulo II. *Mensagens para a Paz. Textos para a celebração do Dia Mundial da Paz*. (pp.21-25). Cascais: Principia, Comissão Nacional Justiça e Paz.

_____ *Carta encíclica Populorum progressio* (26 de Março de 1967), in P. STILWELL (coord.), *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa, Rei dos Livros, 1993: 367-397.

_____ *Exortação apostólica Evangelii nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975), in P. STILWELL (coord.), *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa, Rei dos Livros, 1993: 447-500.

SECRETARIADO para os Não-Cristãos. *Diálogo e Missão*, Vaticano, 1984.

3. DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST. *Em defesa da Esperança, Luanda*, 1996.

CEAST. *O sangue do teu irmão clama da terra até mim (Gn 4,10)*, Luanda, 1993.

CEAST. *Por uma Angola renovada, Luanda*, 1994.

CEAST. *Veemente Apelo*. Luanda, 1998.

CEAST. *A Igreja em Angola entre a guerra e a paz. Documentos Episcopais 1974-1998*. Luanda: Secretariado de Pastoral, 1998.

CEAST. *A Igreja perante a SIDA*, Luanda, 2002.

CEAST. *A Páscoa Angolana*. Luanda, 1996.

CEAST. *A Pátria de Luto*. Luanda, 1992.

CEAST. *A Reconciliação Nacional*. Luanda, 1999.

CEAST. *A Salvação do Povo*. Luanda, 1993.

CEAST. *A Saúde Moral da Nação*. Luanda, 1995.

CEAST. *Angola, para onde vais?*. Luanda, 1998.

CEAST. *Anuário Católico de Angola e S. Tomé*. Luanda, 1999.

CEAST. *Anuário Católico de Angola e S. Tomé*. (2 Volumes). Luanda, 2009.

CEAST. *Ao encontro do Príncipe da Paz*. Luanda, 1993.

CEAST. *Ao largo, confiantes*. Luanda, 2001.

CEAST. *Apostemos na Paz*. Luanda, 1997.

CEAST. *Às portas da Segunda República*. Luanda, 1992.

CEAST. *Carta aos Angolanos*. Luanda, 1998.

CEAST. *Carta Pastoral no Cinquentenário de Sta Teresinha do Menino Jesus como Padroeira das Missões*, Lubango, 1977.

CEAST. *Carta Pastoral sobre a Igreja e a Cultura Angolana*. Luanda, 1975.

CEAST. *Carta Pastoral sobre Baptismo e Confirmação*. Luanda, 1990.

CEAST. *Carta Pastoral sobre Baptismo e Igreja*. Luanda, 1991.

CEAST. *Carta Pastoral sobre o Baptismo e a Eucaristia*. Luanda, 1989.

CEAST. *Carta Pastoral sobre o momento cristão de Angola*. Luanda, 1974.

CEAST. *Conversão e Patriotismo*. Luanda, 1996.

CEAST. *Corações ao Alto*. Luanda, 1994.

CEAST. *Dai-nos a Paz!*. Luanda, 2002.

CEAST. *De Mãos Dadas*. Luanda, 1997.

CEAST. *Em defesa da vida*. Luanda, 1991.

CEAST. *Felizes os Obreiros da Paz*. Luanda, 1991.

CEAST. *Firmes na Esperança*. Luanda, 1986.

CEAST. *Irmãos, porque nos matamos?*. Luanda, 1993

CEAST. *Jubileu da Esperança*. Luanda, 1999.

CEAST. *Justiça e Pão para todos*. Luanda, 2001.

CEAST. *Mensagem aos Religiosos*. Luanda, 1990.

CEAST. *Mensagem aos responsáveis políticos do MPLA-PT e da UNITA, a todo o Povo de Deus e aos Homens de Boa Vontade*. Luanda, 1989.

CEAST. *Mensagem de saudação pelo Memorando de Entendimento*. Luanda, 2002.

CEAST. *Mensagem para a preparação do Jubileu do ano 2000: Ano nacional da Família Angolana*. Luanda, 1995.

CEAST. *Mensagem Pastoral após a Visita Ad Limina*. Luanda, 1991.

CEAST. *Mensagem Pastoral após reunião da Imbisa*. Luanda, 1998.

CEAST. *Mensagem Pastoral de Apelo à Paz*. Luanda, 1998.

CEAST. *Mensagem Pastoral sobre a Reconciliação Nacional*. Benguela, 1989.

CEAST. *CEAST. Mensagem Pastoral sobre as conversações de Paz*. Luanda, 1990.

CEAST. *Mensagem Pastoral sobre as exigências da Paz*. Luanda, 1989.

CEAST. *Mensagem Pastoral sobre o Jubileu do V Centenário da Evangelização*. Luanda, 1990.

CEAST. *Nota Pastoral sobre o regresso dos Refugiados*. Benguela, 1975.

CEAST. *Novo Milénio, Vida Nova*. Luanda, 2000.

CEAST. *O Ano da Reconciliação*. Luanda, 2000.

CEAST. *O calvário do povo angolano*. Luanda, 1999.

CEAST. *Os Cristãos e a Política*. Luanda, 1991.

CEAST. *Os nossos passos no caminho da Paz*. Luanda, 1992.

CEAST. *Políticos, Democracia e Justiça*. Luanda, 1992.

CEAST. *Preparêmo-nos para o receber*. Luanda, 1992.

CEAST. *Salvai-nos que perecemos*. Luanda, 1992.

CEAST. *Salvemos a vida dos angolanos*. Luanda, 1999.

CEAST. *Saudação ao 4 de Abril*. Luanda, 2002.

CEAST. *Angola, 35 anos de independência*. Luanda, 2010.

4. DOCUMENTOS DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO

ARQUIVO DA PROVÍNCIA DOS MISSIONÁRIOS DO VERBO DIVINO EM ANGOLA, Bairro Terra Nova, Luanda, 2017.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE SANTA MADALENA, Bairro Terra Nova, Rua Ilha da Madeira, Luanda, 2017.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DE KIFANGONDO, Kifangondo, Cacuaco, Luanda, 2017.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, Cacuaco Luanda, 2017.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DO VERBO DIVINO, Viana, Luanda, 2017.

ARQUIVO DA PARÓQUIA SÃO JOSÉ FREINADMETZ, Panguila, Luanda, 2017.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DA SAGRADA FAMÍLIA, Tomboco, Zaire, 2017.

ARQUIVO PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, N´zeto, Zaire, 2017.

ARQUIVO PARÓQUIA DE SANTA TERESINHA, Caculama, Malanje, 2017.

ARQUIVO PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, Kakolo, Saurimo, Lunda Sul, 2017

ARQUIVO PARÓQUIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, Missão do Sêndi, Lubango, 2009.

ARQUIVO PARÓQUIA DO VERBO DIVINO, Kaungula, Lunda Norte, 2017.

ARQUIVO DO CENTRO DE ACOLHIMENTO SANTO ARNALDO JANSSEN, Palanca, Luanda, 2017.

ARQUIVO DA DIOCESE DE CAXITO, Caxito, Bengo, 2007

ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DE LUANDA, Luanda, 2012

ARQUIVO DA DIOCESE DO DUNDO, Lunda Norte, 2012

Missionários do Verbo Divino: 50 anos em Portugal (1949-1999), Fátima, Gráfica de Coimbra, 1999, 109 p.

CONSTITUIÇÕES DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. Fátima, [s. n.], 1986.

BARBOSA, David Sampaio. *Missionários do Verbo Divino: História de uma presença em Portugal*, Fátima, Gráfica de Coimbra, 2002, 91 p.

CATALOGUS Sodalium Societas Verbi Divini 2000. Roma, Curia Generalizia SVD, 1965.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2010. Roma, Curia Generalizia SVD, 1985.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2000. Roma, Curia Generalizia SVD, 1992.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2010. Roma, Curia Generalizia SVD, 1995.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2000. Roma, Curia Generalizia SVD, 2000.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2010. Roma, Curia Generalizia SVD, 2002.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2000. Roma, Curia Generalizia SVD, 2012.

_____ Sodalium Societas Verbi Divini 2010. Roma, Curia Generalizia SVD, 2015.

C. D'Souza, *Ao encontro do outro. Uma leitura missionária das Constituições da Congregação do Verbo Divino*. São Paulo, [s.n], 1997, p. 140.

MISIONERO DEL VERBO DIVINO. *Nuestra Misión ante el 2000*, Generalato, Roma, 1999, 301 p.

REUTER, J. *Arnaldo Janssen: Cativado e enviado pelo Espírito*, Braga, Verbo Divino, 1992, 169 p.

PERBECHE, Henrique, *Arnaldo Janssen ontem e hoje: Personalidade, Carisma, Herança*, Curitiba, 2000, 476 p.

5. ESTUDOS

ALTUNA, R. A. *Cultura Tradicional Bantu*. Lisboa, Luanda, Maputo: Paulinas, 2006.

ANTÓNIO, Monteiro. *Portugal, os Estados Unidos e a guerra angolana*, in *Negócios Estrangeiros*, nº6. Dezembro de 2003, p.8.

ALBURQUEQUE, C. (2002). *Angola. A Cultura do medo*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.

ANDRADE, J. P. (1991). *O compromisso sócio-político do cristão*. Luanda: CEAST.

ANSTEEN, M. (1997). *Órfão da Guerra Fria*. Radiografia do colapso do Processo de Paz Angolano (1992/93). Porto: Campo de Letras.

ANTUNES DA SILVA, J. *O Dialogo Profético: identidade e missão da Congregação do Verbo Divino segundo o seu XV Capítulo Geral (ano 2000)*, Fátima, Missionários do Verbo Divino, 2012, 539 p.

CAMATI, Arminda., *a Intervenção da Igreja Católica em Angola pelos media (1975-2002)*, Lisboa, ISCTE, 2014, 93 p.

CAPOCO, Z. D. *Óscar Braga. Trinta anos de Missão. Experiência Pastoral em Benguela*. Benguela: Fé, Cultura e História, 2005.

BARBOSA, Manuel Joaquim Gomes, Bispo de Roma, Papa Francisco, *Lumen*-revista de documentação e reflexão pastoral, publicação bimensal, Ano 74-série III nº2, Mar/Abril 2013, 30 p.

BÉDAT, Arnaud., *Francisco o argentino: o Papa íntimo contado pelos seus próximos, Guerra e Paz*, 2014, 204 p.

COMERFOR, M. *O Rosto Pacífico de Angola. Biografia de um Processo de Paz (1991-2002)* Luanda: ed. Autor, 2005.

COMISSÃO JUSTIÇA e PAZ da CEAST (1992). *Ao Responsável da ONU em Angola. Protecção e defesa dos Direitos Humanos*. [pró- manuscrito]. Luanda: CEAST.

COMISSÃO 'JUSTIÇA E PAZ' da CEAST (1996, Abril-Junho). Detenção e julgamento do P. Konrad Liebscher. Kiphuka, Malanje, pp.20-21.

CONCORDATA entre a Santa Sé e a República Portuguesa, Lisboa, 2001.

CONFERÊNCIA Episcopal Portuguesa – *Encontro de Culturas, Oito séculos de Missionação Portuguesa*, Lisboa, 1994.

COOL, M. e MARUJO, A. *Francisco, Pastor para uma nova Época*, Paulinas, Lisboa, 2013, 191 p.

COSTA, C. F. (1970). *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola*. 1866-1966. Nova Lisboa : Espiritanos.

CRUZ, Manuel Braga - «*O Estado e a Igreja Católica*», in Portugal e o Estado Novo 1930-1960, vol. XII, Lisboa, ed. Presença, 1992.

EDUARDO, Dos Santos, Eduardo. *Religiões de Angola*, p. 192.

ESCOBAR, Mario. *A vida de Francisco: edição comemorativa do início do pontificado*, nascente, Lisboa, 2013, 222 p.

EUGENIA RODRIGUES. *A Geração silenciosa: a Liga Nacional Africana e a representação do Branco na Década de 30*, Edições Afrontamento, Porto, 2003, p.178.

FERREIRA, António Matos. «*Cristianismo e Espaço Ultramarino*», in Historia da expansão Portuguesa, vol. 5, Lisboa, 2000.

FONTES, Paulo F. Oliveira. «*A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974)*», in CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, Missionação portuguesa e encontro de culturas. Actas, cristandade portuguesa até ao

Século XV Evangelização interna, ilhas atlânticas e África Ocidental, vol. I, Braga, UCP, 1993.

GABRIEL Manuel Nunes. *Angola cinco séculos de cristianismo*, Braga, 1978. «O _____ Ultramar português e a Igreja na hora presente». in LIÇÕES DA I SEMANA DE ESTUDOS MISSIONÁRIOS, A Evangelização do Mundo na hora do Concílio ecuménico, Editorial, Missões, Lisboa, 1963.

_____. *Diocese de Malanje, 1957.25 anos. 1982*, ed. Diocese de Malanje, Malanje, 1982.

HILEMUSINDA, Apolinário. *História da Universidade Católica de Angola: da génese à fase actual (1999-2014)*, Luanda, Mayamba, I Volume, 2015, 319 p.

HILEMUSINDA, Apolinário. *História da Universidade Católica de Angola: da génese à fase actual (1999-2014)*, Luanda, Mayamba, II Volume, 2015, 337 p.

HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola um rio com Várias Correntes*, Lisboa, ed. Além-mar, 1990.

IMBISA. *Justiça e Paz na África Austral*. Luanda, 1988.

JOÃO BERNADINO JORGE DE SÁ. *Cabinda: Cristianização na segunda metade do século XIX (Missionação ou política? A Missão de Lândana)* in Actas do Seminário: Encontro de povos e culturas em Angola, s. ed, Luanda, 1997, p. 341.

JOÃO PAULO II (1993). *Visita a Angola*. Alocuções. Luanda: CEAST.

MARTINS, José Saraiva. «o contributo das escolas católicas no processo de desenvolvimento na África», in Povo e culturas em Educação em África, Lisboa, 1990.

MATA, Isabel. *Evangelização em Angola (1908-1975)*, Instituto das franciscanas Missionárias de Maria, Águeda, Lisboa, 2000, 237 p.

MATUMONA, M. (2004). *A Reconstrução de África na Era da Modernidade*. Ensaio de uma Epistemologia e Pedagogia da Filosofia Africana. Uíge: Sedipu.

_____. (2008). *Teologia Africana da reconstrução como novo paradigma epistemológico*. Lisboa: Roma Editora.

- MOSAICO, CEAST. *II Semana Social. O Cidadão e a Política*. Luanda: Mosaiko, 2004.
- MUACA, E. A. *Breve História da Evangelização de Angola*. Luanda: CEAST, 1999
- NASCIMENTO, A. (1992). *Caminhos da Esperança*. Lisboa: Rei dos Livros.
- NEVES, T. *Angola. A Igreja Católica pela Paz*. Lisboa: Rei dos Livros, 2001
- _____. *Justiça, Paz e Direitos Humanos*. Huambo: Arquidiocese do Huambo, 1995.
- _____. *Missão em Angola*. (2ª Ed.). Porto: S. C.M. Gondomar, 1997
- _____. *Justiça e Paz em Angola nas intervenções da Igreja Católica*, Lisboa, 2012.
- NGABA, A. V. *Angola: a voz profética dos Bispos da CEAST (1975-2002). Uma antropologia teológica para a educação para a Paz*. Mbanza Kongo: Sediaca, 2008.
- NUNES, J. *Pequenas comunidades cristãs. O ondjango e a inculturação em África / Angola*. Porto: UCP / Fund. António de Almeida, 1991.
- NEIVA, Adélio Torres. «Acordo Missionário», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal, A-C – Portugal*, Lisboa, 2000.
- NEVES, A.F. Santos. *Liturgia Cristianismo e Sociedade em Angola*, Lisboa, 1968
- NGULUVE, Alberto Kapitango. *Educação angolana: Políticas de Reforma do Sistema Educacional angolano*, Biscalchin, S. Paulo, 2010, 164 p.
- NETO, Teresa da Silva. *História da Educação e Cultura de Angola_ Grupos nativos, Colonização e Independência*, 2ªed, Garrido Artes Gráficas, S. Paulo 2012, 213 p.
- NTEKA, Afonso. *Construtores do Reino*, Pádua (Itália), ed. Secretariato Missioni Capuccini, 2003.
- NUNES, José. *Teologia da Missão*, Lisboa, ed. Missionária Pontifícias, Lisboa, 2008.
- NÚÑES, Martíns Carbajo. *Ecologia Franciscana: raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*, editorial franciscana, Braga, 2016, 300 p.
- PIQUÉ, Elisabete. *Francisco: Vida e Revolução*, Bertrand, Lisboa, 2014, 299 p.

SCHUBERT, B. (2000). A Guerra e as Igrejas. Angola 1961-1991. Lucerna: P. Schlettwein Publishing Switzerland.

6. ARTIGOS E REVISTAS

AGUALUSA, J. E. Conseguirá Eduardo dos Santos sobreviver? *Público*, 2002, Fevereiro 23, p.3.

ALVES, J. Q. Jamba, Mavinga e Cuito Cuanavale são símbolos deste *desastre humano*. *Encontro*, 1992, pp.12-14.

ALVES, J. Q. Paz ameaçada mas não esmagada. *Acção Missionária*, 1998, p. 4.

NEVES, T. Angola em Reconstrução. *Acção Missionária*, 2016, p....

BRAGA, Ó. A Igreja está disposta a mediar o conflito. *Acção Missionária*, 1999, p.8.

_____ Mediar a Paz a pedido. *Acção Missionária*, 2001, p.12.

KAMWENHO, Z. A Paz em Angola – milagre do Jubileu?. *Acção Missionária*, 2000, pp.20-22

_____ Ajudai Angola a viver. Prémio Sakharov 2001. *Encontro*, 2002, pp.5-7.

_____ Angola. Cimentar a Paz. *Encontro*, 2002, pp. 8-9.

_____ Pôr fim à guerra dos corações. *Encontro*, 2003, pp.202-2.

_____ Viver a Fé em Lusofonia. *Acção Missionária*, 1999, p.4.

_____ Curar feridas e dar as mãos. *Acção Missionária*, 1999, p.8.

_____ O futuro de Angola. *Público*, 2002, p.3.

MARUJO, A. Angola, país desaparecido da vida. *Além-Mar*, 1997, p.9.

MBILINGI, G. Acompanhar a reconstrução nacional. *Acção Missionária*, 2010, p.4.

_____ A fome não sabe esperar. *Encontro*, 2002, pp.20-22.

_____ Justiça, Paz e Reconciliação em África. *Acção Missionária* 2009, pp.6-7.

MOURISCA, F. M. Contra a cultura da violência. *Acção Missionária*, 1999, p.12.

_____. Igreja Católica, ontem e hoje. Os apregoados privilégios. *Apostolado*, 2002, pp.35.

MUACA, E. A. A Igreja lucrou com o 25 de Abril. *Acção Missionária*, 1999, p.8.

NAMBI, J. A aposta no Congresso da Paz. *Acção Missionária*, 2000, p.12.

_____. Pela sobrevivência de um povo. *Encontro*, 2001, pp.20-22.

NASCIMENTO, A. A guerra é uma explosão do absurdo. *Acção Missionária*, 1999, p.4.

NASCIMENTO, A. Rezai pela Paz em Angola. *L'Osservatore Romano*, 1998, p. 25.

NEVES, T. A Hierarquia da Igreja Católica e os Direitos Humanos. *Didaskw*, nº 11, 1990, pp. 10-37.

NEVES, T. A Hierarquia da Igreja Católica e os Direitos Humanos. *Didaskw*, nº 12, 1990b, pp. 56- 70.

NEVES, T. Teologia(s) Africana(s). *Igreja e Missão*, 2009, pp. 341-370.

NEVES, T. Por uma Angola sem guerra. *Acção Missionária*, 2001, p.4.

NEVES, T. Viver a esperança em Angola. Contra os fabricantes e os profetas da desgraça. *Communio*, nº 6, 1996, pp.543-552.

NEVES, T. Angola, 30 anos de independência. A guerra serve para quê?. *Communio*, nº 1, 2000, pp.76-87.

ONRAITA, L. M. Bombas sobre civis e “cultura do prato”. *Acção Missionária*, 2000, p.8.

PRESBITÉIRO DE LUANDA. *Comunicado sobre o P. Konrad Liebscher. [pró-manuscrito]*. Diocese de Luanda, 1996.

RIBAS, A. A Igreja nunca se calou. *Acção Missionária*, 2000, p.12.

RIBEIRO, M. Paz a Angola para sempre! *Encontro*, 2002, pp.17-19.

ROBERTO, B. Sonho uma Angola reconciliada. *Acção Missionária*, 2001, p.12.

- SCARPA, P. L. A guerra não nos paralisou. *Acção Missionária*, 1999, p.8.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE ANGOLA *Boletim Informativo.*, nº 1, 2001, pp. 1-23.
- VIANA, M. Malanje: cuidar das vítimas da guerra. *Encontro*, 1994, p.22.
- VILAS BOAS, Angola, o sopro da Paz. *Boa Nova*, 1991, pp. 12-14.
- VISÃO. As últimas horas de Savimbi. *Visão*, nº 469, 2002, pp. 52-62.
- VITI, FRANCISCO. Massacre de irmãos. *Acção Missionária*, 1999, p. 12.
- VITI, FRANCISCO. A Paz pelo reencontro dos corações. *Acção Missionária*, 1999, p.4.
- VITI, FRANCISCO. Huambo, terra de sofrimento. *Acção Missionária*, 2000, p. 12.
- VITI, FRANCISCO. Huambo: drama humanitário. *Acção Missionária*, 1999, pp.6-7.
- VITI, FRANCISCO. Por uma Paz sem Procuração. *Encontro*, 2001, pp.20-22.

ANEXOS

RESPOSTA DAS ENTREVISTA FEITA

No âmbito do nosso trabalho achamos conveniente elaborar um questionário aos missionários do Verbo Divino que trabalharam em Angola durante a guerra civil angolana.

Escolhi para a minha entrevista um missionário verbita experiente e veterano da missão verbita em Angola. Trata-se de um sacerdote verbita de nacionalidade portuguesa que trabalhou incansavelmente pela evangelização de Angola em tempos difíceis de guerra civil: Pe. Carlos Alberto Aires Matos que trabalhou durante vinte anos em Angola como missionário.

1. Como se chama e onde nasceu? Quando ingressou no Seminário do Verbo Divino?

R: Chamo-me Carlos Aberto Aires de Matos, nasci em Mondim de Basto, Traços do Monte fronteira com o Minho.

2. Em que ano chegou a Angola como Missionário do Verbo Divino?

R: Entrei no Seminário em Guimarães em 1956 no dia da festa da Penha em Setembro e me ordenei sacerdote em 1973, cheguei a Angola em seis de Fevereiro de 1974 antes fui para Espanha fazer um curso de preparação sobre o povo com quem eu iria trabalhar, a minha tese em Teologia foi sobre os Lunda- Tchokwe porque eu sabia que iria trabalhar com eles em Angola.

3. Lembra-se do ano em que os primeiros verbitas chegaram em Angola? Quais são?

R: Os primeiros verbitas chegaram à Angola em 1965 e se instalaram nos arredores de Luanda lugar onde se encontra hoje a Paróquia de Cristo Rei.

4. Porquê é que fomos para Cristo Rei e não para um outro sítio ou localidade de Luanda?

R: Cristo Rei era uma base para as outras missões que tínhamos em Angola. Era uma espécie de apoio aos missionários do Verbo Divino que iriam trabalhar no interior do país.

5. Como foi o trabalho dos Missionários do Verbo Divino durante a Guerra Civil partindo da nossa espiritualidade missionária SVD?

R: Durante a guerra civil o nosso trabalho foi em primeiro lugar escutar o povo de Deus e só depois é que anunciávamos a Boa Nova. E é isso que aconselhávamos aos missionários verbitas mais novos que acabavam de chegar ao País. Mais do que anunciar a mensagem evangélica, o mais importante é ouvir o povo e estar com eles nas inquietações e preocupações de cada dia

6. Que contributo os verbitas deram à Igreja local durante a guerra civil angolana? Na dimensão Bíblica, animação missionária, Justiça e Paz e integridade da criação e na comunicação social?

R: São vários os contributos que os verbitas deram durante a guerra civil. Antigamente estas dimensões características da Congregação do Verbo Divino formavam um todo, faziam parte do trabalho de cada verbita, todos trabalhavam nestas áreas como o nosso ADN.

7. Acha que as intervenções dos verbitas tiveram impactos para a pacificação de Angola?

R: Acho que sim. Em Angola nós os missionários do Verbo Divino conseguimos juntar os líderes dos dois partidos tanto os do MPLA como os líderes da UNITA.

8. Considera que a sociedade angolana reconhece o papel que os missionários do Verbo Divino realizaram em Angola durante a guerra civil?

R: Sim a sociedade de Angola e sobretudo o povo de Deus reconheceram sempre o nosso trabalho e o nosso papel na guerra civil. Vários fiéis já chegaram a dar-nos dinheiro dizendo-nos que os únicos que ficaram connosco durante a guerra civil e não nos abandonaram são os missionários e que merecem todo o nosso carinho.

FOTOS COM MISSÃO

Primeiros verbitas destinados à Angola



Entrega da cruz e envio missionário dos primeiros verbitas destinados à Angola-Fátima, 1966

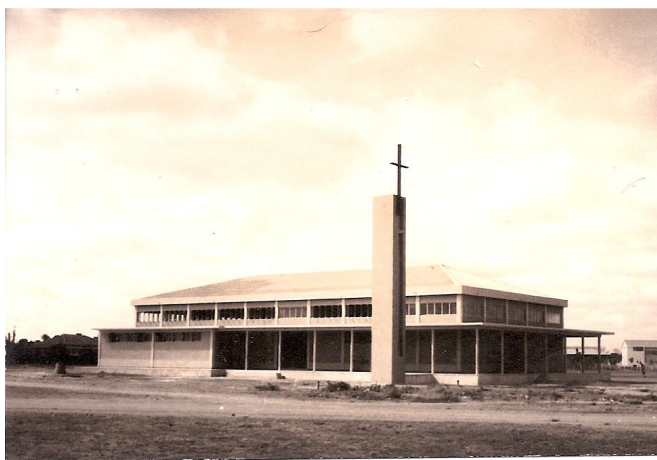




Início da construção da Paróquia de Cristo Rei em Luanda



Paróquia de Cristo Rei em Luanda, 1967



Paróquia de Cristo Rei



Santuário de Santo António de Kifangondo, Cacuaco-Luanda



Paróquia de S. Vicente, N'zeto



Paróquia de S. Teresa do Menino Jesus – Caculama



Paróquia da Sagrada Família – Tomboco



Paróquia de Nossa Senhora do Carmo – Cacolo



Paróquia de S. João Baptista – Cacuaco



Paróquia S. José Freinademetz – Panguila



Paróquia do Verbo Divino – Caungula



Paróquia do Sagrado coração de Jesus – Sendi



Paróquia do Verbo Divino – Viana



Missionário Verbita atendendo confissões durante a guerra civil



Dom António Jaca

Primeiro Bispo Verbita angolano



Dom Zeferino Zeca Martins Arcebispo metropolitano do Huambo

Segundo Bispo Verbata angolano



Dom Estanislau Marques Chindecasse SVD

Terceiro Bispo Verbita Angolano



Casa de Formação do filosofado SVD-Luanda Angola



Comunidade de Filosofia Pe. Jorge Poljak SVD, Palanca-Luanda



Sala de estudo do filosofado SVD em Angola



Capela do Filosofado SVD, Palanca



Seminaristas fazendo refeições



Pastoral no Lar Masculino da Missão do Sêndi-Huila



Na Missão do Sêndi com o Arcebispo do Lubango Dom Gabriel Mbiling



Centro médico de S.Lucas em Kifangondo



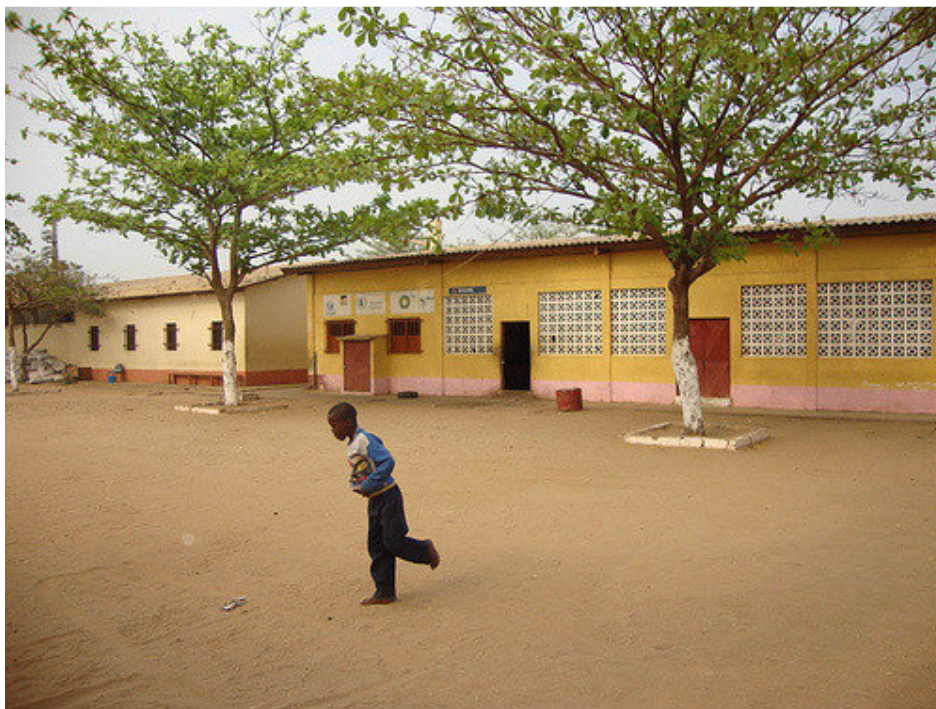
Centro de Acolhimento de crianças de rua Santo Arnaldo Janssen



Natal da Criança



Criança brincando no Centro



Sala de estudo do Centro de acolhimento em tempos de guerra civil



